

Revista da Semana

1942 EM
REVISTA



Fim de ano... Esperanças novas



A presidência de honra na solenidade das alunas que terminaram o curso secundário fundamental do Departamento Feminino coube ao representante do Sr. Presidente da República e tomaram parte ainda, na mesa, o representante do Sr. Ministro da Guerra, o sr. General Alcoforado e outras pessoas gradas.



As alunas que terminaram o curso secundário fundamental do Departamento Feminino do Instituto La-Fayette, na solenidade do encerramento dos trabalhos escolares, escolheram para patrono o Sr. Presidente Getulio Vargas, o Duque de Caxias e o Presidente Roosevelt.

Não há ano que termine sem deixar, nos corações dos que trabalham e estudam, esperanças risonhas e aspirações novas.

A mocidade agita-se nessa época. Uns terminam o estudo e sentem-se felizes com a vitória. Outros são promovidos e prelibam os prazeres do dever cumprido.

E' interessante a reportagem nos centros de cultura, em épocas de exames finais e de festas de despedida.

O Instituto La-Fayette, por exemplo, esteve muito movimentado do dia 17 ao dia 21, pois nesses dias houve as festas de despedida dos alunos que terminaram os diversos cursos nos seus quatro departamentos.

Eram alunas do Departamento Feminino e alunos dos departamentos Masculino e Misto que terminaram o curso secundário fundamental, eram os diplomandos nos Cursos de Secretário e Contador dos Departamentos Feminino e Misto; eram as comemorações pela terminação do curso ginásial dos três departamentos e ainda a interessante festa infantil do Departamento Preliminar.

Nessas festas de despedida fizeram-se representar o Sr. Presidente da República, o Sr. Ministro da Guerra, outros membros do mundo oficial, a Divisão de Ensino Secundário e outras autoridades do ensino.

Nos grandes vestibulos, cheios de movimento, passavam os convidados em direção ao recinto do teatro, onde se realizavam as solenidades deste ano; para esses vestibulos abriam-se as portas dos gabinetes de física, história natural, geografia, história da civilização e laboratórios de química, todos iluminados e em perfeita ordem.

O Instituto La-Fayette, com instalações tão completas e luxuosas, pode abordar o problema do ensino em todos os graus — desde o jardim da infância, primário, admissão, secundário e técnicos de comercio, até o superior da sua Faculdade de Filosofia.

Nesses dias de regosijo era grande a animação nos Departamentos do Instituto La-Fayette, principalmente na sede do Departamento Masculino, onde se realizaram as festas de despedida dos alunos, tanto internos como externos e semi-externos, num grande movimento de sociabilidade e de confraternização.



Numerosa assistência presente á festa de despedida dos alunos do Instituto La-Fayette.

ABERTURA DE ESCRITA

JANEIRO

1

SEXTA-FEIRA

POR
HERMAN
LIMA

Revista da Semana

Ano XLIV n.º 1

2 de Janeiro de 1943

HA vinte e dois anos, nesta mesma data de janeiro, venho, sem uma falha, donde quer que esteja, fazendo para casa as primeiras linhas do ano novo, como quem lança o título duma partida inicial de livro « Caixa ».

Quando digo para casa, não me refiro, todavia, á minha casa atual, mas ao velho casarão familiar de minhas praias cearenses de Meireles, que a minha saudade visita infatigavelmente, hora a hora.

« Ai, ha quantos anos que eu parti chorando
Deste meu saudoso, carinhoso lar!... »

Veiu-me o habito, desde a minha primeira fuga para os sertões de Aracati, quando, quasi rapazinho ainda, me vi, de repente, transformado numa contrafação de Tom Mix, a correr serviços de leguas numa estrada de rodagem, ás voltas com bandoleiros de todo o nordeste que a seca assolava, lambendo com a lingua de fogo as varzeas esturricadas por onde o sol embolava com o vento, como um novinho brigão, em legítimos « tornados » de pó vermelho das lombas de beira-rio.

Minhas livres e loucas cavalgadas sertão jaguaribano afora, ao canto das graunas e ao trestalar das palmas do carnaubal, pegando parelha com vaqueiros, pulando cancelas e porteiras de cercados, só não me aventurando mesmo a perseguir as reses no fechado das « caatingas », o que era então a minha suprema emoção cinematografica da vida sertaneja.

Solidão das horas noturnas, quando me recolhia ao quarto, no alto do sobrado do Barão, na rua do Comercio, vendo de minha janela passar adeante a fita do Jaguaribe, riscando na poeira do luar o traço de prata das aguas lentas, que pareciam ir levando no dorso a inquietação das minhas ansiedades e dos meus sonhos de vitória toda a dourada coruscação das minhas ilusões literarias, que eram afinal as de todo nortista tocado de ambições intellectuais.

Veiu-me, pois, numa hora dessas a ideia de lançar no papel, num recado caseiro para a minha gente, o meu voto de venturas que fosse ao mesmo tempo o meu proprio anseio de realizações que se cristalizasse.

De que recantos do mundo não partiu já, nestes quatro lustros, essa mensagem augural?

Na geografia da minha vida, esses pontos de reparo marcam bem os altos e baixos que o meu destino veio atravessando, Deus louvado, talvez mais altos que baixos, no final das contas.

Por meia duzia de anos seguidos, eram linhas traçadas no meu pobre quarto de estudante, numa « república » qualquer da Baía, enquanto os companheiros dansavam descuidados nos « reveillons » de casas conhecidas ou nos clubes elegantes da cidade. Do Coração das Lavras Diamantinas, em plenas alturas de Lençóis, vieram uma vez essas palavras. Depois, outra meia duzia de vezes, daqui do Rio. Dum hotel de « saison », um dia, perdido nos Alpes suíços. Do meu « flat » de Londres, outras duas vezes, ao calor da lareira, enquanto a neve caía lá fora, branca e silenciosa, como carícia feminina. Novamente agora, da paisagem carioca, vão tomando voo, na calma desta hora de esperanças, os meus mais claros desejos.

No correr deste quarto de seculo quasi completo, tenho tido sempre vagares, ao traçar destas letras, para passar em revista o que ficou para tras, para dispor, no programa dos dias que hão de vir, antigos projetos que não se realizaram ainda nem se realizarão talvez jamais — e por isso mesmo quem sabe, sempre melhor afagados.

Na minha sala tranquila, sob a luz do « abat-jour », como numa velha gravura de « home » inglês, já não estou sozinho, rabiscando na noite. Quasi á hora de dormir, na penumbra da mesa, curvam-se sobre uma revista infantil duas cabecinhas alvoroçadas, na delícia dos novos mundos que a leitura lhes vem abrindo á imaginação.

Pela janela aberta ás estrelas que nesta altura palpitam mais perto de mim, vejo, lá longe, por entre o recorte das arvores da rua, o brilho de aguas batidas de lumes. E, á vizinhança de certa doce presença feminina que também me veio povoar a vida, me ponho sem querer quasi, a repetir para mim o verso solto numa pagina das « Historias de meu casal », de Mario Pederneiras:

« Arvores, filhos, teu amor e o mar ».

Lembro-me que bem poderia também, como ha vinte e dois anos, começar hoje alguma coisa nova. Um ano que se inicia tem sempre qualquer coisa de ritual, de compromisso com a vida. Pode o que passou ter sido fecundo em bençãos, propicio á eclosão de certos velhos planos, generoso em momentos de felicidade. Depois da curva dos quarenta, no entanto, é preciso não esquecer que o declive é mais rapido, os ponteiros do tempo mais velozes. Agora mesmo estou notando como eles correm, vem-me á lembrança, de subito, certo reparo malicioso dum fim de carta de querido amigo, em hora como esta:

« Os ponteiros já deram duas voltas e se aproximam para o encontro desavergonhado da meia noite. Ha uma alegria sutil nesses ponteiros: o grande é narigudo como um fauno. O pequeno, delicado, como uma corça. Eu nunca tinha reparado que eles eram assim. E em volta a dansa das horas vai me trazendo ao ouvido o « ballet » da Gioconda... Eles já estão muito proximos... »

Os ponteiros já estão muito proximos, para a nova hora. Que nos trará este minuto em vias de nascer? Ha tres anos, o mundo vem mergulhando, dia a dia, na escuridão da noite mais espantosa que as iras de Deus deixaram cair por sobre a humanidade. Nenhum voto que se formule, nesta hora, pode ser alheio á desgraça que anda solta pelo mundo. No entanto, egoisticamente, o que prefiro, no sossego desta noite que vai marcar talvez o início duma nova era, o que faço, como aquele velho do maravilhoso apologo de Alvaro Moreyra, é repassar as minhas memorias.

Sonhos que se foram, ilusões, desenganos, encontros bons e maus, almas irmãs que se afastaram para sempre, outras que vieram para a minha vida, inefaveis surpresas, a emoliente doçura do amor eucarístico que se desdobra em novas vidas a meu redor, o cansaço de tantas lutas inúteis, a repousada alegria doutras horas bem aproveitadas — têm muito de exame de consciencia e de balanço de novas possibilidades — o que me passa pela mente e pelo coração, como velhas folhas dum « diario » esquecido, que me pusesse a reler.

Outros sonhos, outros projectos virão pela frente, sem duvida. O enlevo de recordar, a esta hora, é, porém, talvez mais forte, mais perigosamente sedutor. As linhas de bons anos que mandarei daqui a pouco para a minha gente, que ficou tão longe, deante da paisagem da minha adolescencia, com a cantiga dos verdes mares a me bolir, no ouvido, como num velho busio, valem como o espelho melhor desta hora.

Estas palavras são sempre um regresso para um novo ponto de partida.

E a vida não é mais, no fim de contas, do que esse eterno começo, que o ano novo para nós todos simboliza.

VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"



TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

GRANADO & CIA. S.A. RIO DE JANEIRO

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: \$3000.

DINHEIRO EM CIRCULAÇÃO

Em junho ultimo, o papel-moeda em circulação nos Estados Unidos subiu de \$300.000.000. ou \$218 por pessoa. O Departamento do Tesouro afirmou que o dinheiro em moeda e em notas em circulação fora do Treasury Bank e do Federal Bank totalizava \$12.377.119.781 ou \$92.04 por pessoa, incluindo crianças. Anteriormente, a cifra era de \$9.612.375.332, ou \$72.16 por pessoa. O aumento constante é atribuído principalmente à enorme despesa do programa de guerra. Cada mês se verifica um novo « record » na circulação do numerário americano.

Leitura para a vida rural

Não é apenas de calendário e informações sobre o ano que se compõe o ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943.

« Avicultura para todos », artigo ilustrado sobre os métodos modernos de criação de galinhas — « Plantas ou cisternas? » — « As diversas raças de gatos » — « E' preciso saber mungir as vacas » — « Defenda as batatas » — « E' preciso saber criar rosas » — « Insetos que curam » — são alguns dos muitos assuntos que o ALMANAQUE reservou para os seus leitores do campo.

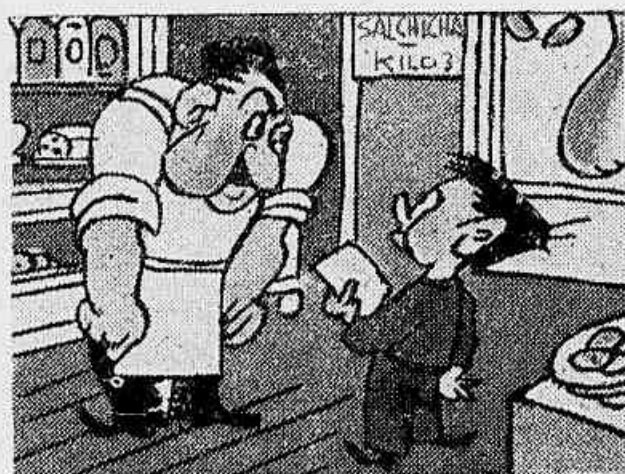
Informações, curiosidades, notas uteis, conselhos, etc.. O ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 está á venda em toda parte, por Cr. \$ 8,00.

Redação: Maranguape, 15 — RIO. Fazem-se remessas pelo Correio, mediante vale postal ou pelo reembolso.

OUTROS RIRAM...



— A que atribue o senhor essa longevidade?
— Essa que?
— Longevidade.
Mas o senhor se engana. Nunca tive semelhante doença!



— Como é? O freguês ficou aborrecido quando lhe apresentaste a conta?
— Não, senhor, ao contrario! Até me disse para voltar amanhã!



— Quando o senhor me vendeu este papagaio, garantiu-me que ele repetia tudo o que ia ouvindo...
— E não menti. Apenas me esqueci de acrescentar que era surdo como uma porta.



— Garçon, este vinho não é lá muito católico...
— Pois olhe, cavalheiro, foi bem batizado!



— Ando há tempo para lhe pedir um favor.
— Pois não! Diga!
— Não compre mais para sua senhora chapéus de trezentos mil réis, porque minha mulher logo os reclama, de quatrocentos!



— Quando o médico declarou que eu não tinha nada, tirou-me um peso de cima.
— Que sorte! A mim, tirou-me do bolso cinquenta mil réis.



— Sinto muito, cavalheiro mas tenho noivo.
— Oficial?
— Não, senhor, simples conscrito.



— Fique sabendo que, se eu morresse, não arranjaría outra como eu!
— E quem lhe disse que eu queria ter outra como você?



— Por que não quer você que eu entre para o cinema? Tornar-me-ia uma estrela...

Bom, nesse caso... Escute: será verdade que a estrela mais próxima está a milhões de quilômetros de nós?



O DOENTE, DELIRANDO — Onde estou eu? No céu?

— Não, meu bem! Não me está vendo aqui, pertinho de você?

O ALGODÃO E OUTRAS FIBRAS

AS ALTERAÇÕES DECORRENTES DO PROGRESSO TÉCNICO

O Sr. F. J. Lynch, diretor do Southern Regional Research Laboratory, do Departamento de Agricultura, acaba de afirmar que tanto o algodão quanto a sua industria poderão desaparecer, devido ao progresso técnico de tantos outros produtos, durante esta guerra, a não ser que se promovam pesquisas científicas para a descoberta de novas aplicações para a fibra do algodão. Ao seu vêr, a competição de outras fibras e de outros produtos será intensificada depois da guerra. Entre as soluções sugeridas pelo Sr. Lynch, figuram as seguintes: meios para cortar o algodão em tamanhos uniformemente curtos para consumo com os « linters » em fabricação da pólvora sem fumaça; um método de processamento pelo qual tecidos de algodão revestidos de matéria prima plástica ou impregnados de determinado ingrediente substituem artigos com percentagens de borracha; e a manufatura de mangueiras de tecido de algodão, sem forro, como sucedâneo das de linho.

Devido á escassez de outras fibras, o Cotton-Textile Institute dos Estados Unidos acaba de empreender uma campanha para o maior emprego do algodão nos trajes de outono e inverno. A referida campanha visa sobretudo a criação de mercado mais vasto para o algodão americano, após a cessação das hostilidades.

O ministro da Agricultura do Egito declara que a área plantada de algodão nesse país é este ano de 700.000 acres, uma redução de mais de 50 % relativamente á do ano passado (1.600.000). A colheita será a menor verificada em 50 anos. O Governo do Egito insistiu com os lavradores para que plantassem cereais em vez de algodão. O intuito é reduzir as importações de cereais, economizando praça em navios. Não haverá falta de algodão no Egito. Grande parte das colheitas dos últimos dois anos ainda se encontra armazenada.

Dez Contos

Valem muito mais de dez contos os dez contos ricamente ilustrados que se encontram na maravilhosa edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943. São contos de amor uns, policiais outros; porém todos absolutamente interessantes, porque foram escolhidos com o maior cuidado.

Calendário, notas e informações sobre o ano, artigos ilustrados sobre os mais diferentes assuntos, atendem ao gosto do mais exigente leitor.

Compre por 8 cruzeiros um livro colorido com trezentas páginas, no qual há leituras para o homem, para a mulher, para os jovens de ambos os sexos.

O ALMANAQUE EU SEI TUDO é uma enciclopédia cuja leitura é como os alimentos concentrados.

Está á venda em todas as livrarias e pontos de jornais. Se o seu fornecedor não tem mais nenhum numero, peça á Redação: Maranguape, 15 — Rio, enviando um vale postal ou utilizando o sistema de reembolso do Correio.

ALMANAQUE EU SEI TUDO, — o livro dos mil assuntos.

Jarjaye no Paraíso

Lenda da Provença narrada por *Frédéric Mistral*

Jarjaye, que era moço de frete em Tarascon, vem um dia a falecer e cá, de olhos fechados, no Outro Mundo. E vai rolando, rolando! A eternidade é vasta, negra como piche e lúgubre de causar arrepios. Jarjaye não sabe absolutamente onde irá parar; tudo para ele é incerteza; batem-lhe os dentes de pavor; vê-se perdido no espaço imenso... A' força, porém, de vaguear, avista uma luz pequenina ao longe, muito longe... Para lá se dirige, conforme pode. E' a porta de Deus.

Jarjaye bate à porta: pan! pan!

— Quem está aí? pergunta São Pedro.

— Sou eu!

— Tu, quem?

— Jarjaye.

— Jarjaye de Tarascon?

— Esse mesmo!

— Mas, ó patife... vocifera São Pedro — como tens o topete de entrar no Paraíso, tu que há mais de vinte anos não rezas uma oração; tu, que, quando te diziam: "Jarjaye, vai à missa", respondias: "Só se fôr à da tarde"; tu que, por escárneo, chamavas ao trovão, "tambor de Santa Bárbara"; tu que comias carne à sexta-feira e, se te censuravam por isso, retrucavas: "O que sabe tão bem ao corpo não pode fazer mal à alma"; tu que às advertências, de teu pai: "Jarjaye, Nosso Senhor te castigará...", chasqueavas: "No outro mundo? Ora, adeus, quando a gente morre fica morta para todos os efeitos!"; tu que blasfemavas, negavas batismo e crisma — será possível que ouses apresentar-te aqui, excomungado?

— Está bem... murmurou o pobre Jarjaye. — Sou um pecador, não digo o contrário. Mas eu lá podia imaginar que, depois da morte, houvesse tantos mistérios? Emfim, paciência. Sujeito-me ao que tiver de me acontecer. Mas, ao menos, grande senhor São Pedro, deixe-me ver um momento meu tio, para lhe dar notícias de Tarascon.

— Teu tio? Que tio?

— Meu tio Matéry, que era da irmandade das opas brancas...

— Foi condenado a cem anos de purgatório.

— Por que, coitado?

— Lembras-te de que ele, nas procissões, empunhava uma das varas do pálio. Uma vez, os garotos combinaram arreliá-lo, colocando-se a certa distancia dos outros, para gritar: "Olha Matéry pegando no pálio!" Do primeiro, Matéry não fez o menor caso. Mas, logo adiante, outro repete: "Olha Matéry pegando no pálio!" Ao quarto ou quinto, Matéry respondeu: "Pegando ao diabo que te carregue!" E de-tão furioso, teve uma congestão e morreu sem o perdão de Deus.

— Nesse caso, grande senhor São Pedro, deixe-me ver minha tia Dorotéia que era tão devota...

— Essa, nem a conheço. Está no inferno, com certeza.

— Francamente, não me admira isso, porque, se na igreja era beata como poucas, cá fora era uma verdadeira peste. Imagine o senhor que.

— Jarjaye, não tenho tempo de ouvir as tuas histórias. Vou receber um pobre varredor de ruas a quem o burro do carrinho enviou, com um coice, ao Paraíso.

— Senhor São Pedro, o senhor que é tão bom, tão generoso e, uma vez que não lhe custa nada, deixe-me ver um bocadinho do Paraíso que dizem ser tão lindo...

— Pois não, hereje! Espera por isso!

— Senhor São Pedro, meu pai acompanha as procissões, descalço... Além disso, é pescador e portanto seu colega...

— Vá lá... concedeu o Santo — em atenção a teu pai, satisfarei o teu desejo. Mas só há de meter no céu a ponta do nariz. Entendeste? Só a ponta do nariz!

— E' quanto basta.

O celeste chaveiro entreabre sem ruido a porta e diz a Jarjaye:

— Pronto, podes olhar.

Mas o tarasconês volta-se rapidamente de costas e entra, recuando, no Paraíso.

— Que fazes? brada São Pedro.

— Sofro dos olhos e a grande claridade faz-me muito mal. Mas assim que tiver metido a ponta do nariz, fique descansado, senhor São Pedro, que não irei mais longe. — E desata em exclamações: — Oh, que beleza! Que música! E como se está bem aqui!

Ao cabo dum momento, declara-lhe o porteiro do céu:

— Bom, já atendi ao teu desejo; agora retira-te, vamos; tenho mais que fazer.

— Nada de cerimônias, senhor São Pedro! responde Jarjaye, efusivamente. — Pode ir tratar das suas obrigações. Eu saio depois. Não tenho pressa...

— Não foi isso que combinámos!

— Mas que é que tem? Se faltasse espaço aqui dentro... Mas graças a Deus há lugar para todos... e para muitos mais...

— Faze-me o favor de sair! Não vês que até me podes comprometer? Se Deus Nosso Senhor por aí passasse agora...

— Ah, isso, não é comigo! O senhor se arranjará como puder. Sempre ouvi dizer: "Quem está bem deixa-se estar". Portanto...

São Pedro bate o pé, irritado. Depois, arranha a calva, coça a barba, refletindo sobre o caso... E resolve ir ter com Santo Ivo.

— Ivo, tu que és advogado, vais me dar um conselho.

— Dois, se for preciso!

O chaveiro do céu informa-o minuciosamente: "Acontece-me isto, assim, assim... E tal e tal... Mais isto mais aquilo..."

— E agora? Que hei de fazer?

— Precisas de arranjar, além dum bom solicitador, um meirinho que vá citar o dito Jarjaye a comparecer perante Deus.

Procuram um solicitador, mas debalde. Ninguém se lembra de ter visto um solicitador na Côte do Céu. E meirinho, ainda menos! São Pedro não sabe que volta ha de dar à vida.

Nisto, vai passando São Lucas que repara na sua contrariedade:

— Que é isso, Pedro? Nosso Senhor passou-te algum sabão?

— Nem me fales nisso! Sucede-me uma dos demônios. Um tal Jarjaye entrou à falsa-fé no Paraíso e não ha meio de o botar para fóra...

— Onde é esse Jarjaye?

— De Tarascon.

— Um Tarasconês! exclama alegremente São Lucas — Mas, meu velho, nada mais facil! Como sabes, gosto muito de touros, sou padroeiro de boiadeiros e toureadores, volta e meia, visito o Camargue, Arles, Beaucaire, Nimes, Tarascon... Conheço portanto — aquela gente. Sei-lhe do fraco e aprendi como é preciso levá-la. Espera que já vais vêr.

Avistam uma revoada de anjos.

— Meninos! chama São Lucas. — Pst! Venham cá!

Os anjos descem, ficam pairando.

— Saíam, sem dar na vista, do Paraíso; e daqui a pouco, passem alvoroçadamente, gritando: "Os touros! Os touros!"

Imediatamente, executando a ordem superior, o alado bando sai do Paraíso e volta em gritos alviçareiros: "Os touros! Os touros!"

Jarjaye volta-se, transtornando:

— Como é? Vai haver corrida de touros! Viva! Viva!

Arremessa-se para a porta, e pobre pateta, sai do Paraíso.

São Pedro corre a fechar a porta; dá volta à chave; e, pondo a cabeça ao postigo:

— E agora, hein? Que me dizes, grande maroto?

— Com franqueza... responde Jarjaye. — Se houvesse realmente touros, não sentiria ter perdido o meu lugar no Paraíso.

E assim dizendo, mergulha, de cabeça para baixo, no abismo.

BANCO ALEMÃO TRANSATLANTICO

EM LIQUIDAÇÃO

PAGAMENTO DO ÚLTIMO RATEIO

A Interventoria avisa aos senhores depositantes que o rateio final de 40% será pago durante o mês de Janeiro corrente.

Comunica, ainda, que as contas cuja liquidação não fôr solicitada até 31-1-43, não mais vencerão juros a partir dessa data.

Os títulos e demais valores entregues em custódia devem ser retirados o mais breve possível, sob pena de incorrerem na comissão de guarda de 1/5%, e relativa ao ano de 1943.

Pede-se, também, aos locatários de cofre (safes) que os desocupem com brevidade e o mais tardar até 31-1-43.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



EXPORTAÇÃO DO BRASIL PARA A COLÔMBIA

Estudo da composição no triênio de 1939-41

Um dos mais claros resultados da Missão Econômica Brasileira aos países setentrionais da América do Sul, realizada em fins de 1940, foi o desenvolvimento excepcional verificado em nosso comércio com a Colômbia.

Em 1939, o total de nossa exportação para esse país apenas ultrapassou 7 mil contos. A Missão Econômica Brasileira que já nos referimos observou ser a Colômbia bom mercado para nosso algodão em rama e nossos fios de algodão, nossas peles curtidas, bem como para carapucas para chapéus de feltro, isoladores de porcelana, aparelhos de iluminação, louças, etc. Nesse tempo, o nosso comércio com os colombianos era como já foi dito muito pequeno, sendo a exportação constituída por nove produtos principais, entre os quais se destacavam em primeiro lugar os tecidos de algodão, seguidos de algodão em rama; os outros produtos apresentavam valores tão pequenos, que apenas podiam ser contados como um todo e nunca destacadamente.

Já em 1940, a nossa exportação subiu para mais de 12 mil contos, tendo aumentado muito a exportação de algodão em rama (de 1.300 para 5 mil contos), as drogas e medicamentos (de 400 para 2.540 contos), ao mesmo tempo que foram iniciadas outras pequenas exportações.

E, porém, em 1941 que claramente se evidencia um sugestivo aumento em nosso comércio com a Colômbia, diante não só do valor que esse alcançou, como de sua diferenciação em relação ao ano anterior. Realmente, em 1941, a cifra de nossa exportação para o país em estudo foi de 71 mil contos, contra 12 mil em 1940 e 7 mil em 1939. Esse aumento foi tão grande que dispensa comentários. De nove produtos principais, exportados em 1939, no último ano já vendemos 34 produtos cujo valor foi superior a 50 contos, sendo que, entre esses se destacam o algodão em rama, que subiu de 5 para 36 mil contos, a lã em fio que subiu de 200 para 7 mil e 699 contos; os tecidos de algodão que subiram de 1.500 para 7.200 contos, o coque de babaçu cuja exportação foi iniciada com 5.400 contos, as drogas e medicamentos que passaram de 2.500 para 4.400 contos. Com 2.600 contos encontramos ainda o rayon, viscoso e semelhantes que, no ano anterior, tinham concorrido com apenas 27 contos. Acima de mil contos concorreram ainda os chapéus de feltro e o cacau em amêndoas. Houve mais dezesseis produtos que alcançaram valor superior a 100 contos, sendo que desses apenas cinco eram exportados anteriormente e, assim mesmo, em quantidades diminutas.

O aumento de nossa exportação para a Colômbia toma, pois, de ano para ano, uma forma concreta, e os entendimentos havidos entre os dois governos facilitam cada vez mais o intercâmbio com esse vizinho, que, de fato, oferece oportunidades excelentes para os produtos brasileiros.

MELHOROU APESAR DA GUERRA

E' o que se pôde dizer do ALMANAQUE EU SEI TUDO, de vez que a edição de janeiro de 1943 traz consideravelmente aumentado o número de páginas, muitas coloridas.

A edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 está á venda em toda parte, por Cr. \$ 8,00.

Redação: Maranguape, 15 — RIO.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim d. 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

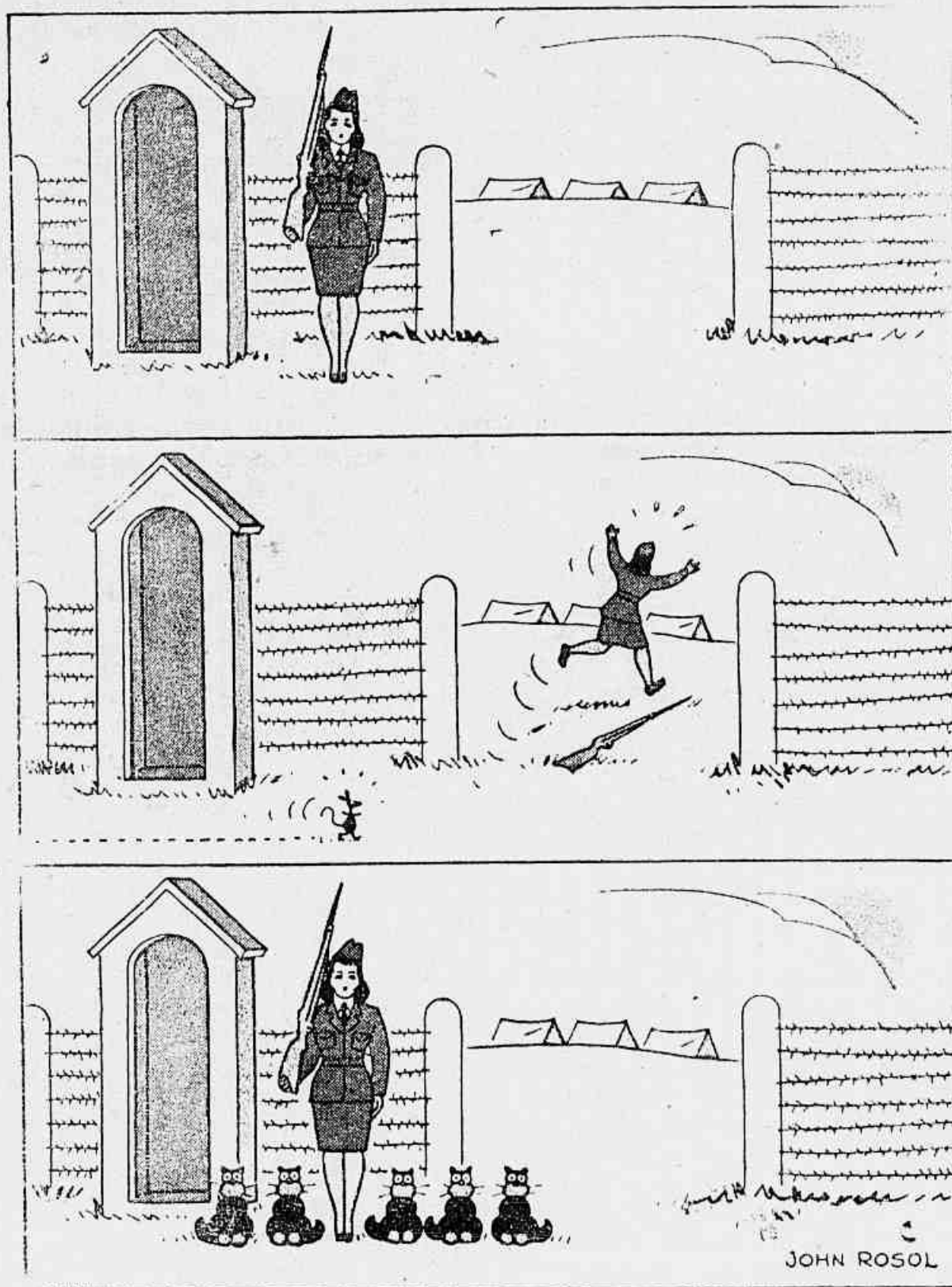
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS



HISTORIA MUDA

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr \$ 1,50 Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

THERMOMETROS PARA FEBRE CASELLA-LONDON

Min Casella London

84014

FUNCIONAMENTO GARANTIDO

A nossa capa

A historia do ano de 1942 terá de ser escrita em muitos e vastos volumes. Foi este, sem duvida, um dos mais movimentados e decisivos anos da historia humana. Para nós, entretanto, que o acabamos de viver, um simples correr de vista pelos ultimos doze meses passados tem alguma coisa de tonificante, de encorajador. Presenciamos em 1942 o começo do declínio das forças que se organizaram para destruir a nossa civilização; presenciamos a concretização daquela promessa de Churchill — dois anos atrás infinitamente remota para nós — de que 1942 seria o ano do inicio da grande ofensiva aliada. Nenhum dos anos de guerra anteriores nos deixara esta certeza, que agora sentimos ao finar-se o 1942: a certeza de que a vitoria final não está longe. O quanto custou chegar até aqui sabemos todos que



vivemos este ano decisivo que vem de concluir-se.

E' para que se tenha de um só lance de vista consciencia do sacrificio feito nesses meses de tragedia, que fizemos do ano a síntese que apresentamos na capa deste numero e na vasta reportagem que está incerta no texto. Destruições de cidades, assassinios, batalhas, bombardeios, suicídios de nações e de homens formam o imenso rosario de sacrificios. Mas por cima de tudo isso há tambem a certeza nos corações dos homens de bem de que estão lutando e morrendo pela preservação de um mundo, e que todos os sacrificios são feitos porque alguma coisa de maior e eterno deve continuar a ser o começo e o fim da vida do homem.

LEITURA PARA AS FERIAS

Não é facil escolher o que lê durante as férias.

Quem vai repousar de qualquer trabalho não se deve esgotar com leituras pesadas, não deve perder a atenção por muito tempo, seguidamente. Deve, pois, levar um livro que seja uma distração; um volume que encerre mil assuntos, cada qual a ser preferido em conformidade com a sua disposição de momento.

Por isso o « Almanaque Eu Sei Tudo », o maior e mais completo anuário brasileiro, deve ser o seu companheiro de férias.

Volume portátil, não atulharia sua bagagem neste momento em que todos enfrentam as dificuldades de transporte.

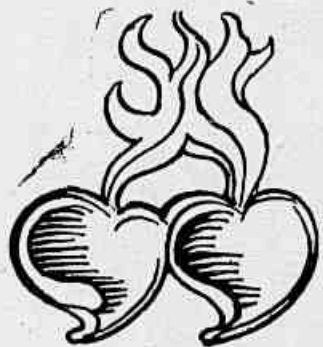
Seja prático e inteligente, conduzindo em sua maleta, em vez de meia dúzia, apenas um livro que vale por vinte. — o « Almanaque Eu Sei Tudo » para 1943, á venda em toda parte por oito cruzeiros.

Pedidos á redação mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio. Redação: Maranguape, 15 — Rio.

A SEMANA EM REVISTA

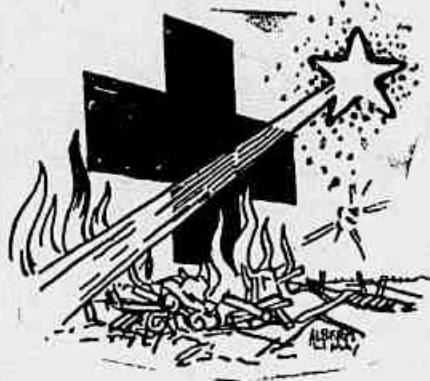
UMA JULIETA A' ESPERA DE DOIS ROMEOS

Fato bem interessante foi este ocorrido em Breslau, de que tivemos noticia através de um telegrama de Madrid. Uma criança nasceu com dois corações. O primeiro aspecto do fenomeno é simplesmente teratológico. Monstruoso. Mas além deste, mais tarde, haveria muitos outros. Todo o mundo sabe que o coração tem sido, ha muitos séculos, o simbolo da ternura, a sede do amor. Ainda que alguns novos localizem os sentimentos no figado e que a ciência aponte o cérebro como o centro de tudo, o coração continua sendo, por excelência, o recipiente do amor. Pois imaginem as aventuras dessa menina - é uma menina - no futuro. O menos que ela poderá fazer é ser uma julieta de dois romeus. Amar a dois homens, com o mesmo ardor, a mesma felicidade e - o que é mais espantoso - com a mesma fidelidade - com que as outras mulheres amam a um só.



A UNICA MENSAGEM

O Natal entre os povos anglo-saxões é diferente do Natal entre os povos latinos. Habitando regiões onde o inverno é, de um modo geral, bastante rigoroso, esses povos desenvolveram, por isso mesmo, certos hábitos característicos, dentre os quais se distinguem o gosto pelo clube e pelo lar. Dir-se-ia que a sociabilidade intensificada estimulou o espirito de cooperação, de vida-em-comum, em nada parecido com a que se passa entre os latinos. Estes são mais alegres, turbulentos, refratários ao sedentarismo e á reclusão doméstica. A grande Data Cristã constitue uma festa muito mais cheia de encanto no seio dos povos nórdicos, ingleses, alemães, dinamarquezes, etc. Talvez nem mesmo possamos compreender com a nossa mentalidade latina, o modo pelo qual eles SENTEM O NATAL. Um prisioneiro inglês ou alemão terá um pesar muito maior em passar o dia 25 de dezembro longe da Pátria e do lar, do que um prisioneiro francês ou italiano, por exemplo.



Assim, achamos revestida de uma grande delicadeza a iniciativa da Cruz Vermelha Alemã, deliberando enviar aos internados nos campos de concentração da Inglaterra, um pequeno volume contendo poemas e composições de poetas germanicos. Comestíveis, bebidas (coisas que a Alemanha não pôde enviar) extinguir-se-iam em pouco tempo. Versos, não. Poesia é a unica mensagem, o unico recado de amor que uma pátria ainda pode enviar aos seus filhos, neste Natal sangrento de 1942.

PARAQUEDISMO E ROMANCE

Quem não se lembra de Joana Castilho? Os mais distraídos, mesmo aqueles que não se interessam por coisas de aviação, não podem deixar de recordar esse prodigio que ha alguns meses empolgou o Rio, com acrobacias aéreas incríveis e saltos ousados de paraquedas. U'a menina de 15 anos, apenas!



Pois ela agora está vivendo o seu romance de amor. Romance do século XX. Gostou de Almeirinho d'Alessandro, outro aviador e paraquedista, com o qual deve ter contraído matrimonio ha dias. O celebrante seria também um aviador brevetado, o padre Carlos Ortiz. Depois do ato pretendiam todos subir e despencar-se num salto espetacular. Circunstancias imprevistas não permitiram que o intento se consumasse. E eles, em vez de subirem ás nuvens, resolveram ir diretamente para o CE'U, isto é, para a casa...

DE QUEM É O MARIDO?

Esses casos de adultério, paixão, bigamias, são velhissimos. No entanto, é quasi inacreditável que ainda encontremos em cada um deles, sempre novo sabor, novo interesse. A mesma graça, que achamos, lendo aquelas aventuras, contadas por Eça de Queiroz, em « A Capital » ou em « O Primo Basilio », também achamos, conhecendo um desses fatos que aparecem na imprensa diária. Este, por exemplo, é absolutamente original.

Luiz Crispim de Sousa era um honrado amantado de 60 anos, aposentado, e que se dera ao luxo de uma formatura em direito, aos 50. Falecendo no H.P.S. apareceram duas mulheres disputando o cadaver. Ambas munidas de documentos, com convicção, MUI VIUVAS, enfim. A policia, respeitando a integridade do finado, resolveu entregar o cadaver a uma delas. A outra declarou que pouco lhe importava fazer ou não fazer o enterro. Mas que o marido não tivesse sido dela, isso não!



FLAVIO



Seguro contra acidentes na prática de esporte

Os acidentes ocorridos na prática de esportes, alguns dos quais já são por natureza violentos, podem ter suas consequências graves ou leves, devidamente amparadas e seus custos indenizados se o "sportman" tiver tido o cuidado de fazer um seguro de acidentes pessoais na

Sul América Terrestres, Maritimos e Acidentes

Este seguro cobre, além de todos os acidentes comuns, os que possam sobrevir durante a prática de esportes, como automobilismo, caça, equitação, velocipedismo, foot-ball, tenis, golf, polo, etc.

Sul América Terrestres, Maritimos e Acidentes

29 — RUA BUENOS AIRES — 37

CAIXA POSTAL, 1077 — RIO DE JANEIRO

SUCURSAIS E AGENCIAS EM TODO O BRASIL



AÇUCAR DE CANA E BETERRABA

A situação nos Estados Unidos

Estima-se que a produção de açúcar de beterraba e de cana nos Estados Unidos, em 1942, será superior a 19.000.000 de toneladas (4.000.000 mais que em 1941). Prevê-se uma colheita de 12,6 toneladas de beterraba por acre, o que perfaz um total de 12.457.000, o maior **record** até hoje verificado. Em 1940, foi de 12.292.000. Espera-se que os Estados do Sul, onde é cultivada, produzam este ano 6.721.000 toneladas de cana de açúcar. Em 1941, a colheita foi de 4.926.000. Esta estimativa inclui 5.586.000 toneladas em Louisiana e 1.135.000 na Flórida. Os cultivadores de beterraba aumentaram as suas plantações de 1/3 sobre as do ano passado. Há atualmente 1.061.000 acres de terras plantadas de beterraba, total ligeiramente superior ao de 1933 (1.036.000). Em 1941, apenas 794.000 acres estavam plantados. (Vide **Boletim Americano**, ns. 268 e 275, respectivamente de 9 de fevereiro e 30 de março últimos).

O OPA (Office of Price Administration) autorizou uma distribuição maior de açúcar aos processadores de gêneros alimentícios sempre que seja necessário evitar o deterioramento de frutas secas e de vegetais.

Noticia-se que as importações de açúcar dos Estados Unidos se teem mantido, desde o princípio do corrente ano, na média de 60.000 toneladas semanais, ou 3.000.000 por ano. Na semana terminada em 4 de julho último, segundo divulga o **Boletim Americano**, os Estados Unidos importaram 63.521 toneladas de açúcar de Cuba (47.648), Porto Rico (4.065) e Hawaii (11.808). Até a referida data, o total das importações de açúcar montou a 1.466.862.

Cogita-se do transporte do açúcar de Cuba para os Estados Unidos em pequenas embarcações de madeira e cimento armado. Afirma-se que a United States Maritime Commission já encerrou um contrato para a construção de 30 dessas embarcações. Cada uma poderá transportar 1.000 toneladas de açúcar. O plano tem encontrado alguma oposição dos agentes de navegação que receiam a competição dessas embarcações depois da guerra. Embora as viagens sejam muito mais caras, os peritos do comércio açucareiro acreditam que o transporte será mais barato. Se não for posto em prática um meio para o transporte do açúcar de Cuba, a situação dessa ilha poderá tornar-se difícil. O governo dos Estados Unidos comprou quase toda a colheita de açúcar de Cuba no princípio de 1942. Entretanto, calcula-se que 2.000.000 de toneladas estarão ainda em Cuba no fim do corrente ano, caso se mantenha a atual média de embarques.

PODE A OFENSIVA AÉREA GANHAR A GUERRA?

Este tema é incontestavelmente interessante e oferece margem aos mais interessantes e descontraídos debates. Por isso, o **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943 dedica muitas páginas ilustradas referentes ao mencionado assunto. É um artigo de interesse para leigos e técnicos.

Calendário, informações, notas sobre o Ano Novo; contos policiais, de amor; novidades, invenções, curiosidades — tudo o leitor mais exigente encontra nas trezentas páginas do **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943, á venda em toda parte, por Cr. \$ 8,00.

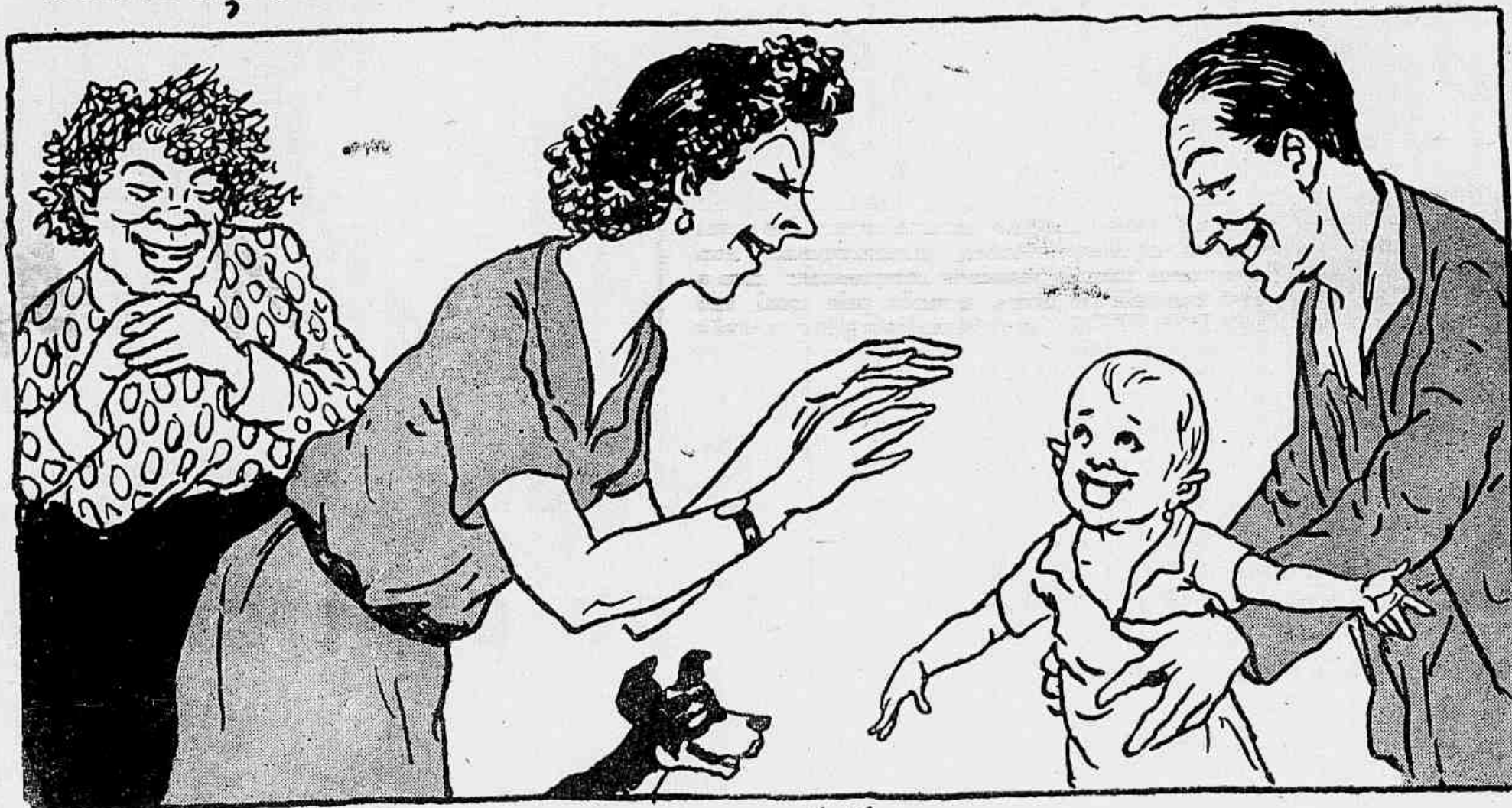
PRISÃO de VENTRE?



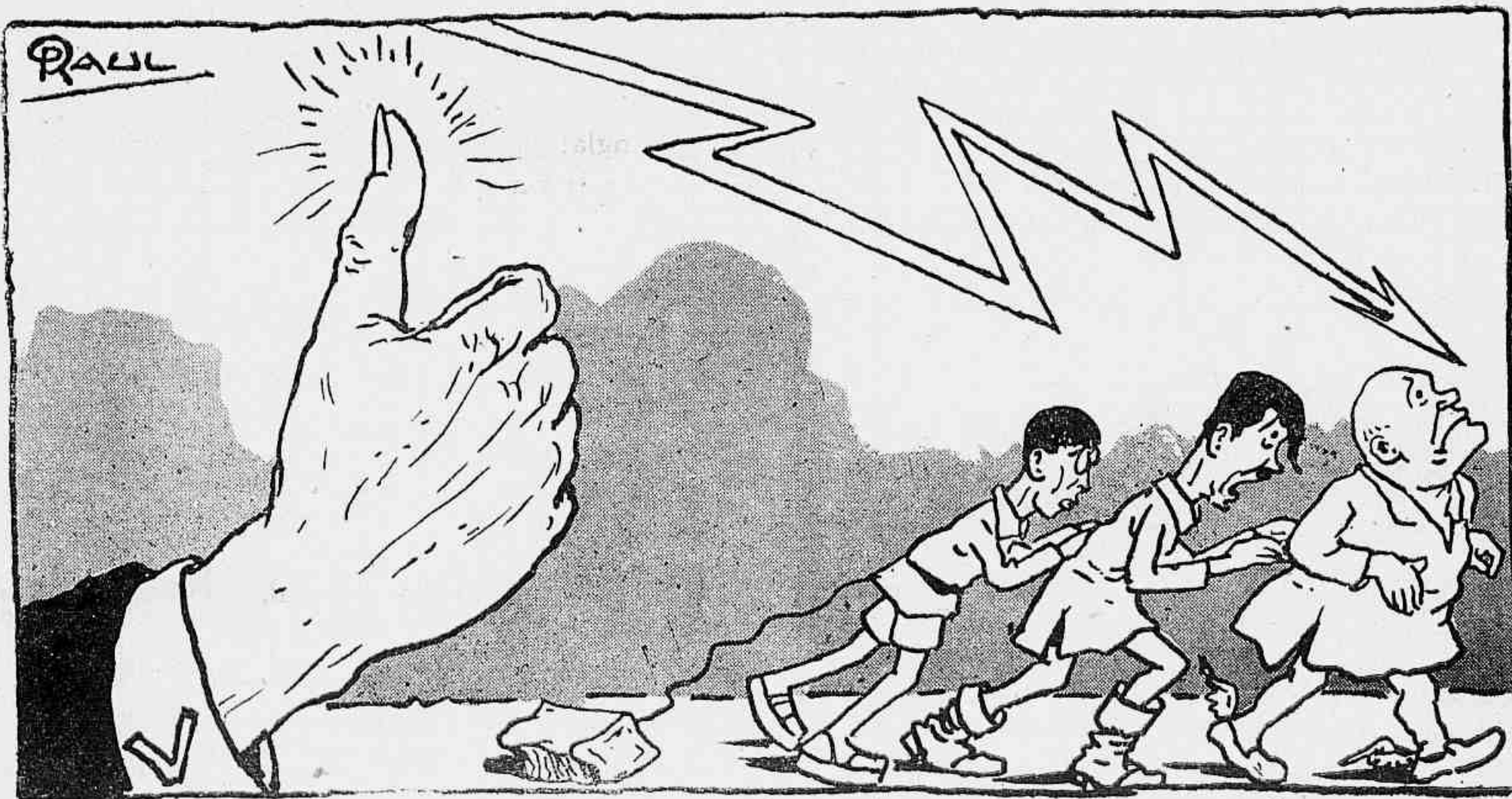
1943... Como esse começa



Comêço do ano



Comêço da vida



Comêço do fim...

SOMERSET MAUGHAM fala sobre as coisas essenciais na arte de escrever

SOMERSET MAUGHAM é hoje um dos escritores estrangeiros de maior público no Brasil, quando ha alguns anos passados eram bem poucos os que lhe conheciam algum livro, isso mesmo em tradução francesa, tão raros, naquele tempo, os livros ingleses entre nós. Seu prestígio cresceu rapidamente no meio literário brasileiro, depois do aparecimento de "Servidão humana", sem duvida seu maior livro e um dos grandes romances da atualidade. "O agente secreto", "Férias de natal", "Um gosto e seis vintens", etc., têm contribuído sucessivamente para popularizar entre nós esse escritor de tão curiosos pontos de vista pessoais, a quem procurou ouvir recentemente o jornalista Roberto Van Gelder, dele obtendo a entrevista que damos a seguir, em tradução especial de "The New York Times Book Review":

"W. Somerset Maugham é neste país uma especie de agente da Inglaterra. Ele estava correndo os olhos pelo "grill room" do Ritz-Carlton Hotel — o "grill room" fica abaixo do nível da rua — e com um ar semi-profissional comentava que o salão daria um bom abrigo anti-aereo. Pediu carne seca e um ovo estalado. "Não faz muito tempo eu estava com muita fome, fazia dias que andava com fome, e tive oportunidade de comer carne seca com molho. Espero tornar a sentir de novo o gosto que experimentei naquela hora".

A fome e o otimo bife salgado foram parte da aventura da segunda guerra mundial de Somerset Maugham, que anda por volta de 67 anos. Quando a "blitzkrieg" começou na primavera de 40, ele estava na sua casa da Rivera.

"Fomos evacuados em dois navios carvoeiros da Inglaterra. Eramos perto de 1300 passageiros. Havia cerca de 500 a bordo do carvoeiro que eu tomei, 538 incluindo a tripulação. E quando eu lhe disser que os lavatórios tinham sido planejados apenas para os 38 membros da tripulação, você compreenderá que as condições não eram ideais. Tínhamos sido avisados para trazermos provisões para três dias e como bagagem o que coubesse numa valise. Mais de uma semana decorreria antes de tocarmos no nosso primeiro porto, Gibraltar, e, como a maioria dos nossos companheiros trouxera suas provisões em garrafas na teoria de que a comida era menos importante do que o animo resoluto, estávamos famintos. Esse pedaço de carne seca foi um manjar dos deuses".

Ele deixou a Inglaterra no principio de Outubro, e tem passado o tempo em New York fazendo conferencias, viajando, dando entrevistas, escrevendo artigos.

Somerset Maugham diz que deixará de lado a ficção enquanto durar a guerra. Passa as manhãs escrevendo cartas e artigos. Os artigos, diz ele, saem com dificuldade. Não está acostumado a misturar argumentos com fatos para impedir a enxurrada, e prefere escrever a respeito das criaturas de sua imaginação. Uma historia lhe ocorre "em linha reta e clara". Um artigo só pode ser escrito depois de conciente e natural. — Ele gosta de escrever ficção. "Estou convencido de que o subconsciente faz realmente o trabalho difícil. Eu me sento, com a caneta, tinteiro e o papel, e a historia vai saindo. Embora certos trechos, sejam pessimos, eu deixo a coisa ir correndo. Escrevo até o fim. Então o subconsciente fez o que era possivel; o que pode ser criado está ali. E o resto — o resto é simplesmente questão de esforço. Vai-se trabalhando,

trabalhando, polindo, reescrevendo as partes ordinarias, algumas vezes reescrevendo uma pagina durante um dia inteiro, voltando-se a certo capitulo uma vez por outra, até se ficar convencido de que se a coisa não está como deveria ser é a melhor que se pode fazer. Mas este é o trabalho do espírito conciente, o esforço de um artifice. O primeiro esboço, o esboço criador, é que é basico".

Ele diz que logo que a guerra acabe, irá á India.

"Tenho a ideia de um livro, um livro e meio, que estou ansioso para escrever".



W. Somerset Maugham.

Por que, depois de "Servidão Humana", tem Somerset Maugham voltado tão pouco ao cenario inglês para a fixação de seus caracteres e ambientes?

"Na Inglaterra, diz ele, você sabe, a civilização tem raizes muito profundas, é uma velha civilização. Isso dá uma aparente similitude ás criaturas — é preciso penetrar muitas camadas para se descobrir o que é que faz cada homem diferente, descobrir o homem que seja unico e natural. Cada homem é unico, é claro, porem o elemento de estranheza, que faz de cada homem uma historia, a singularidade que está dentro dele não é facil de achar num homem que vive estritamente a sua civilização. Durante a primeira guerra mundial, eu viajei e depois minhas viagens se tornaram extensivas. Nos recantos do mundo onde a civilização é mais tenue, achei que o homem unico é muito mais facil de se ver. O material saltava-me ás mãos — só me restava colhe-lo como me fosse possivel".

A respeito da arte de escrever em geral, diz ele que é a personalidade do autor, a livre

categoria do seu espirito que determina o valor de seu trabalho.

"Os quatro maiores romancistas que já existiram, Tolstoi, Dostoiewsky, Dickens e Balzac — nenhum deles sabia escrever, quer dizer, nenhum deles era bom artifice. Mas todos viam profundamente dentro das criaturas, e viam as criaturas como deviam ver, eram *rightmen* na sua maneira de apanharem os tipos. Por isso que eles foram grandes".

— Mr. Maugham, o senhor acredita que Dickens gostava das criaturas? Seus livros mostram que sim, porem as biografias tornam isso duvidoso.

"Eu creio que não tem importancia que ele gostasse das pessoas ou não. O que é importante é compreendê-las. Por minha parte, eu gosto de poucas pessoas. Mas acredito que as compreendo, porque, embora não possa dizer que goste delas, posso me interessar a seu respeito. Eu me interesso por quasi todas as criaturas que encontro. Se o interesse do escritor é bastante, afeições ou aversões não têm importancia. Ao romancista não compete julgar. Ele apenas observa".

— O senhor, tem algum padrão moral?

"Só agora que eu tenho. De fato, agora eu estou muito exigente a respeito de moral. Porque eu acredito que a França caiu, não por causa de politicos apodrecidos, nem por nenhum dos motivos geralmente apontados, mas porque o povo da França estava moralmente confuso, não tinha padrões morais. Detesto falar deste modo, odeio fazer sermões, porem verdadeiramente, honestamente e ardentemente acredito que nós podemos derrotar Hitler somente se conservarmos nossos padrões muito altos, se não formos condescendentes conosco mesmos.

— Mas, durante sua vida, o senhor teve algum padrão moral?

— Oh, não, diz Mr. Maugham. "Absolutamente. Eu tive ocasião de encontrar muitas criaturas, a escoria da terra e descobrir que eram criaturas perfeitamente decentes. Eu sou incomodamente alheio á indignação moral. Sinto isso agora, porque acredito que é a grande necessidade do presente. Nós agora precisamos de principios e de viver de acordo com eles. Na Inglaterra, — todos estão trabalhando, absolutamente todos, pelo país. O trabalho nos deu vantagens que foram o resultado de anos de luta. O trabalho nos deu essas vantagens da noite para o dia e sem maior pressão do que a opinião de nossos lideres dizendo que os sacrificios eram necessarios á segurança do país. Todos estão fazendo sacrificios, fazendo o que é preciso fazer. Nós nos impusemos padrões, a nós mesmos, para nos salvarmos, para vencermos — e viveremos de acordo com eles".

LIVROS

LLAMARADAS, viagens e fantasias de Adalzira Bittencourt — Buenos Aires, 1942.

Conforme declarou a um jornalista, a sra. Adalzira Bittencourt tem agora também casa em Buenos Aires. A sua vida, a sua operosidade intelectual e a sua carreira literária se repartem, pois, tanto quanto possível, entre os dois países. E nada mais natural do que ter ela passado a escrever nos dois idiomas.



Lamaradas constitui, se não estamos mal informados, a sua estréia em castelhano. E aqui estão, assinalados, como nos anteriores trabalhos em português a vivacidade e irrequietude do seu temperamento, o ardor de improviso, de repentismo da sua inteligência e a sua extrema vibratibilidade sentimental. Sempre ela procedeu, nos versos mesmos, por uma força impressiva que tudo quer realizar em pouco tempo e intensamente. Assim a sra. Bittencourt nos dá, neste volume, a relação já bem longa das suas obras: cinco já publicadas e nada menos de doze no prelo ou em preparação. No primeiro capítulo de *Lamaradas* conta-nos a autora que ao acordar, certa manhã, e acionando como de costume o aparelho de Rádio, para saber das novidades do mundo, lhe chegaram informações sobre a guerra e uma deles falando do afundamento dum navio brasileiro. A sua comoção é imensa; e ela a exprime eloquentemente por estas palavras: "La guerra se aproxima a Brasil... a mi Brasil...; Dios Santo!...; Dios Santo!..."

No segundo capítulo, faz as malas para uma viagem de avião. Princesa da opulência e da moda, entre malas, chapeleiras e apaixonados adeuses, parte para Nova York. E três páginas adiante, está em Londres. Irradia-se pela Europa em entrevistas de jornal com grandes vultos; toma parte em congressos; assiste a acontecimentos memoráveis, tudo rápida e sucintamente. Ainda quando não vá de avião, vê as coisas por alto. E na realidade — quer dizer na imaginação da sra. Adalzira Bittencourt — tudo se passa dentro dalguns minutos. Como na novela famosa de Jean Richpin: *en moins du temps qu'il ne faut pour l'écrire*.

AS TRÊS PAIXÕES, novelas de Stefan Zweig, tradução de Odilon Gallotti e Elias Davidovich — Rio de Janeiro, 1942.

O autor de tantos estudos críticos e tantas biografias serenamente compostas através de mundos de documentação, tem no presente volume três obras tanto quanto possível formadas, criadas pela sua inteligência e o seu sentimento. Não ha livro puramente, extremamente de ficção. O mais que o autor pode é imaginar alguma coisa sobre o muito que viu e apreendeu na vida. No fundo está sempre a observação — ou não está coisa alguma e sem essa base o edifício cae antes de propriamente se ter erguido...

Stefan Zweig, que olhou profundamente as criaturas e as coisas do mundo, dá-nos neste livro três fortes concepções ou três interpretações poderosas das paixões dos seres. A primeira novela nos apresenta, apanhada ao vivo ou tirada como tipo essencial duma família impressionante, a imagem dum enxadrista, empolgado, possuído pela ânsia dos cálculos e das combinações. Os movimentos que as pedras possam executar em resposta aos lances do parceiro — e na precisão dos três ou quatro golpes seguintes — multiplicam-se no seu cérebro com uma limpidez, uma precisão em que não deixa de haver vertigem; e o jogador que se aproxima do gênio por análogo caminho chega às portas da loucura. Na segunda novela, que faz lembrar Zola e *Une page d'amour* trata-se do amor ingênuo mas veementíssimo duma menina por um artista que, num momento decisivo a sabe respeitar e a quem ela, muitos anos depois, com o seu prestígio e a sua gratidão salva do ridículo e da irremediável ruína. O herói da terceira história é um bull-dog caseiro, venturoso da afeição que os donos lhe concedem e o qual se vê despojado, relegado pelo nascimento duma criança. Na dor e no desespero que o possuem perante aquilo em que sente uma espoliação o animal se vinga causando a morte do pequenino rival. Não sabemos se na realidade e especialmente com bull-dogs domésticos aconteceu ou poderá acontecer alguma coisa de semelhante... Talvez. Mas é também admissível que Stefan Zweig conhecesse melhor os homens do que os cães...

BAEPENDI, pelo sr. José Alberto Pelúcio. — 1942.

Baependi, a cidadezinha doce e triste, que fica, um tanto abandonadamente, a dez minutos, em automovel, do luxo e da alegria de Caxambú, inspirou ao sr. José Alberto Pelúcio este substancioso volume de quasi trezentas paginas. E' que o autor não conhece

NOVOS

apenas a localidade de hoje, que os aquistas visitam em cavalhadas folgantes, levando, como interesse intelectual ou cordial, apenas a notícia dum templo onde existem — ou existiram — comovedoras relíquias e duma casa, baixa mas apalacetada, onde veraneava o Casal Princesa Isabel - Conde d'Eu... Baependi, de fato representa muito mais do que isso e vale muito mais do que isso.

O seu passado assume aos olhos de quem o examina e sobretudo — tivemos nós essa boa fortuna — na imaginação de quem ouve a palavra magistralmente evocativa do sr. José Pelúcio, uma grandeza e um prestígio deveras impressionadores. Conquistou fóros de primeira nobreza, criou varões ilustres, fez titulares do Império; e não só por isso mas também pelas suas riquezas naturais e excepcional prosperidade, exerceu forte influência naquela região, em Minas e na História do Brasil. Os forasteiros que hoje admiram o progresso estival de Caxambú, mal hão de acreditar que, quando tudo aquilo se reduzia a um manancial e este começava a tornar-se famoso, o local se denominava Aguas Virtuosas de Baependi. Não foi, porém, daí que o autor do presente livro partiu para nos ensinar a respeitar e a amar a terra, cujo batismo teria vindo do primeiro encontro duma bandeira com um indígena daquelas paragens e da pergunta do intérprete dos brancos ao caboclo estupefacto: *Bae pen di?* "Que nação é a tua" ou "Que gente éssa tua?" O sr. José Alberto Pelúcio remontou à selva primitiva e ao advento da força e do espírito da civilização. Efetuou uma travessia gigantesca em companhia dos geógrafos, historiadores e sociólogos cujas obras reuniu na sua casa modesta e entre os quais leva uma existência de estudo apaixonado e superior meditação. E tudo o que à sua terra queridíssima diz respeito ele o sabe a fundo e o pode seguramente explicar.

Baependi constitui um domínio, por assim dizer exclusivo, do escritor que por ela se alheiou de tudo o mais — propriedade legítima da sua inteligência, da sua erudição, do seu amor, e que ninguém certamente se lembrará de lhe disputar.

A CIDADE MARAVILHOSA, paisagens do Rio de Janeiro, pelo pintor Manuel Faria. — Rio de Janeiro, 1942.

A capa deste album é um flagrante de Ipanema. O dia está ardente. Pelo retalho de céu que forma o fundo do quadro, andam nuvens alvadias. A luz violenta dá a impressão de tisonar o verde dos morros, os picos emparelhados dos Dois Irmãos, um pouco mais longe a pedra da Gávea. E pela areia estende-se a festa excitante do banho do mar: parasóis variegados; grupos estatelados, recebendo na pele já bronzeada novos fulgores e, sem necessidade embora, antes com algum perigo, rendendo o seu culto à helioterapia; casais flirtando; criança correndo, cabritando; e por ali fóra uma profusão de figuras semi-nuas ou muito menos que semi-nuas, que vão diminuindo na perspectiva, até longe, a perder de vista.



trada; vistas de serena e sutil formosura, como a *Lagoa Rodrigo de Freitas*; massas sombrias, fechadas, de arvoredos e água, como o *Rio Trapicheiro*. Neste quadro, no *Interior da Mata* (Tijuca) em outros ainda deixou o sr. Manuel Faria as suas robustas e veementest qualidades de paisagista. Mas a coleção interessa integralmente, repetimos, pela diversidade dos aspectos panorâmicos e o cunho de interpretação sincera que em todos os trabalhos se evidencia.

DOIS MUNDOS, contos e outros trabalhos de Aurélio Buarque de Hollanda — Rio de Janeiro, 1942.

O batismo do livro vem do primeiro conto. Conto, crônica, capítulo de recordações ou de saudades... Trata-se dum homem excelente, de vida pacata, em tudo praticamente moderado, e que adora os romances entre aventureiros e edificantes de Perez Escrich. Lê-os convicta, apaixonadamente, com alma. Fá-lo escutar por pessoas indiferentes, incrédulas ou incompreensivas mas a quem ele, doutrinado ingênuo, espera transformar, converter. E enquanto isso vai-lhe a existência correndo, limitada e obscura num sentido, em outro com amplos, esplendores horizontes — dois mundos opostos: o que lhe foi imposto pelo Destino e o que ele escolheu e a si próprio se conferiu, o seu verdadeiro mundo.



O sr. Buarque de Hollanda dispõe de singular poder de observação. De enha os cenários com uma largueza e uma desenvoltura de improviso. Com real ou aparente facilidade — vem a dar na mesma — estabelece os ambientes. E as figuras, compostas como que à pressa também, vivem aos nossos olhos e dentro da nossa imaginação. Nos diálogos ou na interpretação daquilo que os personagens estão dizendo consigo mesmos, notam-se de onde em onde repetições, insistências bem dispensáveis senão deveras prejudiciais. O escritor usa, não raro, do *leit motiv*, sem obter o efeito desse recurso na eloquência musical. Mas, em geral, a leitura atrai e prende. Ha sempre uma tendência de ironia em que transparece um fundo de piedade — tais como o poeta desejou conciliar as duas coisas.

Os assuntos mais trágicos ou mais torpes se atenuam naquela maneira solta, a que a linguagem do povo apanhada nas suas expressões mais espontâneas e vivas, empresta real sedução. São histórias ou episódios de veemente côr local, a maior parte dos quais se passam em modestas cidades ou em vivendas rústicas do Norte. Todos possuem o seu interesse, a sua graça. E alguns como o que tem por herói, pobre, misero mas pitoresco herói, o chamado Zé Bala, entram fundo na sensibilidade e devem parar na memória da gente.

L. L.

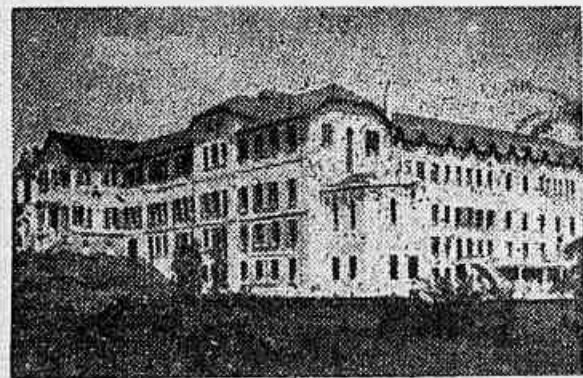
GINASIO DE SANTO ANTONIO

(SOB INSPEÇÃO PERMANENTE — DEC. 21.318 DE 25-4-932).

S. JOÃO DEL-REI -- MINAS

DIRIGIDO PELOS PADRES FRANCISCANOS HOLANDESES

O Estabelecimento mantém cursos primário (só para o internato), de admissão e secundário fundamental. Requerer ao Ministro da Educação o título de "colegio".



Vista parcial da fachada principal do Ginasio de Santo Antonio.

PREÇOS PARA O INTERNATO

Curso primário e de admissão,	
por ano.....	Cr\$ 1.800,00
Curso secundário fundamental,	
por ano.....	Cr\$ 2.100,00

Não se pagam taxas nem lavagem de roupa. O Estabelecimento possui amplas salas de aula, ótimos gabinetes de Química, Física e História Natural.

Para as horas de recreio há uma piscina olímpica de natação, 3 campos de esporte, 2 grandes pátios internos e amplo auditorium com cinema sonoro.

Para pedidos de estatutos dirigir-se à Diretoria.

AZEVEDO CRUZ

Claudinier Martins
(Da Academia Campista de Letras)

O nome do grande poeta campista, até ha pouco em relativo olvido, ressurgiu, agora, com as auras benéficas da publicidade, tanto se anuncia, para breve o seu esperado livro — *Sonhos*.

Azevedo Cruz não é um aêdo de vôo regional; o seu estro alcandora-se em valor nacional, vislumbrando-se-lhe na maneira impetuosa de ver-sejar por vezes, algo, do condorismo de Castro Alves.

Para quem, como nós, não conviveu com o poeta, no seu complexo de dandy irrepreensível, orador fogoso e rico de imagens, com uma petulancia atrevida de mulato orgulhoso, torna-se difícil, senão impossível, retratar-lhe o perfil de mouro, com o cavanhaque em chibba, as longas mãos enluvadas, o corpo magro metido numa *croisé* de fino pano inglês e o esguio pescoço entalado num alto colarinho engomado.

Dess'arte, só nos será dado o convívio ameno do vate insigne através dos seus poemas, sem os preciosos contatos com o ambiente em que atuou, numa Campos patriarcal, acolhedoramente hospitaleira, com ruínas mal calçadas e vastos solares em estilo chamado *colonial*, de pinturescas telhas de Lisboa de bondes casquilhos à tração animal e tardos *tilburys*, puxados por magros rocinantes...

Mas, deixemos a figura física do poeta e o ambiente em que passeou a sua olimpica carcassa, para somente surpreendê-lo tanto quanto possível, na sua feição de primoroso artista da rima.

Amanlia verba é uma óde à terra natal digna de figurar nas antologias, ao lado das melhores composições no genero, como uma lídima expressão de arte!

Nas amáveis palavras á sua Campos, sintetizadas no classicismo da legenda latina, o poeta depara-se-nos com um estro soberano nas estrófes de um bisantinismo empolgante. E Azevedo Cruz tinha então, a ilusão que era o rei mouro; o que nos leva

a supô-lo num desses complexos de superioridade, de que nos fala Freud.

Romântico, grandemente amoroso, o poeta exalta-se e, numa imagem inédita pede á eleita: — "Não te coloques mais em meu caminho, não me olhes assim, não me endoideças, o amor é um capitoso vinho que transtorna as mais sólidas cabeças!"

Como sonetista, burilando essa joia medieval que Petrarca criou, é um parnasiano vigoroso, a lembrar Rollinat, no magnifico soneto — "Nobre aço", com uma forma castigada, uma linguagem escoreita e tersa.

Ainda nesse soneto, Azevedo Cruz é o mesmo empolgado pelo delirio de grandeza, tal um principe mouro na sua sala de armas, *sopesando* a espada que um armeiro do rei fabricou em Toledo.

Agora, em "Canção amarga", é um paisagista notavel, lapidando em côres vivas o ambiente:

"Incauta rôla das manhãs douradas, que andas a mariscar pelos acciros..."

— Eis, em traços rapidos, um aspecto de Campos, das suas manhã e dos seus acciros, com a arisca rolinha mariscando...

Indo á roça visitar a dama eleita, de lá volta com um poema notavel; e, ao passo que fustiga a alimaria, que corre célere, — "upa!" — julga-se um senhor feudal: — "que linda castelã que ela seria!"

Como cantor do Paraíba — "rio que rôlas dentro do meu peito," — Azevedo Cruz faz-nos pensar no titanismo de Santos Chocano, embóra o vate campista, na sua óde á terra natal, se manifeste um épico e um lirico.

Com um raro poder de síntese, descreve a paisagem envolvente:

"Em caprichosa curva em face, a franca, a límpida caudal do Paraíba; e ao largo, alviçareiro, rio-arriba, o traço alegre de uma vêla branca!"



Paleta rica de tons, a sua lira assume o poder de um mago do pincél, numa *féerie* estranha de cambiancias:

"O sol, tamanho gasto e desperdício de tons e tintas, pródigo, fazia, que todo o Paraíba parecia iluminado a fogo de artifício!"

De um justificado orgulho, Azevedo Cruz "entende-o a mais alta virtude" no seu lapidar soneto — "O orgulho!"

E, assim, é um eterno exaltado, vendo, no Paraíba, um "soberano de prado e vergéis, que passa como um rei do Oriente, com vassalos que vêm beijar-lhe os pés".

Tão constante era o seu delirio de grandeza, a sua permanente obsessão, que chegou a ter a "ilusão que era o rei mouro, o ultimo rei que governou Granada!"

E, se Antonio Nobre quiz ser conde "naquela idade em que se é conde assim", Azevedo Cruz, num grito de insolita rebeldia, também julgou-se um "conde de olhos verdes côr de açafraão..."



O movimento literario de 1942

Completando a serie de entrevistas com os livreiros nacionais, publicadas no nosso numero passado, damos a seguir as informações gentilmente fornecidas pelos editores Waissman Koogan Ltda e Vecchi Ltda.

DOS EDITORES WAISSMAN KOOGAN LTDA.

(Livraria Guanabara)

1 — Brasileiros: Erico Verissimo — GATO PRETO EM CAMPO DE NEVE e Arí Pavão — VIAGEM ATRAVES DO CAOS.
Em Traduções: — Jan Valtin — DO FUNDO DA NOITE — John Gunther — O DRAMA DA AMERICA LATINA (Inside Latin America) — Stefan Zweig — AS TRES PAIXÕES, e Charlotte Bronte — Jane EYRE.

2 — Ficção.

3 — Apesar da grande saída de traduções o livro brasileiro vai muito bem.

4 — Mesmo sendo comerciante, o que não poderia deixar de ser, o editor tem um papel de grande relevancia na Cultura Brasileira.

5 — O grande problema do livro no Brasil ainda é o papel; está em vias de realização o projeto que Concede ao Livro os favores da lei que beneficia a imprensa.

DOS EDITORES VECCHI LTDA.

1 — Das nossas edições, as que tiveram maior saída em 1942 foram: "Boêmios errantes", de John Steinbeck; "A sombra do olmo", de Anatole France; "O Colar de Afrodite", de Pitigrilli; "Brasa", de Jenny Pimentel de Borba; "Seja o seu proprio médico!", do dr. Victor Heiser; "Amor se escreve sem agá", de Enrique Jardiel Poncela; "As raízes", de Eduardo Zamacois; "Emigrados de luxo" e "O romance de um covarde", de Maurice Dekobra.

2 — O gênero ficção continua a ser o preferido pelo grande público. Em segundo lugar, as reportagens e romances de guerra.

3 — O consumo de traduções é muito maior que o de obras de autores nossos. Mas isto não constitui, de modo algum, uma anomalia nacional. É evidente que, insuladamente considerada, qualquer nação tem uma produção intelectual inferior, em quantidade e qualidade, á do conjunto dos demais países. Este fato, conjugado á grande permeabilidade cultural dos povos, faz com que o consumo de traduções seja, na maioria dos países civilizados, maior que o de edições originais.

4 — O editor está longe de ser um méro industrial ou comerciante. Compete-lhe, acima de tudo, a elevada missão de fomentar a cultura nacional, seja dando pulso aos nossos proprios valores intelectuais, seja pondo ao alcance do leitor brasileiro, mediante traduções escrupulosas, confiadas a penas idoneas, o que de melhor se publica no estrangeiro.

5 — O problema do livro no Brasil é assás complexo e não comporta as soluções simplistas tão amiude alviltradas por pessoas que ignoram a verdadeira natureza da questão. Trata-se de um problema de duas faces — uma econômica, outra cultural. Os fatores de ordem econômica que intervêm no caso são: papel caro e edições de tiragem reduzida — impostas estas pelo publico relativamente diminuto que tem o hábito de ler. Para solucionar o problema do livro nacional — que é em grande parte o problema da cultura nacional, de vez que o livro é hoje em dia o mais eficaz instrumento de difusão do saber — é mistér alterar os termos da equação livro-leitor. Livro e leitor são termos correlatos, e, além do barateamento relativo do livro que se poderia obter barateando o papel, muito mais apreciável seria o barateamento e a melhora da sua apresentação material que decorreriam do aumento do numero de leitores. Ora, o acréscimo do publico leitor só se alcançará mediante uma ampla e intensa campanha nacional de alfabetização, a par de uma campanha paralela que objetivasse inculcar nas massas populares o hábito da leitura.

ESCRAGNOLLE DORIA

Homens e Terras de Goiás

O Brasil Central orna-se com os florões de Mato Grosso e Goiás. Diser-lhes historia e tradições equivale a remontar muito alto no mais recuado da vida patria. Para mostrar aquela historia, aquelas tradições tem havido e ha quem recolha quanto no passado se refere a Goiás, malgrado o descaso e o perder de documentos dos quais nem todos estão no caso de comprehender a valia e a insubstituibilidade.

A Independencia classificou Goiás entre as onze provincias gerais de nascente Imperio, dando-lhes por companhia oito provincias subalternas em 1824 a população total do paiz, orçando por quatro milhões de habitantes.

Conhecer de miudo o outr'ora de Goiás é por força recorrer a dous cronistas despidos de vaidades literarias, sem sacrificio do bem diser, abrindo luz de informacões preciosas.

Aqueles cronistas são o padre Luís Antonio da Silva e Souza e o general Raimundo José da Cunha Mattos, ambos interessados no descrever Goiás.

Redigindo memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da capitania de Goiás, o padre Silva e Souza merece gabo especial. Mineiro do Serro Frio escreveu terra alheia ao seu berço, não bairrista pois

Lê-lo é con vencer-se do quanto o Rio de Janeiro se ligou a fastos goianos. Assim Gomes Freire de Andrade por ordem regia estendeu governo ás minas de Goiás, no ser o ultimo governador não privativo da capitania. Primeiro chefe privativo da mesma seria D. Marcos de Noronha e Brito. Durante mais de cinco anos de governo viajou toda a capitania, nela recebendo o titulo de conde dos Arcos com o qual passaria a vice-rei na Bahia e no Rio de Janeiro aí posto para boas vindas ao Principe Regente em 1808.

Quanto a governo eclesiastico a capitania goiana pertenceu ao bispado do Rio de Janeiro até creação de prelasia por Benedito XIV, figurando quatro bispos do Rio no governo espiritual de Goiás. Foram D. Frei Antonio de Guadalupe, D. Frei João da Cruz, D. Frei Antonio do Desterro e D. Justiniano de Mascarenhas que governou almas em Goiás até 1805.

Ao governo temporal e eclesiastico da capitania goiana-se ajuntou a distribuição da justiça tantas ve zes iniqua. Até 1809, até creação da comarca de S. João das Duas Barras, a capitania con tou apenas comarca unica, a de Goiás com a satelitagem de va rios julgados, mais tarde termos.

As informacões do padre Silva e Souza, em 1812, acerca do que chama nações selvagens de Goiás são bem curiosas. Nota o cronista alguns ritos judaicos dos caipós, dados a festas e jogos. Um de tais jogos era chamado do tronco e nele se empenhavam corredores tomando uns dos outros um grande tronco. Reverencie o esporte moderno estes predecessores nudistas como ele.

De nação pacifica, junto ás aguas do Rio Grande depois Araguaia, os tapirapós, em certa ocasião vieram á capital da capitania, afirmando haver copia aurifera em suas terras, prometendo voltar trasendo tacoaras cheias de ouro. Talvés de volta fossem refletindo e compenetrando-se por antecipação da prudencia de celebre aviso, o de confiar desconfiando.

O Brasil é desmarcado museu de curiosidades naturais, bastante uteis ao homem. Assim as das fontes de aguas medicinaes, outr'ora conhecidas as sulfureas por aguas calibais. Varias menciona o padre Silva e Souza, entre elas as Caldas de Frei Reinaldo a pouca distancia do arraial de S. Felix.

Extensa na memoria do padre Silva e Souza é a lista das produções de Goiás no inicio do seculo XIX. Pedras preciosas avultam no rôl, entre elas rubins. Diz o cronista que foram procurados por ordem regia de 1781, por haver aparecido em Portugal um rubim tido por goiano. Daí por diante a gema se escondeu ou a esconderam, cousas um pouco diferentes.

No fim da sua memoria confessa o padre cronista a trabalhadeira que ela lhe custou: Como desejava, não poudo entrar na secretaria do governo nem em certos arquivos. Mendigou noticias, leu livros em alguns cartorios, leu papeis em mãos de particulares, consultou viajantes de olhos menos fechados, conseguindo quanto bastasse para se conhecer a situação de Goiás, "á espera dos escritos de outros mais habeis."

Doze anos depois do padre Silva e Souza, o brigadeiro Raimundo José da Cunha Mattos, governador das armas de Goiás, oferecia a D. Pedro I memoria sobre a provincia, declarando-a "parte mui vasta e muito interessante do Imperio do Brasil", datando a obra do arraial de Trahiras a 31 de Dezembro de 1824. Qual o padre Silva e Souza, o brigadeiro Cunha Mattos confessou as dificuldades que lhe haviam sido apresentadas ao redigir com escrupulo alentada corografia historica de Goiás onde ele Cunha Mattos nos descansos da espada manejava a pena.

Como toda a alma limpa de inveja, Cunha Mattos rende preito ao padre Silva e Souza, provisor e vigario geral da prelasia goiana; o sucessor digno do antecessor.

Cunha Mattos acostou-se á imparcialidade, criticando e censurando, sem calar louvor justo. A vida humana é alvi-negra. Tratando do carater, dos usos e costumes dos povos goianos, o cronista fornece noticias interessantes. Sigam-se algumas.

Senhoras e homens da capital vestiam-se com elegancia, a gente dos arraiais mais simples, todos porem de vestidos asseados e decentes ao envés do hoje em certas capitais.

Os homens principais eram despidos de orgulho, sociaveis, polidos e cheios de urbanidade, os mesmos pretos livres e escravos tendo maneiras decentes:

Cunha Mattos retrata as goianas. "Ellas são esbeltas, mui alvas e coradas; algumas têm olhos formosissimos, dentes perfeitos, e encontram-se talhes de modelo. São mais altas do que baixas, e ainda as mais grossas de corpo têm proporções mui regulares." Devendo reconhecimento a Cunha Mattos pela pintura dos dotes fisicos de suas ancestrais, o sexo feminino goiano de agora pôde e deve ufanar-se de haver sido outr'ora tão bem representado.

A relativa perfeição humana exige que o cultivo do espirito acompanhe o culto da beleza. Segundo Cunha Mattos, "varias senhoras goianas eram instruidas na historia e tinham paixão pelos livros, algumas d'ellas por acanhamento não mostrando o que sabiam, outras de tal modo circumspectas que apenas deixavam conhecer que entendiam das materias de que se fallava."

"A poesia era cultivada com gosto em Goyaz, aí a instrução publica empecida por quasi falta de professores, devendo os goianos mais instruidos a sua educação ao padre Silva e Souza, e a seu irmão o padre José Antonio, mestre de latim". Ele, como o mestre de primeiras letras, não cobrava, havia muitos annos, os ordenados que venciam por conta do Estado."

Deu Cunha Mattos severo reparo a falhas da vida social goiana, e entre elas a de senhores "lançarem pela porta fóra os escravos que lhes haviam feito grandes serviços". Quando de justiça o mesmo Cunha Mattos encarecia depois de censurar. Assim disia que em Goiás "não havia a bulha de quererem figurar de grandes em nobreza, ou riqueza; estes dois topicos de conversação ordinaria em outros logares não tendo cabimento em Goyaz."

Ai "o luxo não fazia grandes progressos, não havia partidas de chá, nem jogo. Os arreios dos cavallos da gente rica eram guarnecidos de prata e todos eram seguidos de pagens e cães de caça, embora a equitação e a esgrima não merecessem as atenções que recebiam em outras provincias do Imperio."

Em Goiás do tempo existia um teatro, no interior apreciada a diversão publica das cavalladas nas quais se apresentavam cavaleiros bem trajados montando cavalos bem ajaezados.

A Cunha Mattos não escapou a diferença de pronuncia dos goianos, que descendentes em boa parte de paulistas não tinham a pronuncia gutural dos naturais de S. Paulo, nem a afetação femil de muita gente de provincias mais iluminadas, doce a pronuncia dos goianos.

Reconhece Cunha Mattos que varios governadores e capitães gerais "trabalharam muito a prol de Goyaz, assim o conde dos Arcos, o conde de Sarzedas, o conde de S. Miguel e Jose de Almeida e Vasconcellos foram os que mais se distinguiram, porque visitavam a maior parte das terras goianas". Não se esqueça quão difficultosas senão perigosas eram as viagens prolongadas na epoca.

Note-se tambem que para Goiás no tempo colonial foram despachadas, sobretudo para governadores, homens de preeminencia não só pessoal como social, fidalgos, officiaes generais ou superiores do exercito e da armada, alguns removidos de Goiás para outros governos ou deles vindos para Goiás.

A lista dos homens illustres da provincia, lista formada em 1824 por Cunha Mattos, abrange vinte e cinco nomes, a começar pelo padre Fogaça, que recusou o bispado de Malaca. Por demais conhecidos são os meritos e serviços do tenente general Joaquim Xavier Curado, conde de S. João das Duas Barras, procer da Independencia. Do rôl das antigas notabilidades goianas constam os nomes de membros de familias tradicionais da provincia, sobretudo os Fleury e os Jardins.

José Rodrigues Jardim foi senador do Imperio de 1837 a 1842. Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, padre, prestou á provincia natal serviços de monta, um deles a reunião da comarca do norte á do sul ambas separadas por sugestões do ouvidor de S. João das Duas Barras, o desembargador Segurado.

Ao padre Fleury quando presidente da provincia, deveu Goiás, segundo o Sr. Odorico Costa, a creação de uma loteria, instituida em 1837, com unica extração anual, com o premio maior de 2 contos e 5.000 bilhetes. Devia correr a loteria em favor do Hospital da cidade de Goiás.

Na antiga capital, dedicado a letras juridicas e historicas, vive o dr. Sebastião Fleury Curado, ha pouco lembrado na imprensa carioca por ser um dos cinco membros sobreviventes da Constituinte de 1891. Lembrado foi "como um combatente sempre na primeira fila de combate". No momento da primeira eleição á presidencia da Republica só dous representantes goianos, o senador José Joaquim de Souza e o deputado Sebastião Fleury Curado votaram em Prudente de Moraes, e isso na ocasião valia por independencia e desassombro.

Retirando-se da politica *sans peur*, como provára, e *sans reproche*, como atesta hoje, o dr. Fleury Curado, formado em 1886 na Faculdade de Direito de S. Paulo, entregou-se á advocacia ora por ele exercida na terra natal e na velha capital goiana.



Parte de Goiás de vizinhança ao Estado de Minas.

Reunindo tres monografias em um opusculo, o dr. Fleury Curado nelas nos conta *Um Episodio dos Tempos Coloniaes* (1749), *A Estadia do Dr. Sabino Vieira em Goyaz*, (1837-1841) e *A Proclamação da Republica em Goyaz* (1889). O segundo estudo se refere á discutida pessôa da figura principal de revolta da Bahia ao tempo da Regencia. O estudo sobre a *Proclamação da Republica em Goyaz* é documento de testemunha presencial e indispensavel a futuro historiador sereno e probo dos sucessos subsequentes a 15 de Novembro de 1889. Só quasi quinze annos depois, pelo telegrafo de Morrinhos, a capital goiana se inteirava daqueles sucessos em relação a provincias tão pouco sabidas quão mal contados. Verdade, neste mundo qual és tu mais, negada ou perseguida?



CONTO BRASILEIRO

LIVIA

De LIMA BARRETO

E todos os dias quando ela, de manhã cedo, ia, ainda morrinha da cama, preparar o café matinal da família, ia toda envolvida num nevoeiro de sonhos, sonhados durante um demorado dormir de oito horas a fio. Por vezes — lá na cozinha, só, vigiando pacientemente a água que fervia — ao lhe chegarem as reminiscências deles em tumulto, juntas borbulhava-lhe nos lábios uma interjetiva qualquer, eco desconexo do muito que lhe falavam por dentro.

De quando em quando, sofrendo um gesto glorioso de satisfação dizia — é ele — e isso de leve traduzia a grande carícia que lhe era dado gozar naquele instante, refazendo aquele sonho bom — tão bom e acariciador que bem lhe parecia um enebriamento de capitosos perfumes a se evolar do Misterio vagarosamente, suavemente... Depois, logo que o café se aprontava e, na sala de jantar, todos ao redor da mesa se punham a sorve-lo, mastigando o pão de cada dia — ela, d'olhos parados, presos a uma linha do assoalho, levando compassadamente a chicara aos lábios, ficava a um canto a pensar, remoendo a cisma, procurando decifrar naqueles traços nebulosos — tão mal guardados pela memória — a figura viva daquele, com quem, em sonhos, se vira indo de braço dado ruas em fóra.

Esforço a esforço, de evocação em evocação, aparecia-lhe aos

poucos a sua figura, o seu ar; e, após esse paciente trabalho de reconstrução, lhe vinha, anunciado por um sorriso reprimido que lhe encrespava radiosamente o semblante, o seu nome sílaba por sílaba... Go-do-fre-do. Então com volúpia, ela lhe pesava os recursos; ganhava 120, no emprego da Central, talvez, em breve, viesse a ter mais. Quarenta para casa e o resto para o vestuário e alimentos.

Era pouco — convinha — mas servia, pois assim ficaria livre da tirania do cunhado, das impertinências do pai; teria sua casa, seus moveis e, certamente, o marido lhe dando algum dinheiro, ela — quem sabe! — que tão bons sonhos tinha, arriscando no *bicho*, aumentaria a renda do casal e, quando assim fosse, havia de comprar um corte de fazenda boa, um chapéu, de jeito, que sempre, pelo Carnaval, iria melhorzinha á rua do Ouvidor, assistir passarem as sociedades.

O café já se havia acabado; e ela ficara ainda distraída e sentada, quando soou de lá da sala de visitas, a voz vigorosa do cunhado:

— Livia! Traz o meu guarda-sol que ficou atrás da porta do quarto. Depressa!... Anda que faltam só oito minutos para o trem!

E como se demorasse um pouco, o Marques, redobrando de vigor no timbre, gritou:

— Oh! C'os diabos! Você ainda não achou! Safa! Que gente mole! Humildemente, Livia lá foi aos pulos, como uma corça domesticada, entregar o objeto pedido, para lhe ser arrancado bruscamente das mãos.

Envolvida ainda naquele sonho que lhe soubera tão bem a manhã, ela, através das frinças da veneziana, viu o cunhado atravessar a rua e se perder por entre o dedalo de casas.

Certificada disso, abriu a janela. O suburbio todo despertava languidamente.

As montanhas, verde-negras, quasi desnudas de vegetação, con-

Lima Barreto é o reporter dos pequenos dramas do quotidiano carioca. As criaturas evocadas pela sua pena são as do mundo do carteiro, do malandro do morro, da costureirinha, do funcionario que tem uma filha bonita e carnavalesca e não sabe como arranjar o reino de que ela sonha ser rainha. Sabendo como poucos fixar, em duas ou três paginas, a imensa tragedia que cabe ás vezes no simples fracasso de um baile a que a mocinha romantica não pôde ir com o namorado, ou os dramas reais da pobreza generosa e ingenua, Lima Barreto ficará como o grande fixador dessa "gens" suburbana, que passaria, anos depois, a ter vida nova nos livros de Marques Rebello.

Seu estilo é seco e sua frase despida de qualquer contração de forma, o que não significa, todavia, que qualquer de suas paginas careça de emoção, de piedade, de solidaria simpatia humana, de ironia muita vez agudissima, contra os poderosos e os cruéis.

O pequeno romance de Livia cabe todo neste conto tão simples e tão doloroso. O mundo de ouro da imaginação abre suas portas, diante da pobre criatura batida de desenganos, apenas para que o despertar da realidade seja mais amargo.



Nesse contraste de situações e de emoções reside muito do segredo da arte personalissima de Lima Barreto. Seu universo não ia além do perimetro urbano do Rio ou de Niteroi. Nem por isso é menos rica em caracteres a humanidade que nos legou nas suas paginas tanta vez sangrando vida.

fusamente surgiam do seio da cerração tenue e esgarçada. As casas listavam de branco e ocre o pardacento geral, enquanto bocados de neblina, finos, adelgaçados, flutuavam sobre elas como sombras erradias.

As ruas descalçadas e enlameadas eram atravessadas por alguns transeuntes cabisbaixos, mal vestidos, andando céleres em busca do embarcadouro.

Corria, de resto, como sempre, morosamente o viver diario; e a Livia, sacudida pelo silvo agudo de uma locomotiva, levantou de repente os olhos, até ali fitos na Estação que emergia do ambiente pardo a clarear-se, para pregar-se numa nesga do Ceu que o Sol abria, por entre a nevoa, furiosamente, vitoriosamente.

A subitas, sua alma voou, asas abertas, vôo rasgado, para outras bandas, outras regiões. Voou para a cidade de luxo e elegancia que, ao fim daquelas fitas de aço, refulgia e brilhava.

Representaram-se-lhe os teatros de luxo, os bailes do tom, a rua da moda onde triunfavam as belezas. Ao considerar isso, viu-se ali também, ela, sim! ela, que não era feia, tendo o seu porte flexível e longo, envolvido de rendas, a desprender custosas essencias e aqueles seus dedos de unhas de nacar, ornados de ouro e perolas, escolhido na mais chic loja, cassas, baptistes, voiles...

Numa galopada de sonhos, supoz maiores cousas e — lembrando-se do que lhe contára a madrinha (oh! como era rica!) — imaginou a Europa, aquelas terras soberbas, por onde a Dindinha passeava a sua velhice e o seu egoismo.

Doidamente revolvía a alma e as cismas... Calculou-se lá também, na alameda de um soberbo jardim, de landau, com ricas vestes ao corpo unidas, ressaltando delas o esplendor de suas formas e o esguio patricio de seu corpo. Imaginou que, atravez de um caro chapéo de palhinha branca, se coasse a luz macia do sol da Europa, polvilhando-lhe a tez de ouro, em cujo fundo brilhassem muito os seus olhos vivos, negros e redondos.

— Oh! que bom! Quem me dera!

Quasi exclamou por esse tempo.

De reviravolta, Livia adivinhou outra cousa no sonho. Não pensara bem; era outro que não o Godofredo, o rapaz que imaginara.

Aquele nariz grosso, aquela testa alta, o bigode ralo, não eram dele; eram antes do Siqueira, estudante de farmacia, filho do Agente. Esse poderia lhe dar aquilo — a Europa, o luxo — pois que formado ganharia muito.

Dessa forma — resolvera — amarraria a lata no Godofredo e pegaria com o Siqueira. E era muito melhor! O Siqueira, afinal, ia formar-se, seria um marido formado, ao braço do qual, se não fosse á Europa, viria a gozar de maior consideração...

Demais a Europa era desnecessaria — para quê? Era querer muito. Quem muito quer nada tem; e ela para ter alguma cousa devia querer pouco. Bastava pois que lhe tirassem dali, fosse esse, fosse aquele; mas... se em todo o caso pudesse ser um mais assim... seria muito melhor.

E desde quando vinha ela querendo aquilo? Havia muitos anos; havia dez talvez. Desde os doze que namorava, que grelava só para aquele fim; entretanto, apesar de haver tido mais de quinze namorados, ainda ali estava, ainda ali ficava, sob o mando do cunhado.

Quinze namorados!

Quinze! De que lhe serviram?

Um levava-lhe beijos, outro abraços, outro uma e outra cousa; e sempre, esperando casar-se, isto é libertar-se, ela ia languidamente,

passivamente deixando. Passavam um, dous mezes, e os namorados iam-se sem causa. Era feio, diziam; mas que fazer? como casar-se? Por consequencia, como viver? A sua propria mãe não lhe aconselhava? Não lhe dizia — "Filha, anda com isso; preciso ver esta letra vencida"?

De resto, o amor lhe desculparia, pois não é o amor o maximo tirano? Não é a propria essencia da vida, das cousas mudas, dos seres, enfim?

Porventura ela os amára? Teria ela amado aquela legião de namorados? Amára, um sequer? Não sabia...

— O que é amar? interrogava fremente.

Não é escrever cartas doces? Não é corresponder a olhares? Não é dar aos namorados as ameaças da sua carne e da sua volupia?

Se era isso, ela amára a todos, um a um, se não era, a nenhum amára...

E o que era amar? Que era então?

Ao lhe chegar essa interrogação metafísica, para o seu entendimento, ela se perdeu no proprio pensamento; as ideias se baralharam, turbaram-se; e, depois, fatigada, foi passando vagarosamente a mão esquerda pela testa, correu-a pacientemente pela cabeça toda até á nuca.

Por fim, como se fosse um suspiro, concluiu:

— Qual amor! Qual nada! A questão é casar e para casar, namorar aqui, ali, embora por um se seja furtada em beijos, por outro em abraços, por outro...

— Oh! Livia! Você hoje não pretende varrer a casa, rapariga! Que fazes ha tanto tempo na janela?!

Obedecendo ao chamado de sua mãe, Livia foi mais uma vez retomar a dura tarefa, da qual, ao seu julgar, só um casamento havia de livra-la para sempre, eternamente...

VERA KELSEY E' UMA BOA VIZINHA



Vera Kelsey

Dos numerosos intelectuais estrangeiros que já visitaram o Brasil, miss Vera Kelsey forma, sem duvida, entre os que maior soma de serviços nos teem prestado lá fóra. Apaixonada estudiosa das coisas brasileiras, a escritora americana por diversas vezes aqui esteve, permanecendo em cada uma das suas visitas tempo bastante para conhecer, tanto quanto lhe tenha sido possivel os nossos costumes, as nossas manifestações na literatura, nas artes, na poesia e na musica, as vibrações do povo brasileiro diante dos principais aconte-

cimentos de repercussão internacional.

Para descrever com a máxima fidelidade, Vera Kelsey realizou numerosas viagens a capitais e cidades do interior do Brasil, percorrendo milhares de quilómetros do nosso território, em estradas de ferro, em navios costeiros, nos « clippers » da Pan American Airways e nos aviões da Panair do Brasil que conduzem aos pontos mais distantes do nosso « hinterland ».

Daí a grande aceitação que tiveram nos Estados Unidos e noutros países de lingua inglesa os seus livros « Seven Keys to Brazil » e « Brazilin Capitals » onde se resumem apreciações valiosas em torno do maior país do continente sul-americano, baseadas em observações recolhidas com todo o criterio.

O seu ultimo livro, « Six Great Men of Brazil », foi destinado á juventude norte-americana. Os 50.000 exemplares encomendados pelo editor constituem uma afirmação quanto ao sucesso dessa obra. E' todo ilustrado por Stephen J. Voorhies e narra, num estilo leve e gracioso, a vida de seis grandes figuras do Brasil. — Pedro II, Duque de Caxias, Barão de Mauá, Carlos Gomes, Santos-Dumont e General Rondon.

« Maria Rosa », outro notável trabalho de literatura infantil de Vera Kelsey, cheio de ilustrações admiráveis do pintor brasileiro Candido Portinari é um livro de rara belêsa pela modernissima confecção gráfica.

:-: TAPETE MAGICO :-:

Nas velhas igrejas era costume outrora, como se sabe, guardar os despojos mortais dos fieis da paróquia.

O uso, com o tempo, foi-se restringindo. Ao lado das igrejas, abriram-se os canteiros do jardim, para receber os mortos. Em certas naveas ilustres continuaram a ter guarida, apenas, os herois nacionais. Foi assim que se fez com a Abadia de Westminster, de Londres, com os Invalidos, de Paris, com a Santa Croce, de Florença, com outros tantos templos famosos.

A Venezuela tambem conserva o seu Panteon numa velha igreja, que, com o tempo, perdeu a função religiosa, tal qual aconteceu com os Invalidos, depois da chegada de Napoleão e de Foch.

Nesta imponente catedral, dormem as cinzas de Simon Bolivar, o Libertador. Seu coração ficou enterrado em Santa Marta, em terras da Colombia, onde morrera.

Deante do seu tumulo, sobre o qual domina uma estatua de George Washington, os fieis do culto da patria vêm elevar suas orações á gloria do país que ele um dia tornou livre.

Os três mosqueteiros de Dumas eram quatro, como se sabe. Estes, dos desertos da Arabia são mesmo três. Não se parecem quasi nada com Athos, Porthos ou Aramis, como é facil de vêr. Mas nem por isso terão menos façanhas, a rememorar somente com a vista dos seus velhos rifles, que parecem ter saído dalgum museu de armas.

Botticelli... Pintou as Madonas mais finas e mais elegantes da cristandade. Tão finas e tão elegantes, que serviam para simbolizar as damas florentinas do seu tempo. Deliciosas Madonas, rodeadas de anjos tão lindos como elas proprias, não nos cansaremos jamais de admirá-las. Ha trezentos anos que esse culto vem durando...



NOSSA TERRA:



UMA AGUIA

O Parque Zoológico da Secretaria de Agricultura do E. do Rio, onde já se acham diversos exemplares curiosos da nossa fauna, acaba de ser enriquecido com a aquisição de um belíssimo e raro exemplar de aguiã brasileira, que foi capturada em Itaperuna e oferecida ao Parque pelo Coronel Romualdo Monteiro de Barros, fazendeiro daquele município.

Pelas suas proporções essa ave bem pode ser comparada aos similares europeus.

Tratando-se, pois, de um exemplar fóra de comum, é oportuno lembrar o que, a seu respeito, escreve Agenor Couto de Magalhães no seu "Ensaio sobre a Fauna Brasileira", edição 1939.

« No amplo domínio da fauna alada do Brasil, destaca-se, pela invulgar imponência, esse grande rapineiro sul-americano, que, segundo bem diz Luis Terrazas em seu excelente catalogo das aves bolivianas, recebeu, dos tupis, o nome de uirassú, ou melhor, guirassú, que significa passaro grande, e, dos guaranis, o de taguato-rubicha.

Essa majestosa ave rapineira, de dimensões e força comparáveis às dos mais possantes similares europeus e africanos, merece estudo especial da parte dos ornitólogos, que desconhecem muito de sua biologia.

Devíamos cuidar também, com mais carinho, da preservação desses soberbos exemplares, reais modelos de beleza da nossa fauna.

Importa, ainda, relevar a diminuição progressiva que se vem verificando no numero desses falconídeos gigantes, sempre cubitados pelos caçadores, pelos índios e pelas instituições científicas.

Dentre todos os rapineiros, o guirassú é o que possui as garras mais possantes. Além disso, a grande força de que é dotado facilita-lhe a captura de animais, ainda que ageis ou de porte volumoso, como simios, cotias, filhotes de caietús, já não se falando das aves, que são também suas vítimas indefesas.

Os escritores antigos, que aqui aportaram atribuíram poderes exagerados ao guirassú, passaro que bem se prestava aos devaneios da fantasia dos caçadores e dos nativos. Muitos historiadores de imaginação fértil chegaram ao cumulo de consignar que esse gavião poderia, com uma só bicada, reduzir a pedaços o crânio de um homem...

Hoje, felizmente, tudo ficou devidamente esclarecido em relação ao gavião real, ainda que faltem observações completas acerca de sua biologia, cujos segredos parecem desafiar a atenção e a paciência dos ornitólogos".

«Em referência á postura e nidificação do guirassú, tenho a aduzir algumas informações, ainda que vagas, que aí ficam á espera de confirmação ulterior: é voz corrente, em Mato Grosso, que a Harpia constroi os ninhos nos galhos mais elevados das mais altas arvores que bordejam os grandes rios. Esses ninhos, muito grandes e toscos, feitos de ramos secos espalhados em plano sem espessura, guardam de três a quatro ovos brancos. Consta, igualmente, que os pais aproveitam sempre o mesmo ninho para novas posturas.

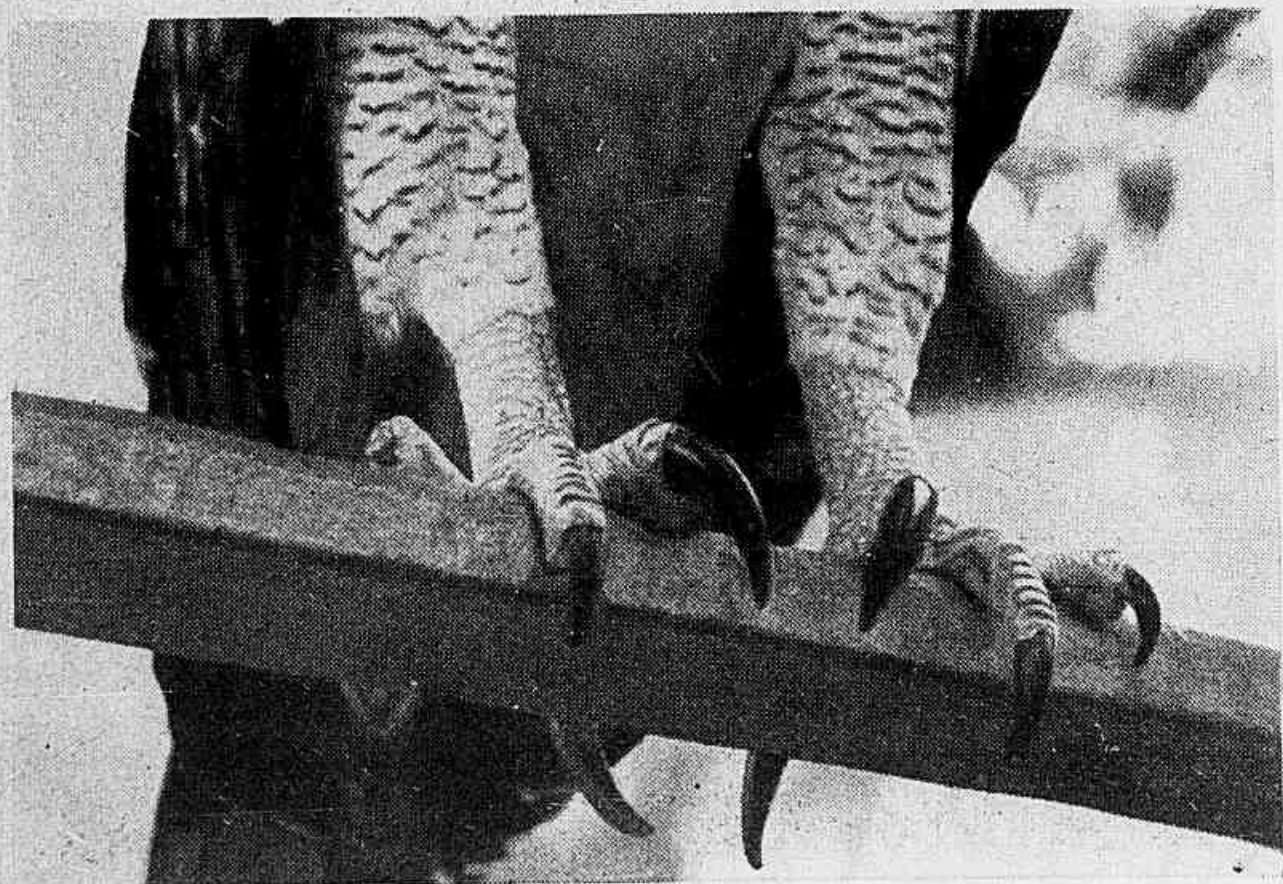
Emilio Goeldi nos diz o seguinte: "Em Março de 1830, Natterer observou, proximo a Borba, um casal de Harpias no ninho, construido em um taquari de enorme altura. Quanto ao numero e forma dos ovos, nada se sabe ao certo até agora, que me conste; é isto ainda segredo dos índios, que dizem ser um e mesmo ninho aproveitado em anos sucessivos: o mesmo se dá com o Gypaetus barbatus da Europa (pag.52 da "Monografia Brasileira", 1893).

O gavião real, como bem o batisaram os portugueses primitivos, que com ele travaram conhecimento, habita o Brasil, até o Mexico, do Pacifico ao Atlantico, em zonas de florestas densas, riscadas de grandes rios, e de preferencia nas varzeas quentes. Não ultrapassa as serras mais elevadas e frias dos Andes. Em muitos Estados do país o seu aparecimento nunca foi assinalado, mas em outros pontos do Brasil a sua ocorrência não constitui surpresa, como em Goiás, Paraná, Pará, São Paulo e Mato Grosso".

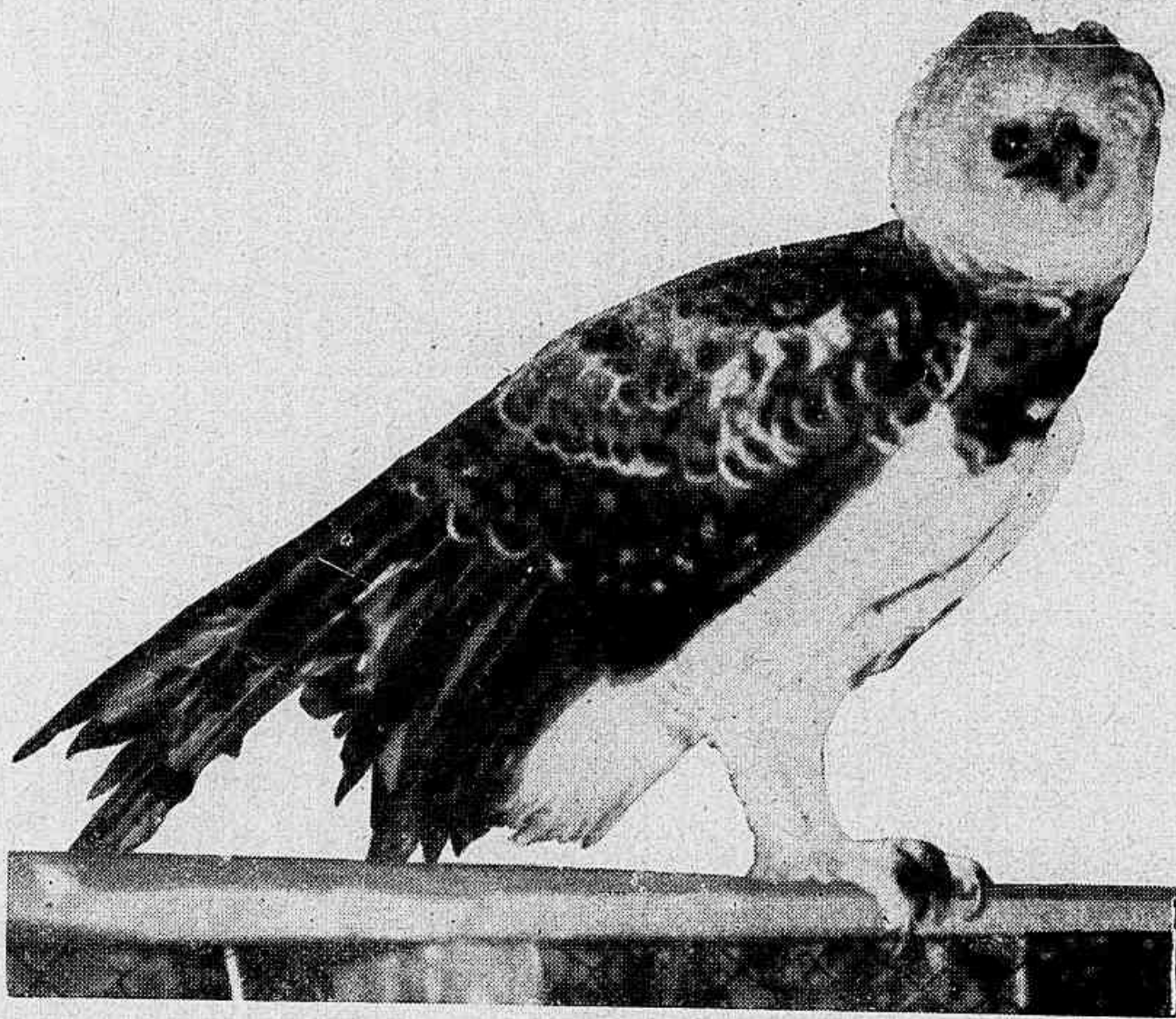
Nas lendas e tradições que enriquecem o nosso poranduba, as penas vistosas do guirassú são tidas como portadores de felicidade, constando também que o excremento seco desse passaro é capaz de curar as mais rebeldes enfermidades.

Quanto á sua força prodigiosa e destreza incomparavel, destaca-se, outrossim, entre a gente simples, a lenda de que o gavião-guassú é capaz de arrancar, com as unhas poderosas, o coração dos macacos, preguiças e outros animais que encontra no topo das arvores.

A Harpia apresenta os seguintes característicos: de ponta a ponta a asa tem dois metros, e, nos maiores exemplares capturados, dois metros e vinte centímetros, sendo, portanto, comparavel ao Gypaetus Barbatus. As asas propriamente ditas não correspondem, no tamanho, ás do similar europeu, que as tem muito mais longas e poderosas, sendo talvez por isso que a aguiã brasileira não tem o poder de vôo deste.



BRASILEIRA



As pernas são grossas, vigorosas, e os dedos, também grossos, são longos e possantes. O dedo médio tem oito centímetros e meio de comprimento e o traqueário quatro. As garras têm, em curva, oito centímetros; a altura da ave é de um metro, da ponta da cauda ao alto da cabeça; dorso e collar de penas acinzentadas; pernas e pés amarelos; bico adunco e de cor plumbea. As penas da nuca, que se alongam em tope vistoso, são cinzentas; as costas e as asas são anegras; as penas brancas dos calções são marchetadas de negro e as do baixo ventre e do encontro das asas são brancas; o iris é amarelo avermelhado.

O guirassú, a despeito do porte, emite um piado fino e penetrante, como se fosse um assobio. Esse som é o grito de irritação; é de fato estridente, como Dante refere numa das passagens do seu poema imortal. É lugubre e de significação indescritível quando ouvido no recesso da floresta sombria e úmida.

No Museu Paulista há um belo exemplar empalhado, procedente de São José do Rio Pardo. Temos também um espécime, oriundo de Franca, em cativeiro. Ultimamente foi morto outro em Jundiá, desarvorado do seu habitat.

Com vista aos poderes públicos, quero, ao terminar esta descrição ligeira e desataviada, fazer um apelo veemente em favor da preservação dessa belíssima ave de rapina, que, em virtude do extermínio sistemático e inútil que o homem lhe vem movendo impensadamente, já tende a desaparecer por completo do cenário zoológico do Brasil, o que já está prestes a acontecer também com o galo da serra (*Rupicola rupicola*)."

Também acerca da referida ave escreve Rodolpho Von Ihering no Dicionário dos Animais do Brasil:

"HARPIA — Lineu serviu-se do nome dos monstros alados da mitologia para designar a mais bela espécie dos nossos "Gaviões de Penacho", o "Gavião real" ou, na denominação indígena:

"Uirussú" (uira-guassú, isto é, ave máxima) ou "Cutucurim". Hoje a denominação "Harpia", aplicada à ave de rapina de nossa fauna, já adquiriu certa divulgação nas letras. Zoológicamente "Gavião de penacho" abrange as seguintes espécies: duas do gênero *Spizaetus* (mais conhecidas por "Gavião pega-macaco" ou "Apacanim"), providas de penacho pequeno; *Morphnus guianensis* é bem maior e rivaliza quase com *Thrasaetus harpia*. Esta é a espécie mais vistosa do grupo, pois alcança 2 metros de envergadura e pelo colorido distingue-se da precedente por ser mais cinzenta e por ter uma sorte de colarinho claro, como não tem *Morphnus*, que é todo ele mais denegrido."

Também os índios, empolgados pela beleza e tamanho desta ave de rapina, tributam-lhe admiração e respeito bem merecidos. D'Orbigny e Tsudi, em suas viagens pelas regiões do Alto Amazonas, constataram o quanto é estimada a ave, tanto que, "um índio, que possui uma harpia viva, é persona-

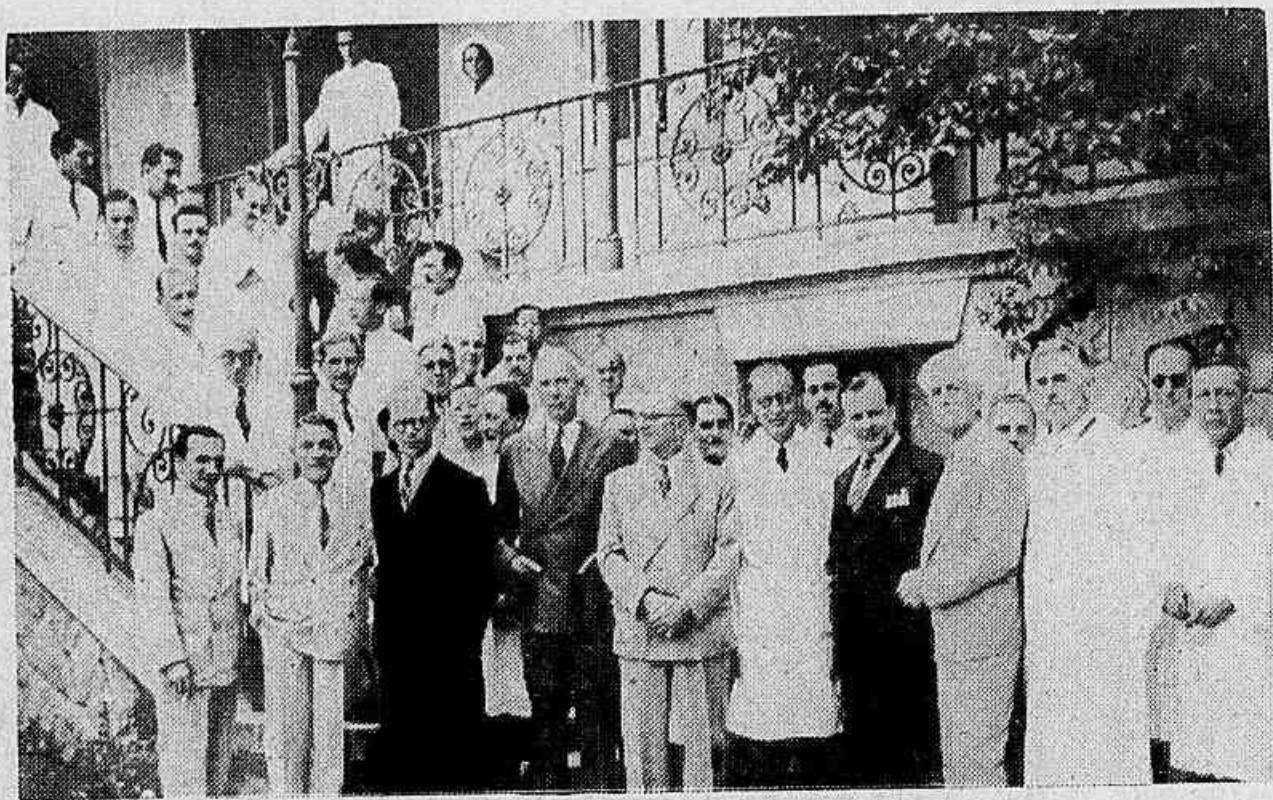
gem muito feliz". Duas vezes por ano o rico proprietário arranca todas as penas das asas e da cauda do gavião e, depois de ter enfeitado suas flechas e preparado vistosos cocares com tais penas, permuta as demais em troca de coisas de valor: alimentos, utensílios, adornos. Também no Xingú e no Araguaia os índios frequentemente mantêm harpias vivas; a carne, a banha e até o excremento passam por ser excelentes remédios.

No Museu Paulista, durante muitos anos mantivemos viva uma harpia, acostumada à gaiola desde pequena. Postada, habitualmente, de costas para o visitante, nada lhe escapava, no entanto, à observação, pois a cabeça girava de tal forma sobre os ombros, que não raro descrevia três quartos de círculo. Si alguém lhe acenava com um pano vermelho, si um cão gania, ou quando o guarda se aproximava com uma galinha viva, imediatamente a bela ave armava o penacho em leque e, com demonstrações de viva excitação, tentava como que dominar a cena. Si lhe punham um simples peso de carne no viveiro, sem muita pressa vinha buscar o alimento; mas um animal vivo, ainda que pequeno, excitava-lhe o instinto de rapina e, talvez com prazer indizível, preparava o bote certo. A misera vítima morria no mesmo instante em que a atingiam as garras e o bico do algoz. Só depois de cuidadosamente preparada, depenada e limpa das vísceras, era a galinha devorada, com todos os ossos.

Em Goiaz relataram ao Dr. A. Neiva ("Viagem científica") que este valente gavião não se limita a matar e carregar, facilmente, animais do porte de filhotes de veado, bem como mutuns, seriemas, e tatús; ataca também bezerrinhos novos e foi registrada mesmo uma investida do gavião de penacho contra um menino, o qual foi salvo apenas devido à intervenção de adultos.



FIGURAS E FATOS



HOMENAGEM A MEMÓRIA DE EVANDRO CHAGAS — Realizou-se há dias, no Instituto Oswaldo Cruz, a inauguração do Hospital Evandro Chagas, em cuja sede foi também inaugurado um retrato do ilustre cientista que lhe deu o nome e que faleceu nesta capital, há dois anos, ainda muito moço, em consequência de um desastre de avião. Focalizamos, na fotografia acima, um grupo das pessoas que compareceram à cerimônia, vendo-se, ao centro, o ministro Gustavo Capanema, o diretor do Departamento Nacional de Saúde e o diretor do Instituto Oswaldo Cruz.



CLUBE UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO — Acaba de ser fundado nesta capital o C. U. B. que, à semelhança das "fraternities" americanas, visa congregar e reunir os universitários e titulados numa organização cultural e social que promoverá o incentivo do espírito acadêmico entre as gerações. Acima publicamos um flagrante da fundação do C. U. B., notando-se, entre outras figuras de destaque de nossa sociedade, o dr. Pedro Calmon, Helio Gomes, Roberto Acioli, desembargador José Duarte, Marcelo Heitor de Souza, acadêmico Virgílio Pires de Sá, e Helio de Almeida, presidente da U. N. E.



ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA — Realizaram-se a 19 de Dezembro p. passado as solenidades de formatura da Escola de Medicina e Cirurgia. A foto acima representa um grupo dos doutorandos posando especialmente para a objetiva da REVISTA DA SEMANA. Em cima, à direita, vê-se, assinalado, o dr. Ruy Mendes da Costa.

« Educar para a vida » é o lema por que se norteiam os povos civilizados, por isso no Brasil os colegiais se exercitam frequentemente na prática das virtudes cívicas e nos sentimentos de amor ao próximo.

Seguindo essa orientação os alunos do Colégio Fontainha representaram, domingo ultimo, no Teatro Municipal, a delicada peça de M. Maeterlink, traduzida e adaptada aos nossos costumes pela consagrada escritora, professora Maria José Fontainha.

O espetáculo, que foi em benefício da Cruz Vermelha Brasileira, decorreu numa sucessão de quadros de impressionante beleza, deixando maravilhados quantos lá acorreram.

A singular forma por que se desobrigaram de seus papeis os pequenos atores e dançarinas a todos empolgou.

O corpo cênico do referido educandário, numa delicada prova de reconhecimento, no fim do ultimo ato ofereceu à Prof. Maria José Fontainha uma mimosa « corbeille » de flores sob os entusiasticos aplausos dos presentes. Nem outro poderia ser o êxito de uma festa em que professores, alunos, pais e amigos se confundiam na mesma efusão de amor áqueles que são seus irmãos, menos favorecidos pela sorte terrena.

Esse festival rendeu Cr. \$ 10.858,80, líquidos, em favor do Posto 2 da Cruz Vermelha Brasileira.



COLÉGIO PAIVA E SOUZA — Realizou-se a 23 de Dezembro último, em um dos edifícios deste educandário, a tradicional festa de encerramento do ano letivo, fazendo-se a entrega dos diplomas aos alunos da quarta e quinta série, e certificados aos alunos do curso primário. Nos flagrantes apanhados pela nossa objetiva, vê-se uma parte da grande assistência e um aspecto da mesa onde os diretores, dr. Antenor de Paiva e Souza e sr. Lúcio Paiva e Souza fazem distribuição de prêmios.

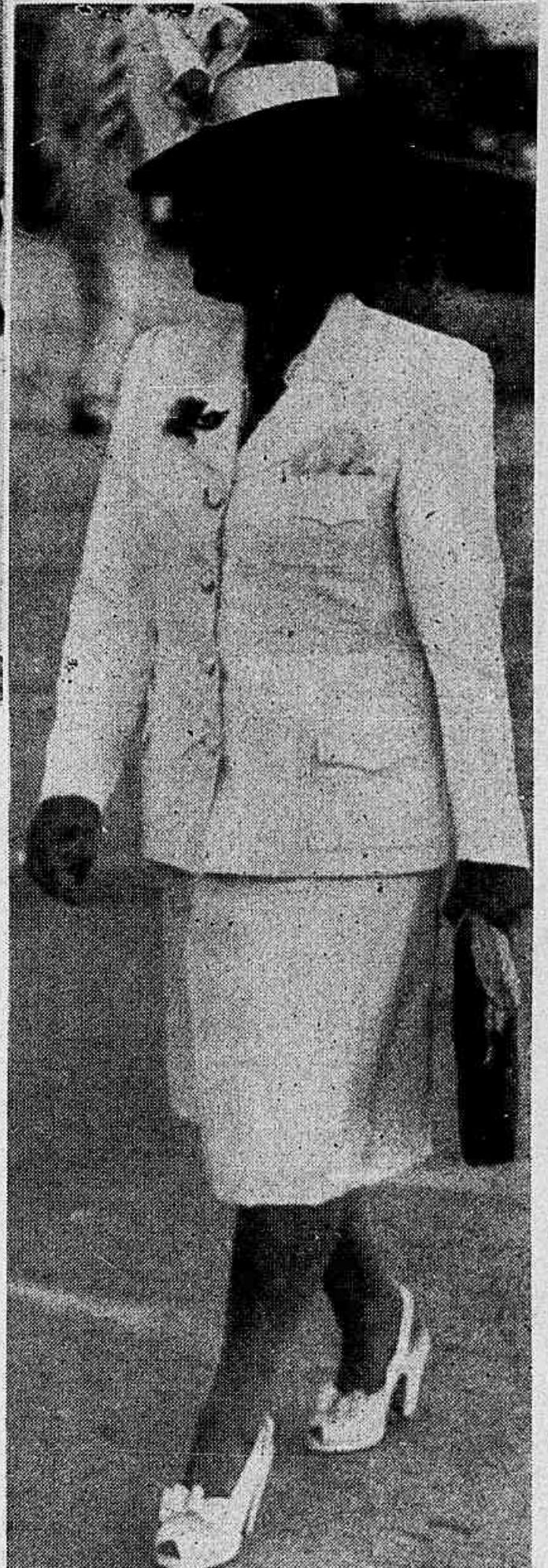
Jockey Club Mundano



Assistindo às corridas de domingo no Hipódromo da Gavea aqui vemos os srs. dr. João Borges Filho e dr. Francisco Eduardo de Paula Machado em companhia do major Walter Winchell.

A temporada de 1942 foi encerrada brilhantemente no Jockey Club Brasileiro. Público numeroso e entusiasta encheu literalmente as tribunas do majestoso campo de corridas da Gavea no último domingo, e os pareos corresponderam plenamente à expectativa, tendo sido ganho por Crecelle o principal deles, o "Classico Firmiano Pinto".

E' dessa tarde esportiva e de alto mundanismo que estampamos diversos aspectos nesta página.



1942 EM REVISTA

JANEIRO



A CONFERENCIA DOS CHANCELERES AMERICANOS — Durante o mês de janeiro o mundo inteiro teve sua atenção voltada para o Rio, onde se estava realizando a Conferencia dos Chanceleres das Nações Americanas, conferencia em que foi recomendado a todos os governos do Hemisfério, por unanimidade, o rompimento de relações diplomáticas e comerciais com as nações do Eixo. Essa conferencia marcou o início da nova política pan-americana pró-aliados.

A QUEDA DE SINGAPURA — Após avançarem do Sião — da Indochina para Malaca, os japoneses conseguem expulsar as tropas inglesas para a ilha de Singapura, que submetem a grandes bombardeios. Pouco depois, por um custo relativamente baixo, caía em suas mãos a grande base naval, certamente a mais cara já construída pelo homem. Os britânicos fizeram voar pelos ares o que de mais importante havia da malograda praça de guerra.

Dia 1 — Desembarque inglês na ilha Lofoten, Noruega.

Dia 3 — Os britânicos capturam Bardia, na Líbia.

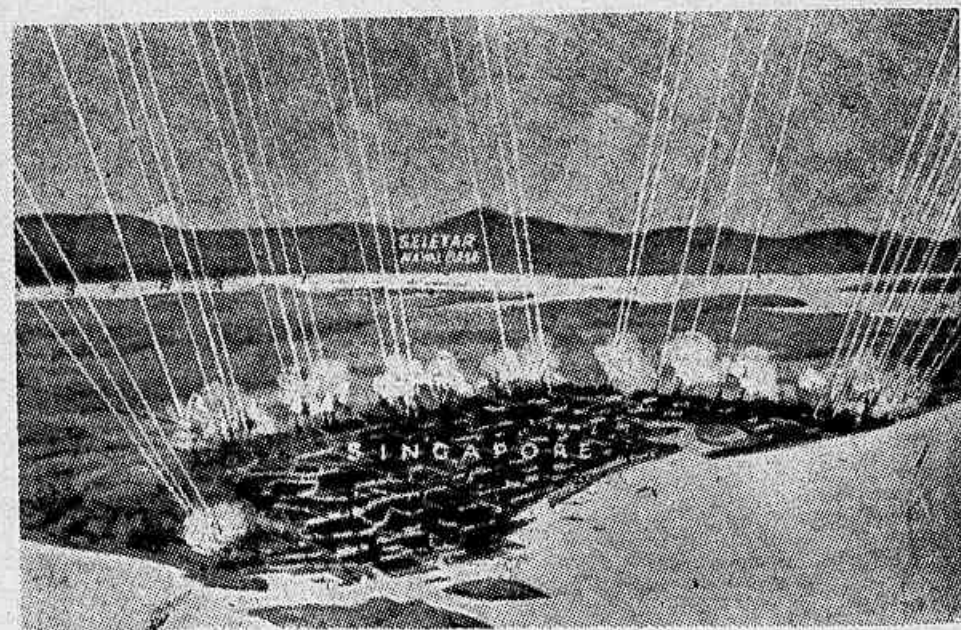
Dia 9 — Singapura é submetida a grande bombardeio pelos japoneses.

Dia 12 — Inaugura-se no Rio a conferencia dos Chanceleres americanos.

Dia 15 — Cai em mão dos japoneses a praça forte de Singapura.

Dia 23 — É aprovada, por unanimidade, a recomendação dos chanceleres americanos aos seus governos de romperem relações com o Eixo.

Dia 28 — O Brasil rompe relações com a Alemanha, Itália e Japão.



FEVEREIRO

Dia 12 — Os chineses entram no território do Sião. A esquadra alemã foge de Brest.

Dia 13 — Morre Epitácio Pessoa.

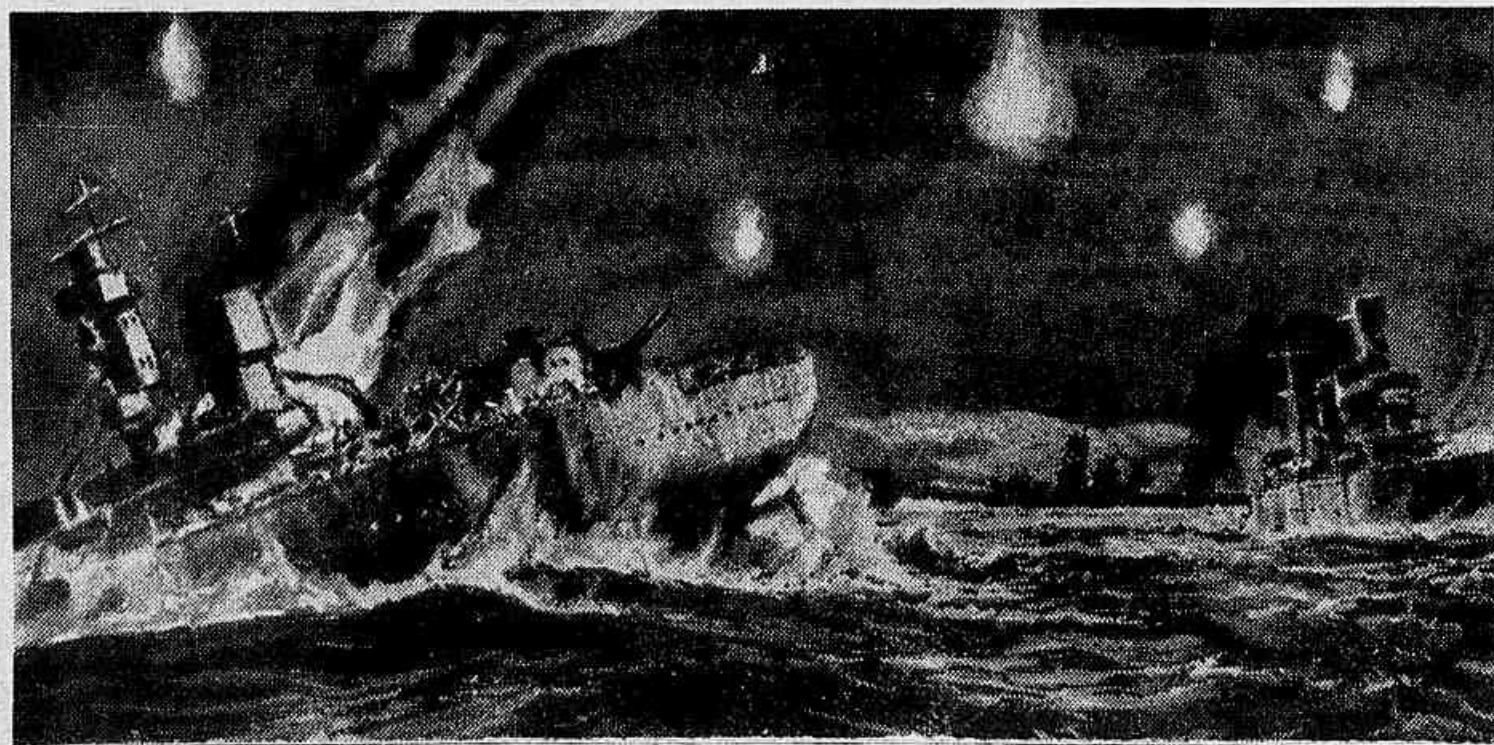
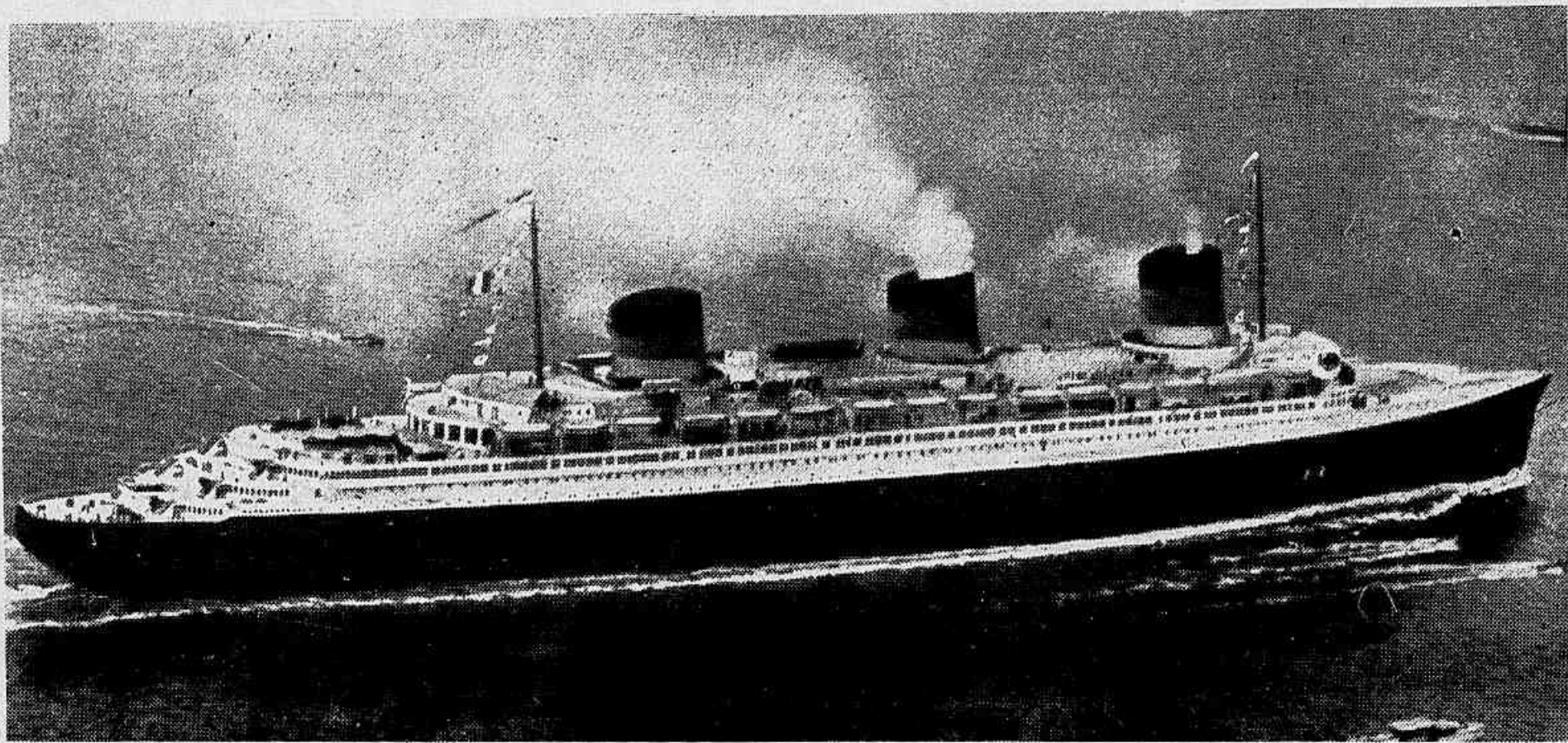
Dia 14 — Começa a invasão de Java pelos japoneses.

Dia 21 — Os holandeses abandonam Sumatra.

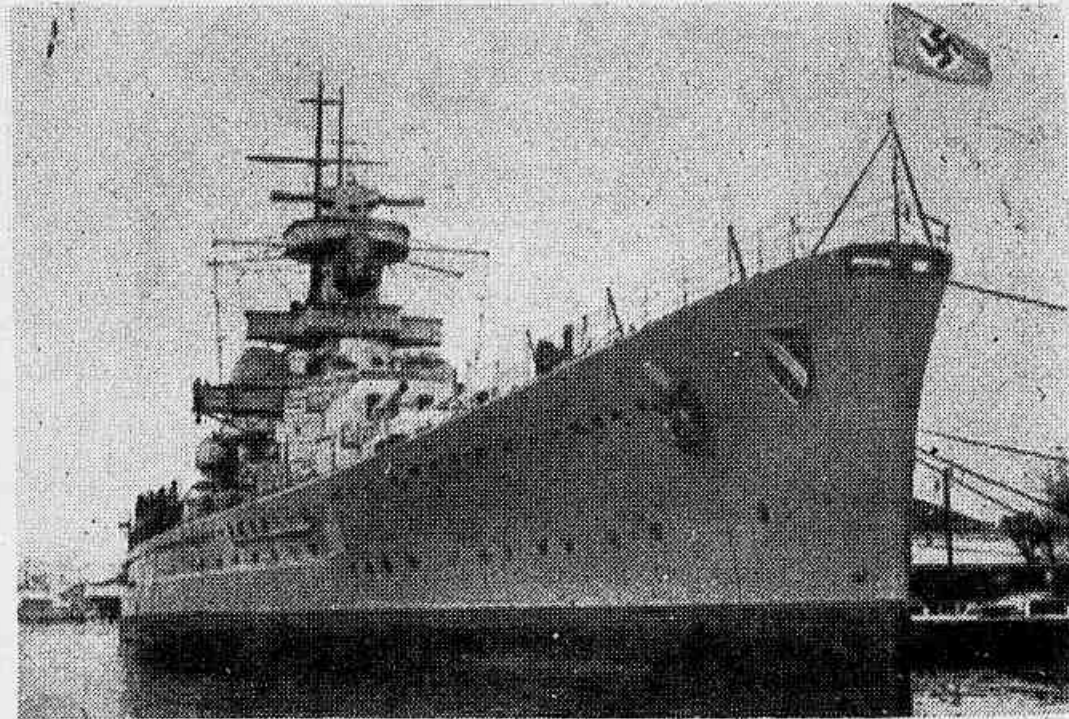
Dia 25 — Vitória russa sobre os alemães na Staraia Russa.

Dia 28 — Grande desembarque japonês em Java. Ocorre em Petrópolis o suicídio do casal Stefan Zweig.

A TRAGEDIA DO NORMANDIE — O grande paquete francês de 85 mil toneladas, o "Normandie", que estava sendo adaptado para entrar em atividade em tempo de guerra como transporte de tropas ou mesmo como cruzador ou porta-aviões auxiliar, é presa de chamas, virando sobre um dos lados na baía de Hudson, Nova York. O Normandie é um dos dois maiores navios já construídos pelo homem em todos os tempos.



BATALHA NAVAL PELA POSSE DE JAVA — Após a conquista de Singapura, os japoneses empreendem a ocupação das indias holandesas, sendo Java o seu principal objetivo. As unidades navais neerlandesas juntamente com belonaves britânicas resistem valorosamente aos invasores, destruindo-lhes numerosos comboios. Dessas ações contra um inimigo mais poderoso resultaria, entretanto, um completo desgaste da frota holandesa.



A FUGA DA ESQUADRA ALEMÃ — Após estacionar vários meses no porto francês de Brest, onde várias vezes receberam avarias dos aviões de bombardeio ingleses, dois couraçados alemães de 26 mil toneladas, o Gneisenau e Scharnhorst, e o cruzador pesado de 10 mil toneladas, o Prinz Eugen, empreenderam uma espetacular fuga através do canal da Mancha. Esta operação foi bem sucedida e nela os ingleses perderam um bom numero de aviões. Entretanto nenhum resultado prático trouxe para o Reich.



MARÇO

Dia 8 — Os ingleses abandonam Rangoon, capital da Birmania. Os nipônicos desembarcam nas ilhas Salomão.

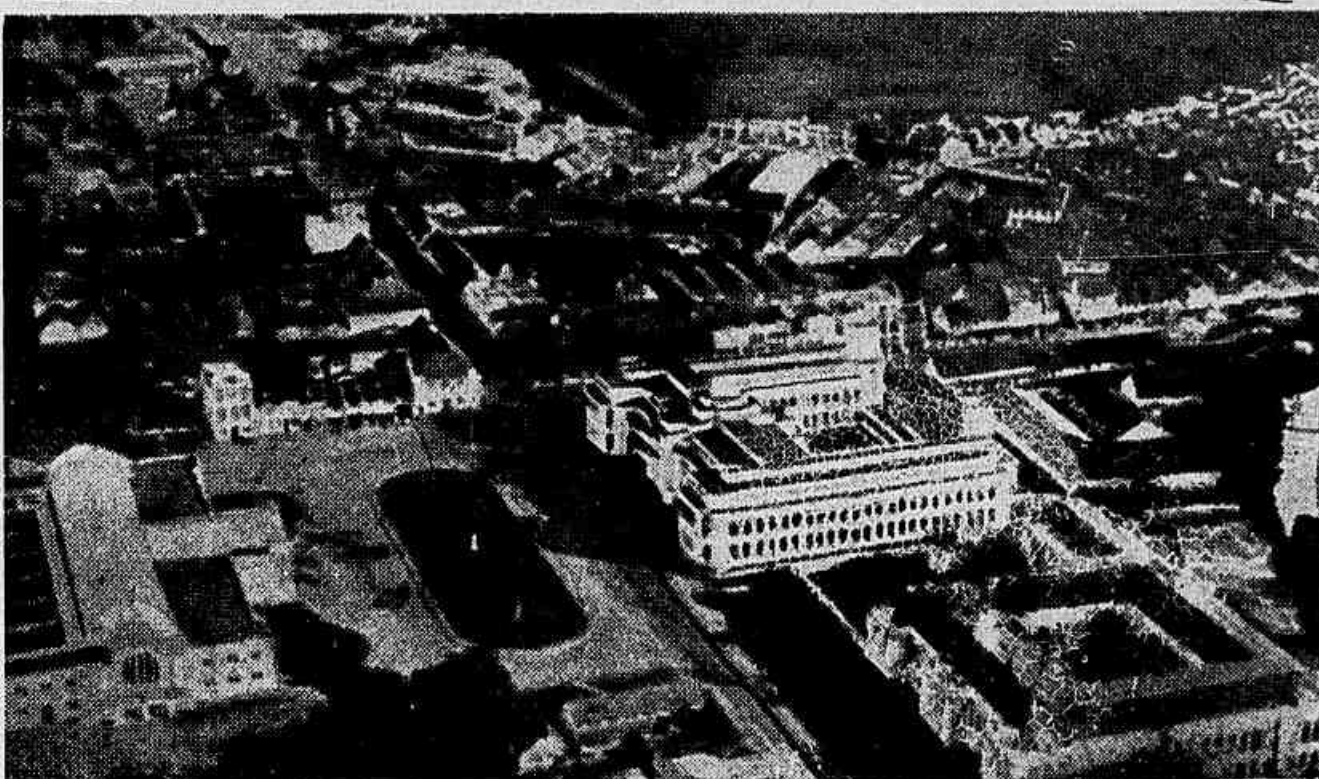
Dia 14 — Batalha naval ao norte de Java, sendo destruídas numerosas pequenas unidades inglesas, holandesas e americanas.

Dia 28 — Grande ação de « comandos » ingleses em Saint Nazaire.

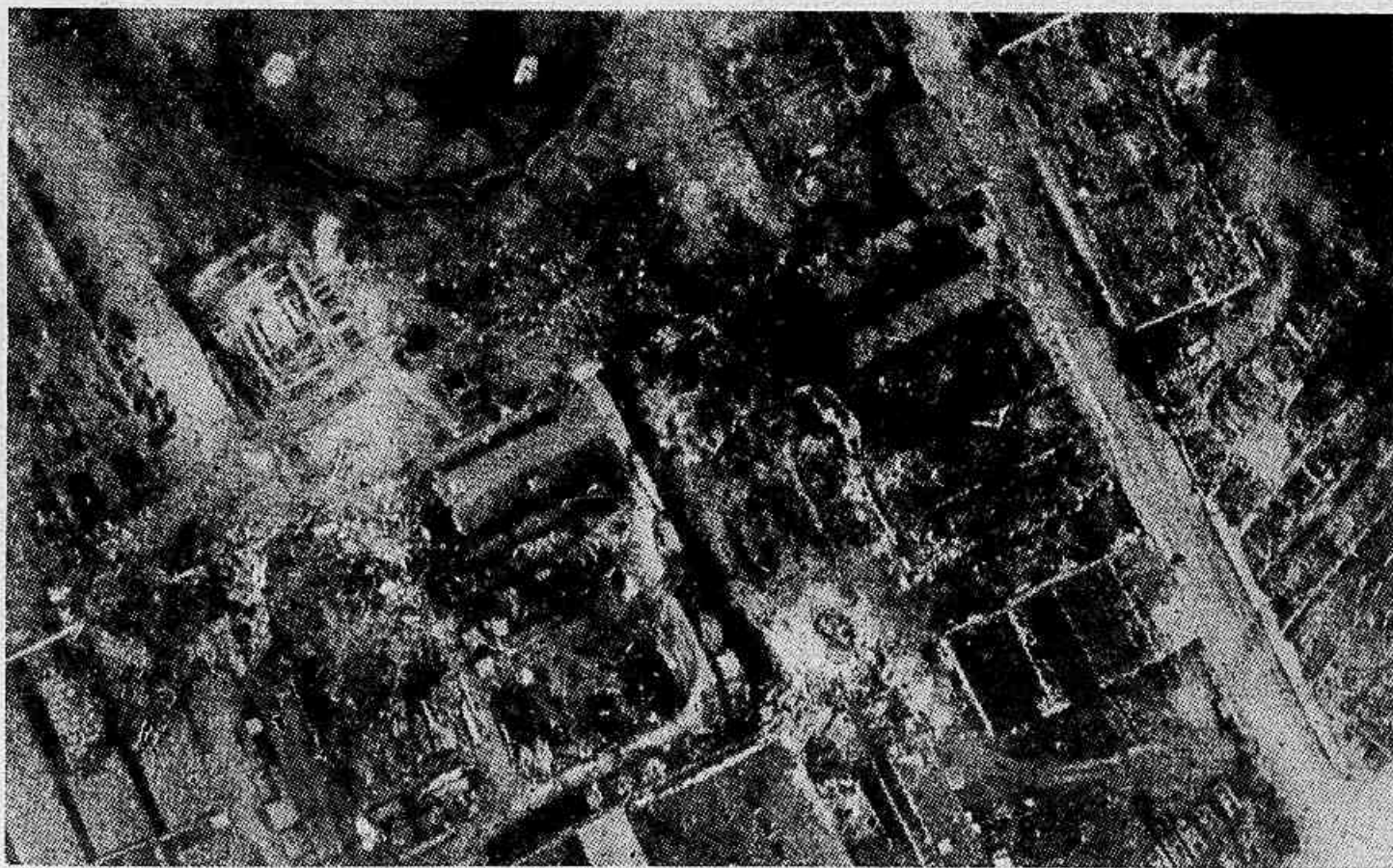
A QUEDA DE RANGOON — A cidade de Rangoon, terceiro porto das Índias Inglesas e capital da Birmania, célebre como porta de entrada dos auxílios que os aliados vinham enviando aos exércitos de Chan-kai-shek, é abandonada aos japoneses, após sofrer duros bombardeios.



AS GRANDES REFINARIAS DE PETRÓLEO DE JAVA — Para não as entregar aos nipônicos, os holandeses fazem voar pelos ares as grandes instalações da indústria do petróleo que possuíam em Java e que sintetizavam o trabalho continuado de meio século. É essa a maior destruição espontaneamente realizada pelo homem em toda a história.



A CAPITAL DAS ÍNDIAS HOLANDESA — A cidade de Batavia, uma das mais florescentes da Ásia, sede das grandes companhias holandesas fugidas da Europa com a invasão nazista, foi objeto de grandes bombardeios japoneses e caiu em mão dos amarelos juntamente com todo o riquíssimo território da ilha.



AS FABRICAS DE PARIS — As grandes fábricas de automóveis situadas nos arredores de Paris e que vinham trabalhando intensamente na construção de tanks para o exército alemão, foram alvos de vastos e eficientes bombardeios por parte da aviação inglesa. A fraca defesa oferecida denota que os alemães confiavam em que os britânicos respeitariam as oficinas situadas na zona de Paris. A foto acima mostra o estado em que ficaram as fábricas Renault após a ação dos aviões ingleses.

ABRIL

Dia 3 — Bombardeio das fábricas nos subúrbios de Paris.

Dia 18 — Grande bombardeio das principais cidades do Japão, inclusive Tokio, pela aviação norte-americana. Laval entra novamente para o Gabinete francês.

Dia 22 — Foge da Alemanha, onde se encontrava prisioneiro, o general francês Giraud.



O BOMBARDEIO DE TOKIO — O general Jimmy Doolittle, que comandou as esquadrilhas de bi-motores norte-americanos que bombardearam Tokio e mais três grandes cidades nipônicas, foi condecorado pelo presidente Roosevelt com medalha de honra.

MAIO

Dia 1 — Ocorre grave acidente de automovel com o presidente Vargas.

Dia 3 — Forças britânicas, em acordo com o governo dos Estados Unidos, desembarcam em Madagascar encontrando resistência.

Dia 6 — Os japoneses ocupam Corrigidor, ultimo reduto americano nas Filipinas.

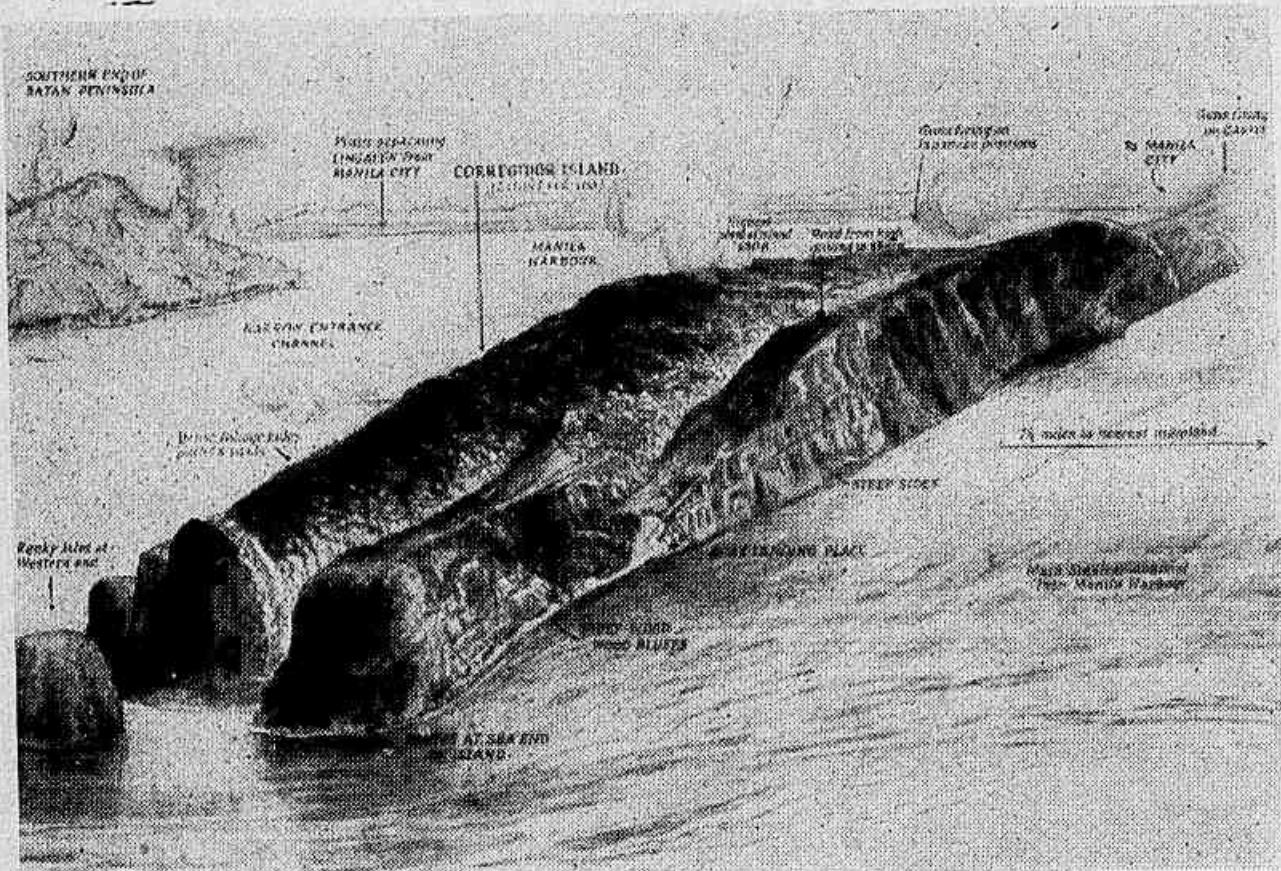
Dia 7 — Grande batalha aeronaval no mar de Coral, perdendo os nipônicos 18 unidades.

Dia 14 — Sob grande pressão alemã, na primeira ofensiva germanica do ano, os russos recuam em Kerch, na Crimeia.

Dia 16 — Tem inicio a grande batalha de tanks nos arredores de Karkov, onde os dois exercitos são duramente desgastados.

Dia 30 — É aprovada por unanimidade a declaração de guerra ao Eixo.

A BATALHA NO MAR DE CORAL — Após prolongada ação que dura tres dias, a esquadra japonesa é batida nas águas do mar de coral perdendo cerca de 18 unidades grandes e pequenas. Não obstante a esquadra americana tenha enfrentado as unidades nipônicas, todas as perdas foram inflingidas ao inimigo pelos aviões de bombardeio aliados com bases em porta-aviões e na costa da Austrália.



A QUEDA DE CORRIGIDOR — Após a heróica defesa da península de Bataan, os americanos e filipinos são sitiados na ilha-fortaleza de Corrigidor. A falta de mantimentos e munições torna, entretanto, inutil todo esforço e os amarelos se apossam finalmente do baluarte situado á entrada da baía de Manila.



TEM INICIO A OCUPAÇÃO DE MADAGASCAR — Os ingleses, em nome das nações aliadas, dão inicio á ocupação da ilha francesa de Madagascar, sob pena de a serem ocupada pelos japoneses que estavam investindo contra o oceano Indico. O governo de Vichy determina á guarnição toda resistencia. A base de Diogo Suarez, principal ponto estratégico da ilha, cái logo em mão dos aliados.

JUNHO

Dia 1 — Colonia é bombardeada por mais de mil aviões ingleses.

Dia 4 — Em Praga é vitima de atentado fatal o vice-chefe da Gestapo, Haydrich.

Dia 5 — Os Estados Unidos declaram guerra á Rumania, Hungria e Bulgaria.

Dia 6 — Grande derrota aeronaval dos nipônicos em Midway.

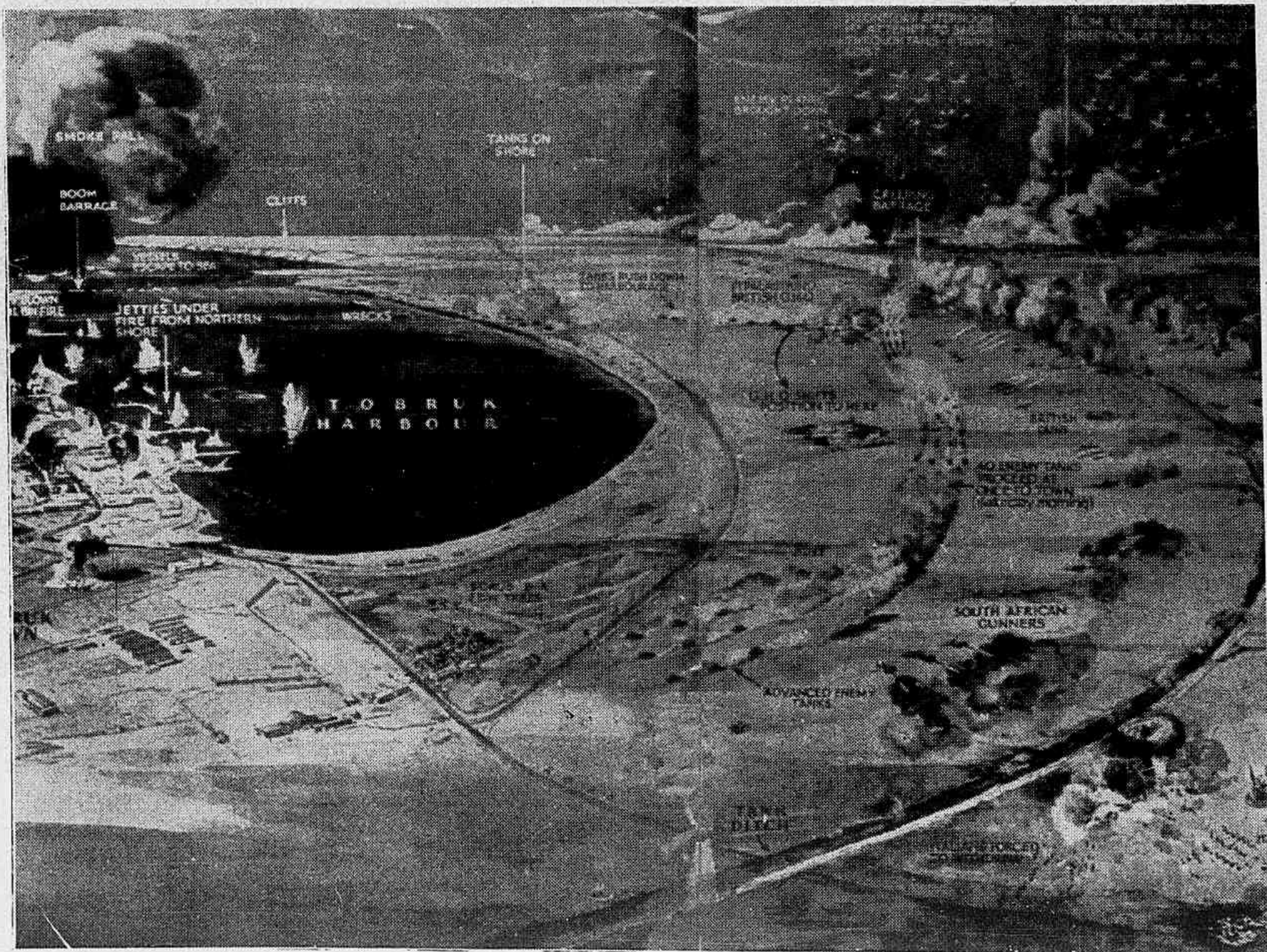
Dia 20 — Desenvolve-se grande ofensiva alemã na Africa, sendo ocupada Bardia.

Dia 21 — Tobruk, com mais de vinte mil britânicos, cai em mão dos alemães.

Dia 22 — Grande ataque alemão contra Sebastopol.

Dia 25 — Rommel ocupa Sidi Barrani, invadindo o Egipto.

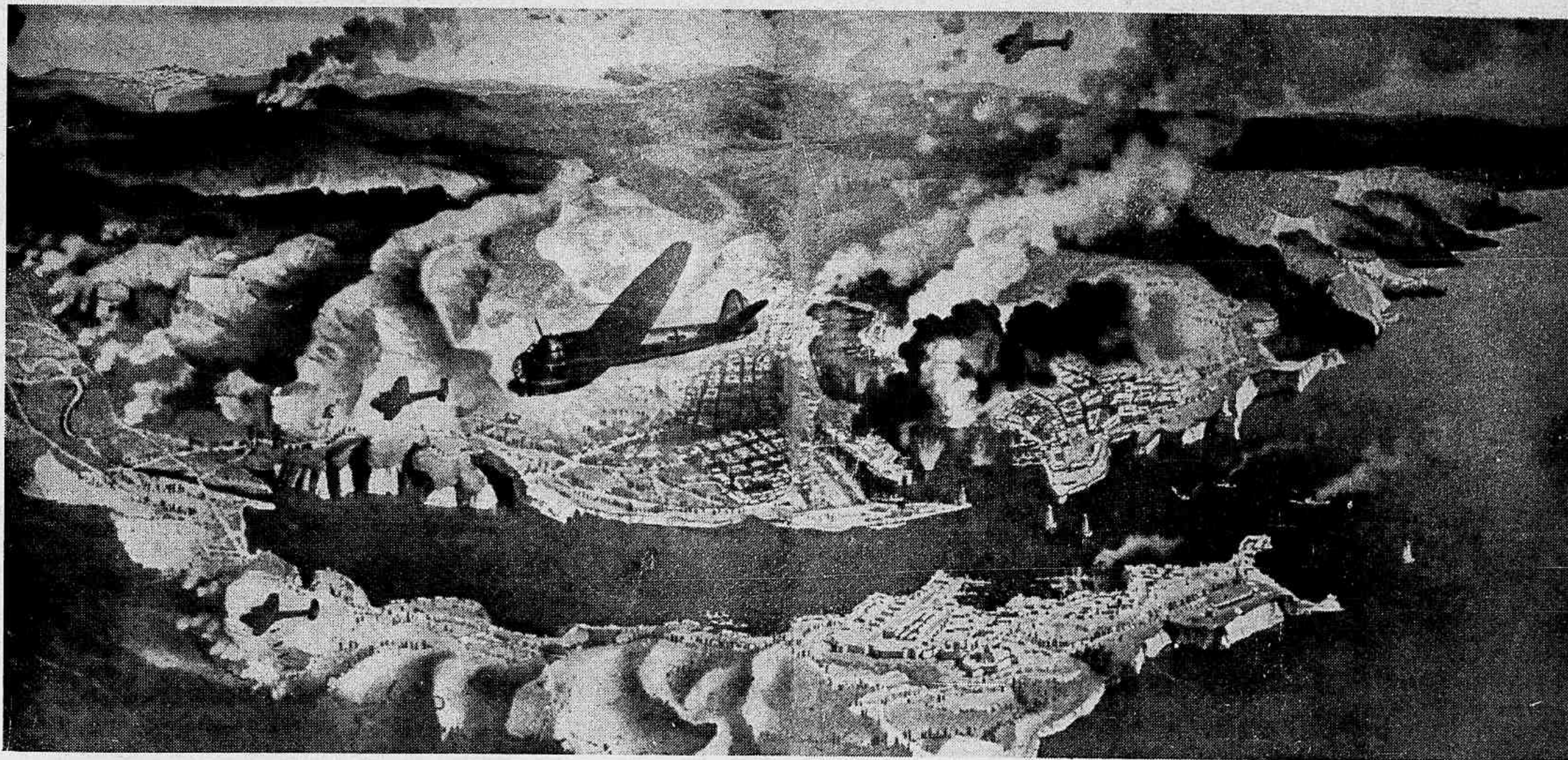
A QUEDA DE TOBRUK — Após uma ação reputada pelos próprios ingleses brilhantissima, o marechal Rommel avança diretamente contra Tobruk, conseguindo penetrar na praça pelas próprias brechas deixadas nos campos de minas pelas forças britânicas que se tinham retirado para a cidade. A ação é ligeira e fulminante, e Tobruk cái em mão dos alemães com toda a sua guarnição de mais de vinte mil homens.





JULHO

O BOMBARDEIO DE COLONIA — Cumprindo a promessa de Churchill de que Londres, Coventry e Hull seriam vingadas, os aviões da RAF dão início a um sistemático bombardeio das cidades da Alemanha ocidental. Colonia é a primeira cidade a ser atacada por mais de mil bombardeiros. Foi esta uma das maiores façanhas da aviação moderna e um dos mais duros castigos já inflingidos a um povo.



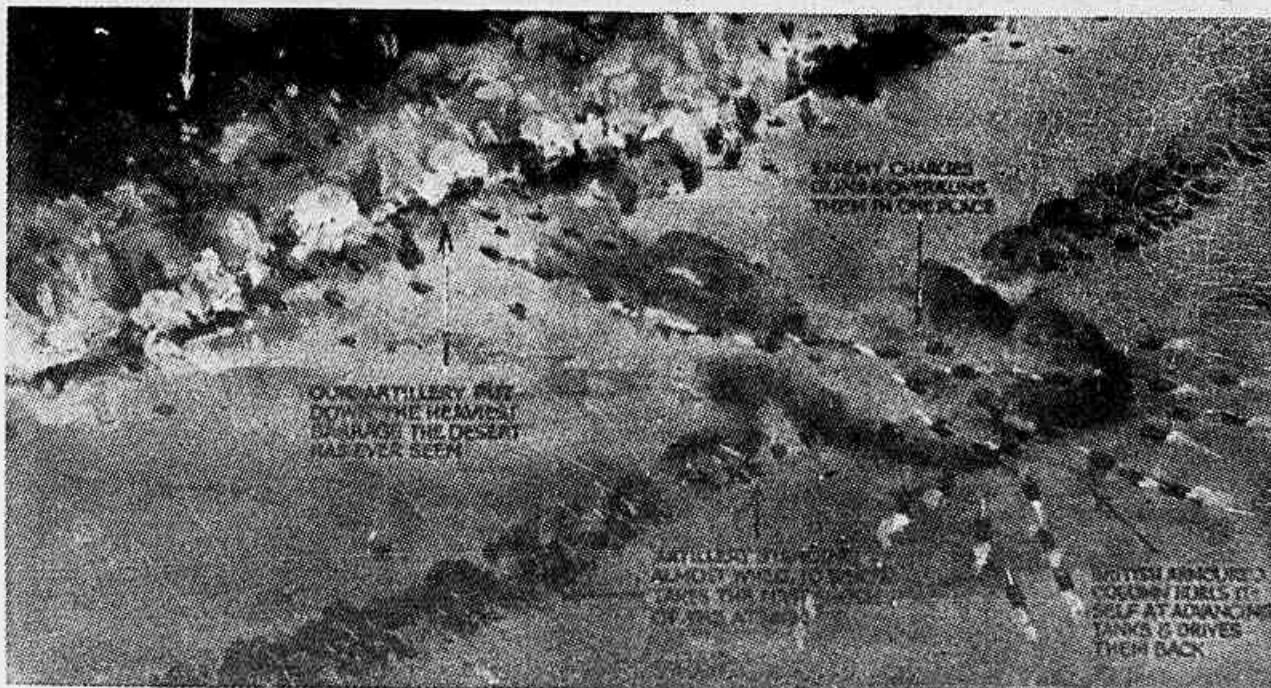
A QUEDA DE SEBASTOPOL — Tem início na península da Crimeia a ofensiva alemã de primavera, contra a Rússia. O fato mais importante da primeira fase dessa ofensiva é o sítio da praça forte e base naval de Sebastopol. Os russos resistem denodadamente e antes de entregar a cidade fazem voar pelos ares todas as suas obras de defesa. A resistência de Sebastopol retardaria a ofensiva alemã no setor do Don.

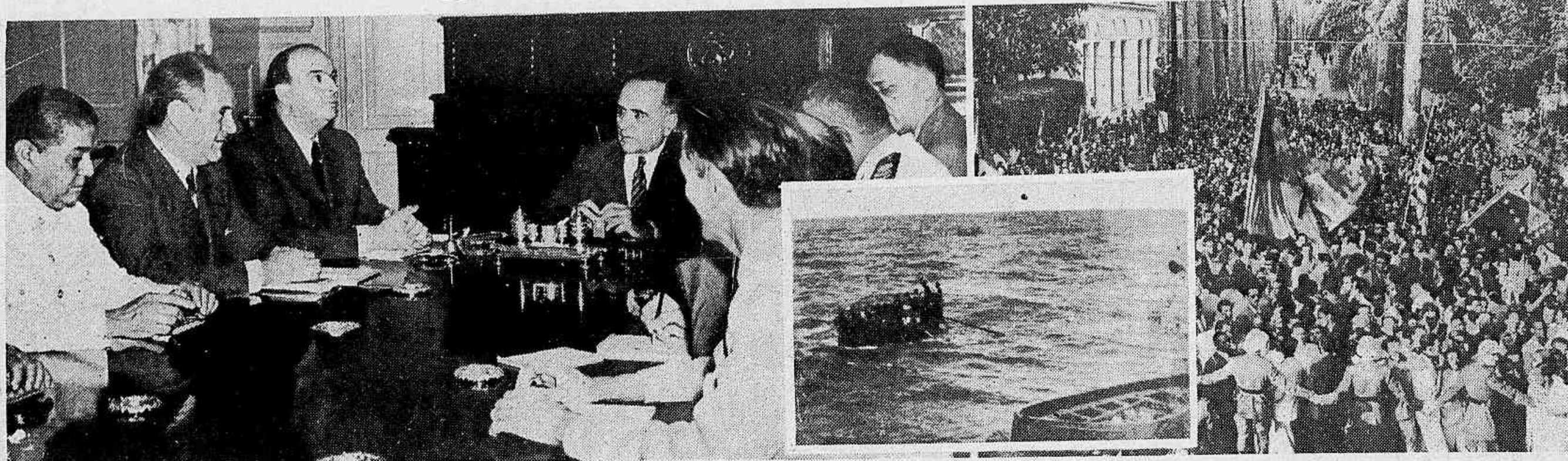
Dia 1 — É anunciada a queda de Sebastopol.

Dia 3 — É detido em El Alamein o avanço alemão no Egito.

Dia 6 — Desenvolve-se a grande ofensiva alemã em direção de Kursk e Voronej.

ROMMEL É CONTIDO EM EL ALAMEIN — Após avançar vitoriosamente da Líbia central até às cercanias do delta do Nilo, as forças de Rommel são detidas nas encostas de El Alamein. Um duro encontro trava-se e os alemães são forçados a abandonar posições. O general Claude Auchinleck havia salvo o Egito.





O BRASIL ENTRA NA GUERRA AO LADO DAS NAÇÕES UNIDAS — Após o sério atentado cometido pelas nações do Eixo contra a soberania brasileira, afundando os nossos navios de cabotagem, têm lugar em todo o Brasil grandes manifestações populares de desagravo. O Governo, conscio de suas responsabilidades, dirige um apêlo ao povo e reconhece o estado de beligerancia entre o nosso país e as nações que o agrediram: Alemanha e Italia.



O RAIDE CONTRA DIEPPE — Na cidade de Dieppe, na França, desembarcam grandes contingentes de tropas canadenses, inglesas e americanas. A ação é rápida e eficiente. Ao se retirarem os aliados deixaram alguns tanks avariados e prisioneiros. A foto acima é de origem alemã.

AGOSTO

Dia 8 — Tem inicio a ofensiva americana contra os japoneses nas ilhas Salomão.

Dia 9 — Após acontecimentos politicos de grande repercussão, é preso Gandhi na India.

Dia 11 — Agressão do Eixo ao Brasil com afundamento dos navios costeiros Baependi, Annibal Benevolo, Araraquara, Itagiba e Arará.

Dia 20 — Tem-se conhecimento de grande desembarque aliado em Dieppe, na França.

Dia 22 — E' reconhecido pelo Governo brasileiro estado de beligerancia com a Alemanha e Italia.

Dia 25 — Atinge grandes proporções a batalha de Stalingrado.

Dia 28 — Registram-se triunfos aliados nas ilhas Salomão.



OFENSIVA AMERICANA NAS SALOMÃO — A primeira ofensiva empreendida por forças americanas de terra nesta guerra tem lugar nas ilhas Salomão. Os japoneses são sistematicamente batidos e as principais bases do arquipélago caem em mão dos aliados.

SETEMBRO

Dia 3 — Os alemães anunciam que está nas ultimas a defesa de Stalingrado.

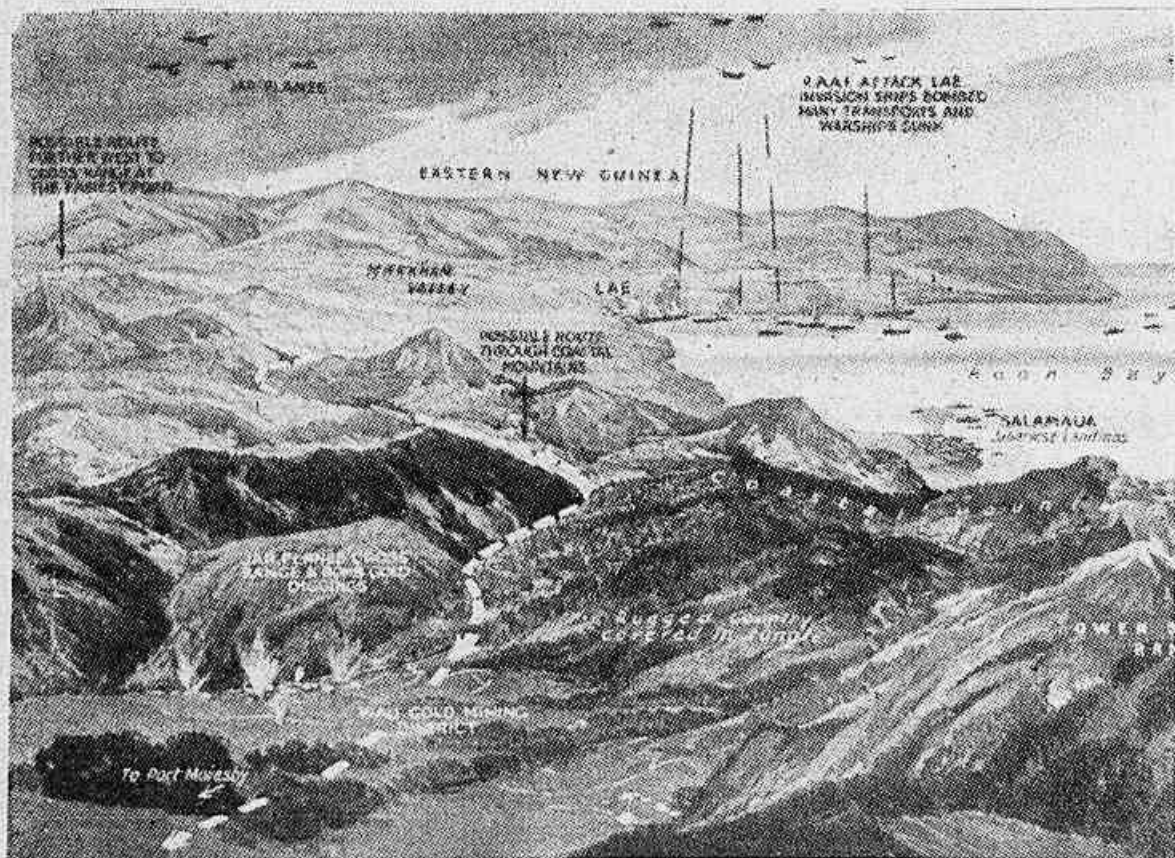
Dia 4 — Instala-se o IV Congresso Eucarístico Nacional, em S. Paulo.

Dia 9 — Os australianos detêm os nipônicos a 65 quilômetros de Port Moresby.

Dia 15 — Atinge o auge a batalha de Stalingrado.

Dia 16 — O Brasil decreta mobilização geral.

Dia 22 — Pela primeira vez os russos contra-atacam violentamente em Stalingrado.



O CONGRESSO EUCARISTICO DE SÃO PAULO — Realiza-se na capital do Estado de São Paulo, com grande sucesso, o VI Congresso Eucarístico Nacional. Foi essa a maior cerimonia campal católica já realizada em terras da America.

OS JAPONESES SÃO DETIDOS NA NOVA GUINÉ — Após haverem avançado através da cordilheira Owen Stanley, os nipônicos são detidos por forças australianas e norte-americanas a 65 quilômetros de Port Moresby. Tinha começado a ofensiva aliada nas ilhas Salomão; os nipônicos não mais conseguiriam abastecer suas forças ao sul da Nova Guiné e seriam nesse setor batidos pelos aliados.

OUTUBRO



OS GENERAIS DA NOVA OFENSIVA NO DESERTO — Dirigida pelos generais Alexander, comandante em chefe das forças aliadas no Oriente Médio, e pelo general Montgomery, comandante do Oitavo Exército britânico, tem início a grande ofensiva contra as forças de Rommel estacionadas no Egito.

Dia 2 — Os alemães atingem o máximo do seu avanço no Cáucaso. Grande contra-ataque russo em Stalingrado.

E' instalada a Legião Brasileira de Assistência.

Dia 5 — E' instituído o cruzeiro como unidade monetária do Brasil.

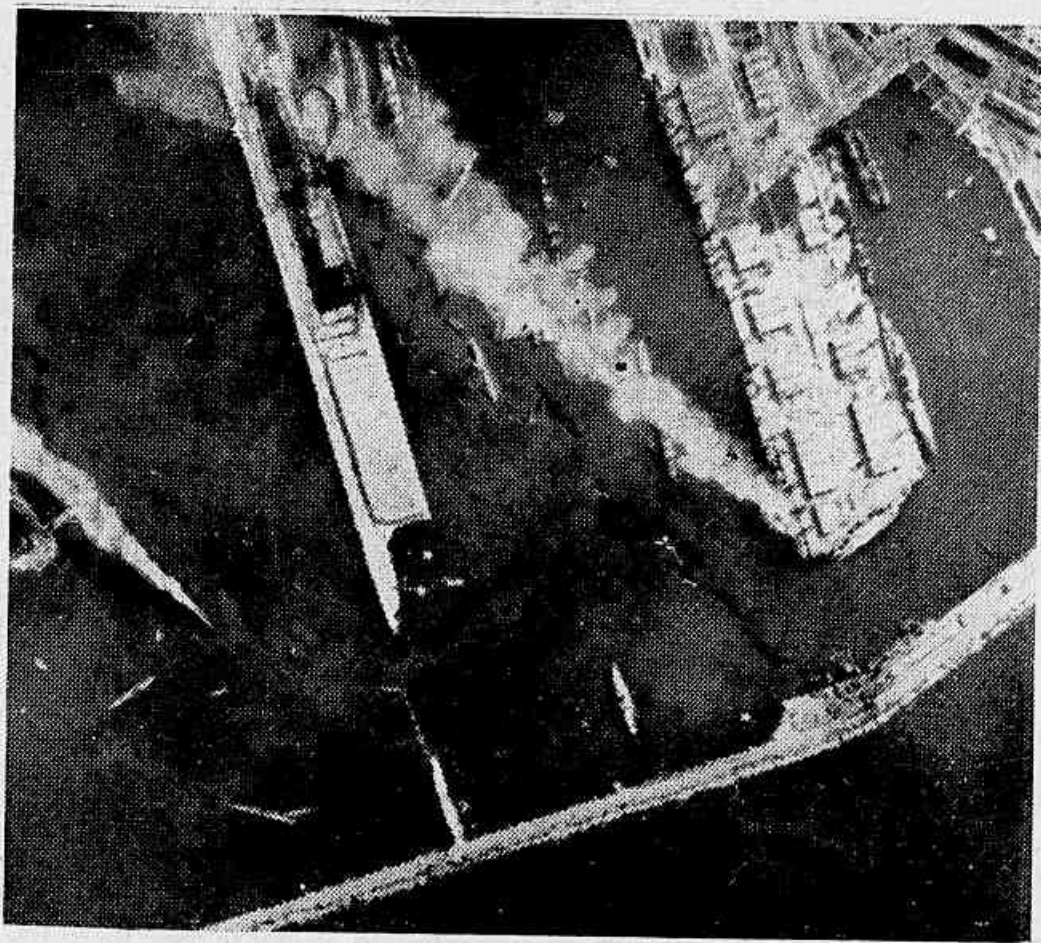
Dia 17 — Os norte-americanos desembarcam na Libéria. Falece D. Sebastião Leme, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro.

Dia 21 — Novo grande ataque alemão contra Stalingrado.

Dia 24 — E' desfechada a grande ofensiva inglesa, em El Alamein.

Dia 27 — Os nipônicos são repelidos mais uma vez numa batalha aero-naval nas ilhas Salomão.

NOVEMBRO



OFENSIVA ALIADA CONTRA A AFRICA FRANCESA — Desembarcando simultaneamente em vários pontos do litoral atlântico e mediterrâneo do Marrocos e da Argélia, os aliados, sob o comando do general americano Eisenhower, ocupam esses territórios da França encontrando resistência relativamente pequena.

Dia 7 — Invasão da África Francesa pelos aliados.

Dia 11 — Invasão da França não ocupada pelos alemães.

Dia 13 — Darlan assume a direção dos interesses da França na África do Norte.

Dia 23 — Dakar entrega-se aos aliados.

Dia 25 — E' levantado pelos russos o cerco de Stalingrado.

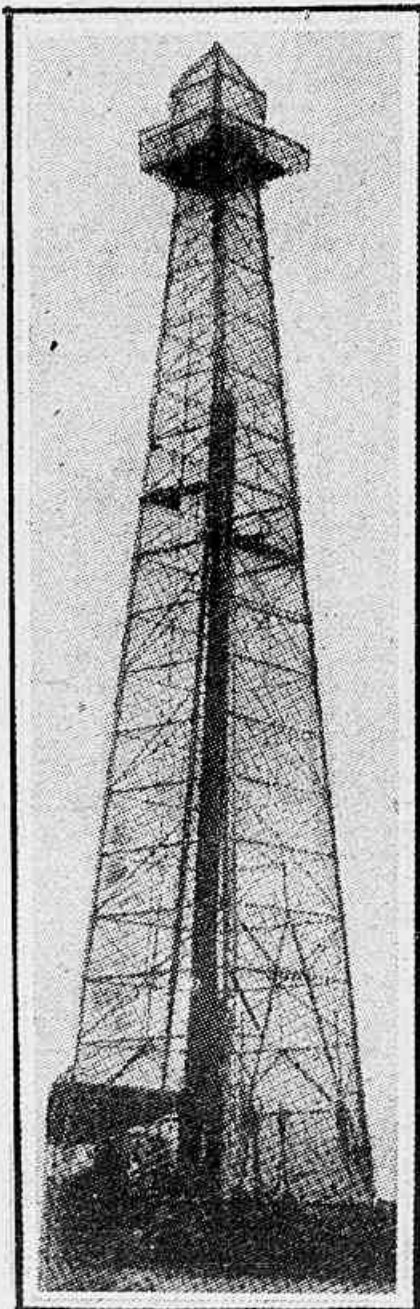
O PETROLEO NO BRASIL — Após longos e penosos estudos e pesquisas tem início a exploração industrial do petróleo no Brasil. A Bahia é o maior centro de extração.



E' INVADIDA A LIBIA — Após derrotarem fragorosamente os exércitos de Rommel em El Alamein, os britânicos entram na Líbia em perseguição às remanescentes unidades italo-alemãs. Toda a Cirenaica é ocupada praticamente sem luta.



O MAXIMO DO AVANÇO ALEMÃO NO CAUCASO — Ocupando Novorossisk, Maikop, Elborus, Mozdok e Grozny os alemães atingem o máximo do seu avanço no Cáucaso. Nem chegam às margens do Cáspio, nem transpõem as montanhas que guardam as grandes reservas petrolíferas.



A BATALHA DA TUNISIA — Desembarcando na Tunísia os italo-alemães fortificam-se nas bases de Tunis e Bizerta resistindo aos primeiros assaltos das forças aliadas que ao seu encontro vieram do Marrocos. Esboça-se uma grande batalha pela posse desse território da África francesa.

DEZEMBRO

Dia 5 — Morre J. J. Seabra.

Dia 7 — Grande batalha de tanks na Tunísia.

Dia 11 — E' ocupada Buna na Nova-Guiné pelos aliados.

Dia 15 — Transpondo El Agheila, o oitavo exército britânico invade a Tripolitânia.

Dia 24 — E' assassinado em Argel o almirante Darlan.



Director
Dr. Roberto Pereira da Silva



Ruth Dias Ventura



Regina Alves Vieira



Antonieta Maria Pimentel Machado



Maria Gamarski



Bella Herbst



Layla Maria da Gama Lobo



Margarida Roseblatt



Paraninfo
Dr. Helio Gomes



Walter da Silva Mesquita



Maria Regina Hunter Quinteiro



Helena Maria de Azevedo Alves



Carmida Cruz Faria



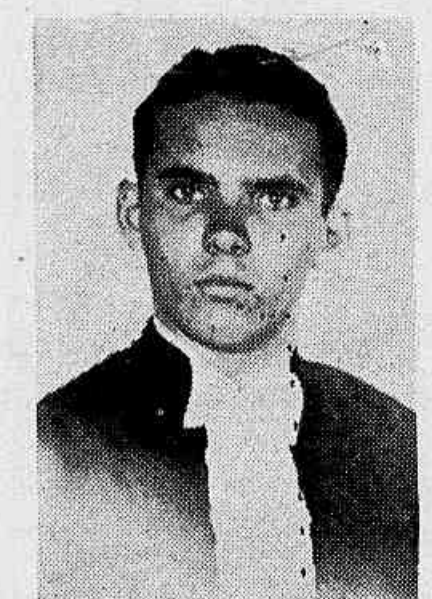
Auristella Margarida Giusti



Lycia de Sá Freire Gonçalves Torres



Arthur Francisco Seixas dos Anjos



Rodolpho da Silva Santos Chermont Junior



Nelson Coelho



José Teixeira



Walter Gustavo Osche-neck Ramos e Silva



Luciano Del Corona



Huberto Wyller



José Alfredo Pinheiro Dutra



José Brandão Luna



Wilson Banchemo Fernandes



Orlandino Seltas



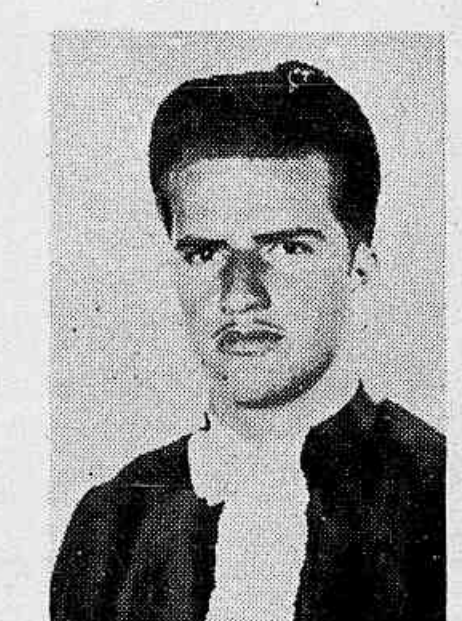
Dario Mello da Silva



Hugo de Andrade



Adolpho Furrer



Jorge Rodrigues de Oliveira



Edmundo Barreto



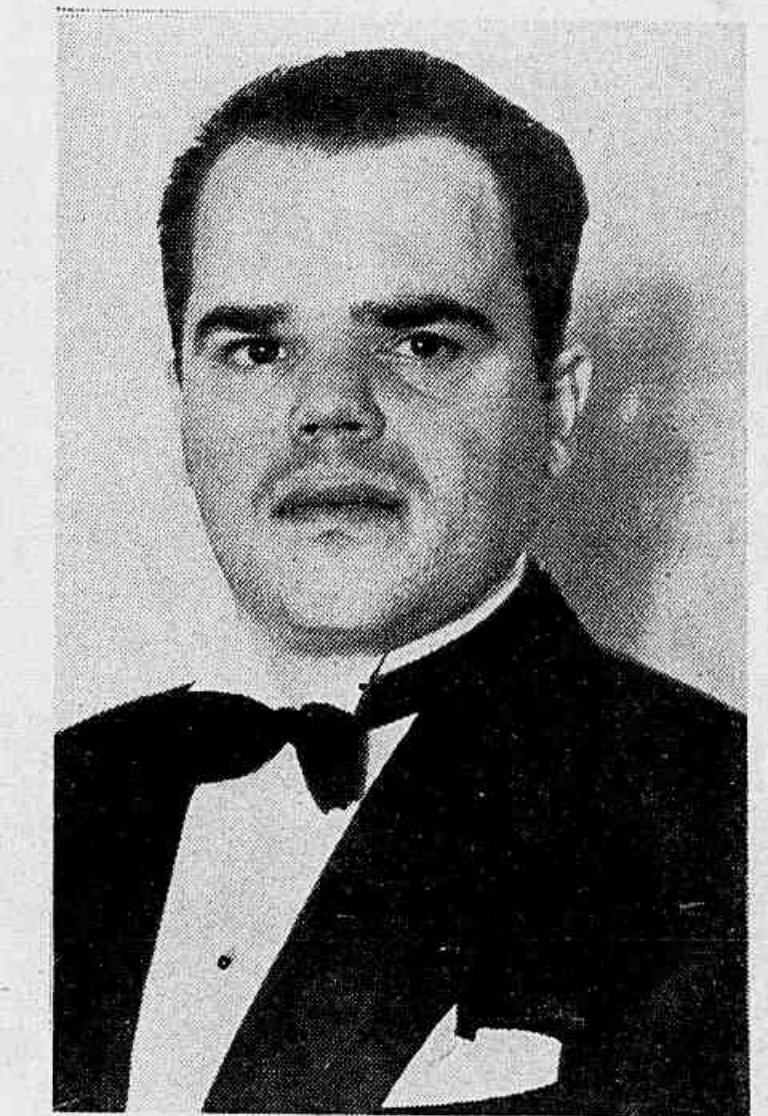
Abel de Souza



Tercio Gomes de Araujo



Homenagem póstuma
Dr. Agenor Francisco de Macedo

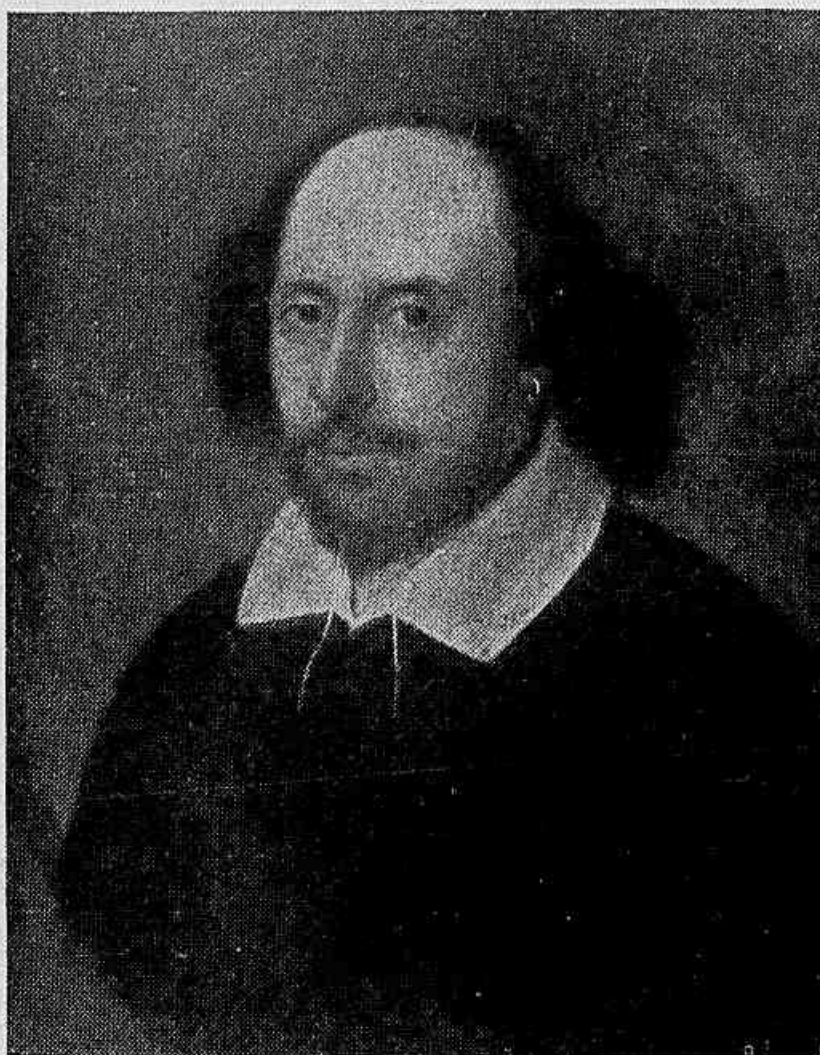


Paraninfo
Prof. Ely Mendes Lopes

Uma admirável interpretação

HAMLETO

Por ALUIZIO AZEVEDO



Shakespeare, segundo um retrato da época.

TODO homem inteligente, que tenha lido durante a vida mais de dez livros de literatura, sente um delicado abalo e um ligeiro frêmito nervoso agitar-lhe o coração, todas as vezes que vê anunciado, por um ator de nome, o inabalável Hamleto de Shakespeare.

E só com o Hamleto acontece isto. Onde lhe virá tão transcendente privilégio? Qual o segredo da magia dessa misteriosa obra d'arte, que assim acorda ao mesmo tempo mil impressões, sem que destas nenhuma, entretanto, se definisse até hoje claramente?

Todos conhecem Hamleto; muitos o discutem; ninguém o nega; todos o aceitam; todos o desejam; todos o amam doidamente; mas ninguém o explica; ninguém o define, porque o próprio Hamleto não se explica, nem se define a si mesmo. Não se define, porque ele próprio é a mesma dúvida; é a mesma contradição, ele é o indefinido afeiçoado por um poeta de gênio.

Anunciado o Hamleto, correm todos a vê-lo inda uma vez; mas, por melhor que seja a interpretação que lhe dê o artista, ninguém até hoje saíu do teatro amplamente satisfeito por ter visto mover-se em cena o Hamleto sonhado pelo seu coração e pela sua inteligência.

Nenhum trágico deu jamais ou será capaz de dar ao vivo êsse tipo enigma, êsse idolatrado mito, que vive na imaginação de todos, porque Hamleto, posto que muito humano, não é homem.

Não é um personagem em arte, é um símbolo. É a dúvida intangível e incorporável como o indefinido. E nisso está o seu valor. Todos o compreendem, mas ninguém o define em crítica, nem o traduz em cena satisfatoriamente.

Todos o sentem; todos o compreendem; todos o conhecem, como a um íntimo e querido companheiro da sua própria alma e da sua própria incerteza. Pelo espírito de todo homem inteligente, por mais curta, mais longa, mais tranquila ou agitada que seja a sua vida, já pelo menos uma vez, atravessou essa misteriosa sombra, com o seu olhar estranho embaciado pela indefinida tristeza da dúvida. E essa sombra nunca mais se apagou desse espírito.

O culto de Shakespeare, como o misterio Shakespeare, não passa nem esmorece. E' de três seculos e ha de durar para sempre, com certeza.

Todos os anos, inclusive mesmo neste triênio de guerra, ha uma estação de teatro shakespeareano na Grã Bretanha, sendo levadas á cena as peças mais notáveis do gênio de Stratford-upon Avon — OTHELLO, MACHBETH, HAMLET, ROMEO E JULIETA, AS YOU LIKE IT, JULIO CESAR. Nesses espetáculos, em TOURNÉE, por todo o país, tomam parte os maiores artistas ingleses, o que dizem, alguns dos maiores artistas de todo o mundo, tendo constituído sucesso integral a encenação de JULIO CESAR, em 1938, em trajes atuais, o imperador e os soldados vestidos todos á moda fascista.

Até 1939, era parte dos programas de verão escandinavo a representação do HAMLETO, no proprio paleo do Castelo de Elsinor, perto de Copenhague, por uma troupe de artistas londrinos, tendo, no ultimo verão anterior á guerra, encarnado estupendamente o príncipe dinamarquês o famoso ator John Gielgud, um dos mais altos interpretes de Shakespeare até hoje aparecidos, da mesma estirpe de Garrick e Irving.

Aluizio Azevedo, nesta pagina admirável, publicada no PAIS de Junho de 1905, dá-nos uma interpretação do drama elisabeano que, perto de quarenta anos depois, nada perdeu em sutileza psicologica e emoção estetica.



O famoso ator John Gielgud, no papel de Hamleto.



Kronborg 1939
From the performance of Hamlet.

Cena do banquete, no Hamleto.

Por todo cérebro iluminado pelo menos por uma idéia já algum dia se arrastou gemendo a desvairada melancolia de Hamleto, perguntando à dôr da sua própria dúvida, o irresponsável "ser ou não ser"? E o eco desse gemido sem resposta aí ficou gravado para sempre, como a saudade de um amor, ou como o remorso de um crime.

Shakespeare, que formou genialmente os seus tipos com a intensidade das próprias paixões que eles sintetizam; êle que criou o Ciúme com o próprio ciúme; a Loucura com a própria loucura; a Avidez com a própria avidez, e o Amor com o próprio amor — fez o Indefinido com o próprio indefinido.

Se Hamleto não fosse contraditório; se fôsse explicável e coerente, seria incoerente e contraditório; e nunca seria a Dúvida.

Ele é todo feito de contradições; é energético e vacilante; indiferente e apaixonado; vingativo e carinhoso; louco e sensato; hipócrita e sincero; paciente e desensofrido; prudente e arrebatado; generoso e pérfido; é bom filho e é mau filho. As suas lágrimas são escarninhas e o seu sorriso dói. O seu

de Shakespeare

amor é uma queixa contra o seu próprio amor, e o seu ódio é a seiva e é a vida do seu coração. Ele é a Dúvida, que só se define pela dúvida. Ele é a Contradição, que só se afirma pela contradição. Ele é enfim o indefinido.

Ele é o Indefinido quando diz a Ofélia que nunca a amou, mas que a ama agora, contanto que ela nada espere desse amor e se recolha a um convento. Ele é Contradição, quando diz que todos os homens, sem excetuar nenhum, nem êle próprio, são miseráveis, tendo afirmado que seu pai, o rei da Dinamarca, era tão belo modelo de valor e virtudes que só aos deuses podia ser comparado. Ele é Contradição no seu extremo amor filial, porque êle é o carrasco de sua própria mãe. Ele é Contradição quando, tendo já se encontrado e entendido com o espectro de seu pai, que lhe faz revelações imprevistas, vem, depois, no célebre monólogo do terceiro ato, falar-nos dessa outra margem oposta à da vida, a morte, donde, afirma êle, nunca ninguém voltou ao mundo que habitamos. Ele é Contradição quando tendo friamente assassinado Ofélia, com a sua cruel indiferença lança-se diante do cadáver dela, desafiando a quem na terra a possa amar mais do que êle.

Toda essa contradição é a Dúvida.

E porque Hamleto é a Contradição, Hamleto é inexplicável, é vago, é sombra que escapa à grosseira vista dos sentidos, e só pôde ser bem julgada e compreendida pelo espírito e pelo coração. Ele só dentro de nós mesmos existe real e perfeito; desde que qualquer arte plástica pretenda dar-lhe forma, as suas fantásticas proporções logo se amesquinham, e Hamleto deixa de ser Hamleto como todos o conhecem.

Hamleto fóra da nossa imaginação é um polvo fóra d'agua.

Ele pertence a todos e pertence a cada um em particular.

O abalo que se experimenta ao ouvir o seu nome mágico parece a cada individuo um caso privado de simpatia. E' que Hamleto é a misteriosa expressão da dúvida de cada um de nós. Todos nos embriagamos com esse doloroso e eternal idílio entre o conhecido e o desconhecido.

Pensar em Hamleto é pensar em Ofélia. Menos ideal do que êle, mais terrena, mais sensual, ela é também ainda assim uma visão intangível. Ofélia, toda branca, toda loura, toda amorosa, esbate-se como sombra abraçada à sombra de Hamleto; mas a loucura, que nele é sonho e embriaga, nela é realidade e dói.

Só um instante ela é mulher. A sua carne de virgem desaparece desde que ela inclina a dourada fronte, vencida nalma pela irresistível dúvida do seu príncipe incompreensível, e a pensativa sombra de Hamleto arrasta-a para o indefinido.

Ofélia é triste e contraditória estrêla que se acende à luz do dia e desmaia à sombra da noite. E' uma estrêla afogada na noite da Dúvida.

O seu diálogo com Hamleto é o melancólico idílio de uma luz que morre e suspira com a treva que geme e arqueja.

Ha por entre as suas frases doloridas todos os soluços da miséria humana, como entre as de Hamleto ha toda a velha agonia da dúvida em que nos arrastamos na vida.

— Eu te amei... Outrora...

— Assim o supus...

— Não devias acreditar... Eu nunca te amei...

— Ai!...

— Entra para um convento... não queiras ser mãe de pecadores. Nós somos todos miseráveis... Fecha-te num claustro.

— Os mimos de amor que me destes aqui os tendes, levai-os... já não têm perfume... o coração que m'os deu já me não ama...

— Ah! Ah! és virtuosa...

— Senhor...

— E's bela?...

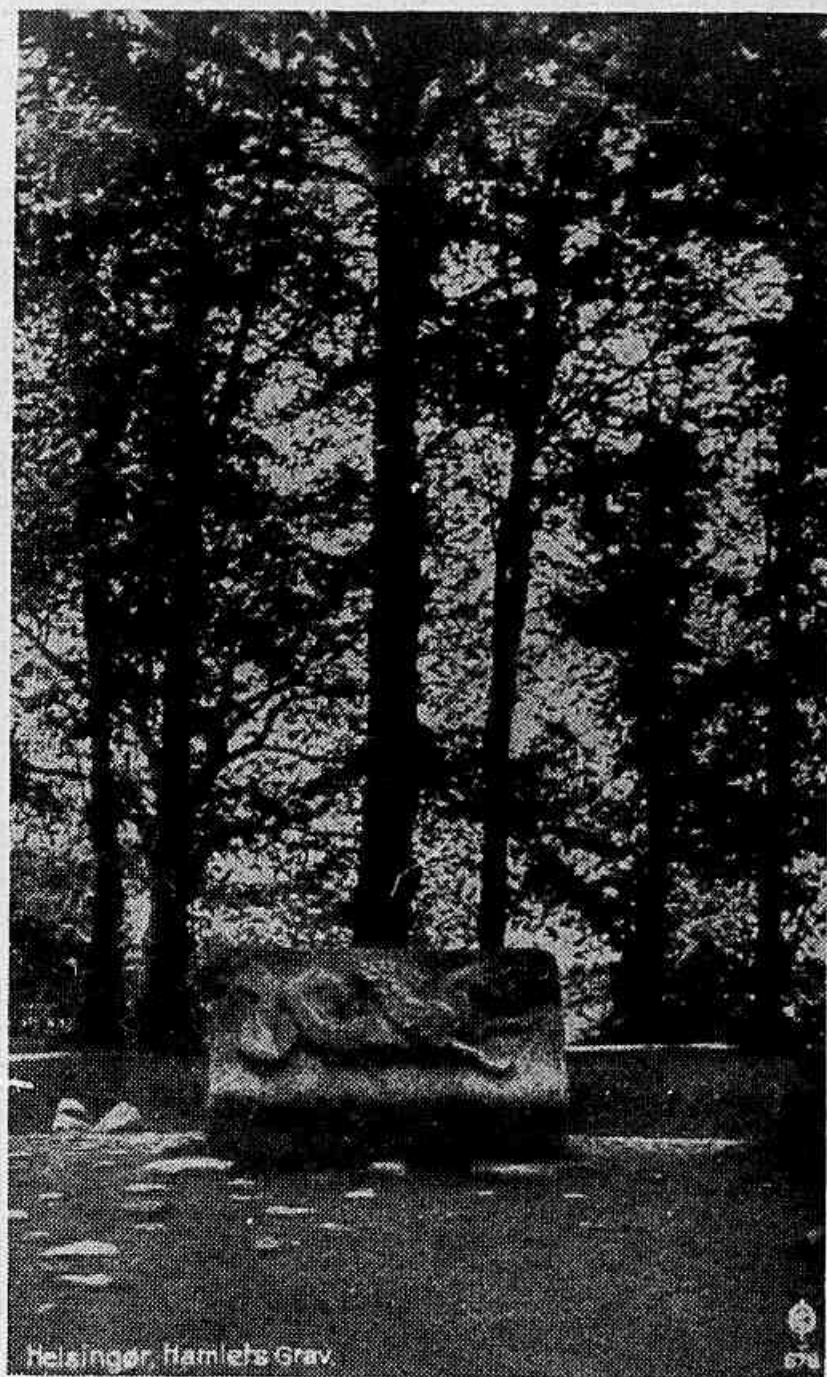
— Meu senhor...

— Bela e virtuosa. Separa a tua formosura da tua virtude, porque a beleza tem garras fortes e a virtude fraca defesa...

— Meu senhor...

— Entra para um convento... Eu supunha que te amava dantes. Só agora é que te amo... Faze-te freira...

E a estrêla apaga-se de todo e a treva fecha-se na treva, deixando para sempre no



Monumento funerário de Hamleto, no bosque vizinho ao castelo de Elsinor.

espírito de quem escutou o seu idílio a saudade de uma música indefinida, feita de suspiros e de soluços.

E, pois, quinta-feira passada corri ao teatro Lírico. E o Sr. Novelli disse-me, do palco, não sei em nome de quem, que Hamleto era "histrião" por vingança.

E, com efeito, um calculado doido começou com a sua calculada loucura a intrigar, nem só todos os outros personagens da peça que se representava, como a mim próprio e aos outros espectadores que o ouviam.

Desconheci a tragédia. No fim de algum tempo, perguntava a mim mesmo quem seria aquele violento intrigante, aquele sensual dinamarquês que vociferava contra todos os seus companheiros de cena.

E, à proporção que o Sr. Novelli refundia Shakespeare, Hamleto, a misteriosa sombra que persiste dentro de todo homem que já leu dez livros literários, ia-se a pouco e pouco afastando de mim, até que, ao terminar o espetáculo, quando o falso doido estica-se e morre, já o meu querido e misterioso Príncipe da Dúvida, que nunca me abandonara o espírito desde que o conheci tinha de todo me fugido; e eu comecei a sentir-me só, frio, abandonado moralmente, viuvo de um velho companheiro espiritual.

Tive vontade de chorar.

E, então, apoderou-se de mim um desejo forte, desensofrido de ver Hamleto, de ouvi-lo para matar saudades, de senti-lo vivo, para me convencer de que o sr. Novelli não o tinha assassinado para sempre.

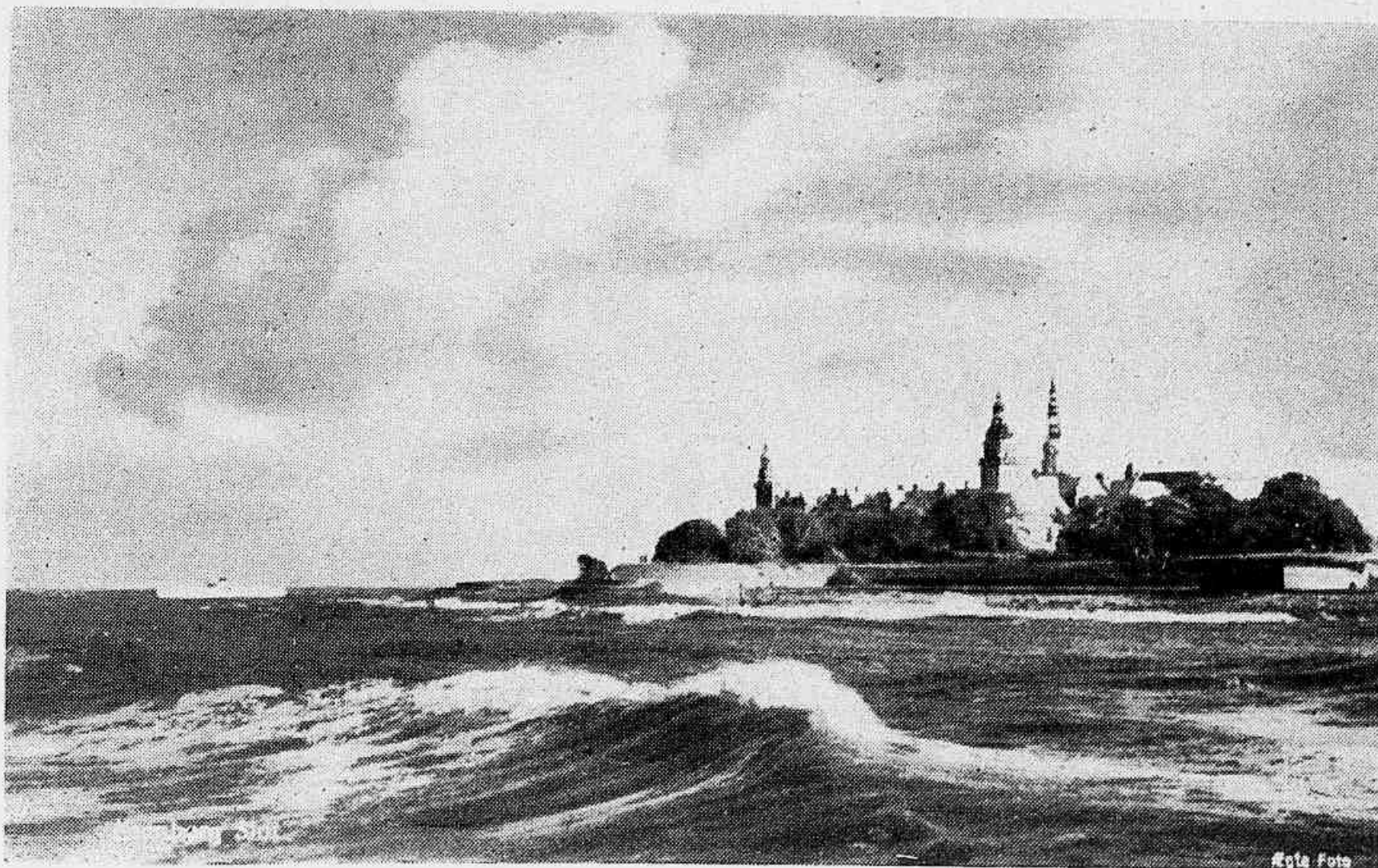
Corri à casa e reli ávidamente o divino poema da Dúvida.

Ah! felizmente, antes de adormecer, já de olhos fechados, achei de novo a querida sombra pensativa; estava defronte de mim, imóvel, a fitar-me com um triste olhar de tédio e de desdem, como se eu tivesse culpa do que sucedeu quinta-feira no teatro Lírico.

Ela voltou, felizmente, mas do susto de a ter perdido é que já ninguém me livra.

E, agora, juro que o sr. Novelli não me roubará outra vez, ainda que por 5 minutos.

Nada, com cousas sérias não se brinca!



O castelo de Elsinor, visto do mar.

De São Paulo



**Quando fôr
a São Paulo**

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**

★

• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succesora da
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

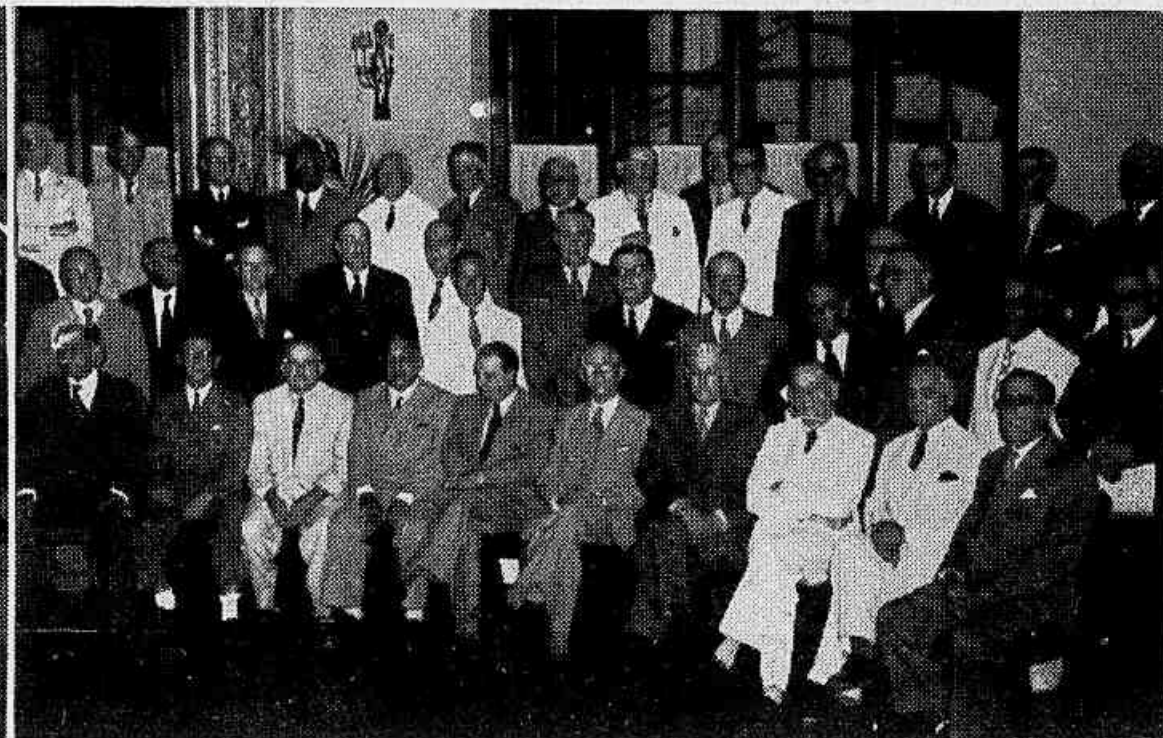
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

CHA' DE CORDIALIDADE

— Realizou-se, em dia
de dezembro passado,
no « Roof » da GAZE-
TA de São Paulo, um
chá oferecido á senho-
ra Maria Rezende do
Amaral, diretora da
secção de costura da
Cruz Vermelha, pelas sras. da sociedade paulistana que trabalham nesse departamento. A reunião decorreu num ambiente de franca cordialidade.



NOVOS MEDICOS PAULISTAS — Realizou-se no teatro da Municipalidade paulistana a cerimônia de colação de grau dos jovens que concluíram em 1942 o curso da Faculdade de Medicina de São Paulo. A cerimônia, da qual damos dois detalhes acima, foi presidida pelo prof. Jorge Americano, reitor da Universidade. Estiveram presentes, além de outras autoridades, o professor Benedicto Montenegro, diretor da Faculdade de Medicina; Alvaro Guimarães, diretor da Escola Paulista de Medicina; Sinesio Rangel Pestana, diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia; professor Maciel de Castro, diretor da Escola de Farmácia e Odontologia. Foi paraninfo da turma o professor Jairo Ramos.



ENGENHEIROS DE 1942 — A turma que concluiu, em 1942, o curso da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, vem de colar grau em sugestiva e simples cerimônia que teve lugar no Teatro Municipal paulista. A solenidade foi presidida pelo senhor Anhaia Melo, representante do interventor federal. A turma, que se compunha de 60 novos engenheiros, teve como paraninfo o sr. Felix Hegg.

BACHAREIS DE 1907 — Promoveram um almoço de confraternização, que resultou numa bela e animada reunião de cordialidade, os bachareis formados no ano de 1907 na Faculdade de Direito de S. Paulo. O grupo acima, que deixa ver quão numerosa foi a turma formada naquele ano, apanhou-o a nossa objetiva após essa festa.



Ministro Sousa Costa, srs. Manuel Ferreira Guimarães e Euvaldo Lodi, trocando impressões.



Aspecto geral da assistência que compareceu à sessão do dia 23 p. passado.

NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO

nômica, o representante da sra. Darcy Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência, representantes dos demais ministros de Estado, do prefeito do Distrito Federal e do embaixador Jefferson Caffery.

Iniciada a sessão foram lidos pelo sr. secretário os nomes dos membros recém-escolhidos para as diversas comissões, assim como a relação dos numerosos telegramas de congratulações recebidos pela nova diretoria.

Falou, então, o presidente João Daudt d'Oliveira, cujas palavras tiveram êsse cunho de profundo equilíbrio, de salutar clarividência que tão bem caracteriza os homens do comércio.

Entre as demais pessoas presentes, conseguimos anotar os seguintes nomes: srs. René Prévot, Milton



Major Coelho dos Reis e o sr. Pedro Brando.



O comendador Manuel Vitorino, tendo empossado o novo presidente, sentou-se entre os assistentes, ao lado do sr. Raul de Araujo Maia.

Realizou-se a 23 p. p. a posse da nova diretoria da Associação Comercial, solenidade que levou ao Palácio do Comércio, altos personagens do nosso mundo político e econômico.

Aberta a sessão pelo comendador Vitorino Moreira, tomaram assento à mesa os srs. Osvaldo Aranha, Souza Costa, capitão Garcia de Sousa, representante do Presidente da República, major Coelho dos Reis, diretor geral do D. I. P., sr. João Carlos Vital, coordenador interino da Mobilização Eco-

Barcelos, João Vieira de Macedo, Ranulfo Chaves, Raul Ramos Vilar, William Mazzocco, S. Mc. Alister, José Augusto Bezerra Medeiros, Augusto Martins, Francisco Antonio Coelho, João Waylong, Artur de Lacerda Pinheiro, Antenor Ribeiro de Menezes, J. Serpa, Julio de Souza Avelar, Oto Gil, Hildebrando Gomes Barreto, Luiz Augusto do Rego Monteiro, Antenor Rangel Filho.



Momento em que o sr. Manuel Ferreira Guimarães, antigo presidente da Associação, apresentava o livro de presença à assinatura do ministro Osvaldo Aranha.

Srs. Ribeiro Couto, João Neves e Rodrigo Otávio Filho, conversando antes da sessão.



O novo presidente, sr. João Daudt d'Oliveira, pronunciando sua notável oração de posse.

Flagrante da mesa que presidiu aos trabalhos.



Srs. João Daudt de Oliveira e Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional de Indústrias.

Srs. João Carlos Vital, Castelo Branco e Carlos Luz, enquanto aguardavam o início da solenidade.





Sr. João Bulcão e « debutante » Teresinha Myriam Dolabella Portella.



Sr. Eugenio Raja Gabaglia e « debutante » Maria de Lourdes Prazeres.



Sr. José Luiz Bulhões Pedreira e « debutante » Gilda Pessoa de Raja Gabaglia.

ANIVERSARIOS

3 Senhores: comendador Alexandre Herculano Rodrigues, José Poley e Celestino Silveira, nosso colega de imprensa.

4 Senhora America da Silva Carvalho, senhor Domingos Benediti.

5 Senhorita Maria de Lourdes de Goes Monteiro, senhora Alice Vergara Paes Leme, doutores Eduardo da Silva Pinto, Trajano Furtado Reis, Octavio Eurico Alvaro, general Castro Pinto.

6 Senhoras Adelaide Machado Brito, Nair Bueno do Prado e Almerinda Machado Vieira; dr. Rodolpho Machado, capitão-tenente Lindoso Marinha Guimarães, almirante Henrique Boiteux.

7 Senhoras Maria Elisa Frontin Werneck e Augusta Bill, senhoritas Herminia Aarão Reis e Maria de Lamare; dr. Jones Rocha.

8 Senhoras Itala Guanabara Vidal e Maria Candida de Oliveira Viana; doutores Paulo de Lyra Tavares e Jozelino Pinto, sr. Oswaldo Marcondes do Amaral.

9 Senhorita Marcionila de Almeida Araujo; senhores dr. Olavo Freire Jr., Francisco de Paula Rodrigues Alves de Carvalho, coronel Luiz Sá de Afonseca, dr. Paulo de Campos Porto.

CONFRATERNIZAÇÃO JORNALÍSTICA

Realizou-se no dia 24 de Dezembro último o almoço de confraternização que o Touring Club do Brasil oferece, todos os anos, aos jornalistas.

Transcorreu cordialmente essa festa, tendo falado o dr. Murinho Nobre, presidente do Touring Club, os srs. Benilo Neves, Herbert Moses, Oswaldo Orico, o major Coelho dos Reis e o sr. Miranda Jordão. Foram feitos votos para que no próximo ano a festa dos jornalistas seja também uma comemoração da vitória das Nações Unidas.



« Debutante » Martha Celedon e Sr. Fernando Portella.



« Debutante » Helena Brito Cunha e Sr. Gustavo Engelke.

NOTICIARIO ELEGANTE

“DEBUTANTES” DE 1942

Noite de encantamento foi a do ultimo sábado, dia 19 do corrente, noite de encantamento e de elegancia, que a primeira dama do país, a exma. sra. Darcy Vargas proporcionou á sociedade carioca, com seu gesto fidalgo e generoso, accedendo em patrocinar a apresentação das « debutantes de 1942 ». Trinta e quatro jovens, pertencentes ás mais tradicionais familias brasileiras, atingiram essa idade que o poeta classificou « entreaberto botão e entrefachada rosa », idade em que o primeiro vestido de baile, a primeira « grande noite » e o primeiro « bâton » nos lábios, marcam o fim do conto de fadas e o inicio do romance.

A sociedade, com o que possui de mais representativo, lotou inteiramente o « Golden-Room » do Copacabana, que assim reproduziu uma das famosas noites do Waldorf-Astoria, local favorito para apresentação das « debutantes » de Nova York.

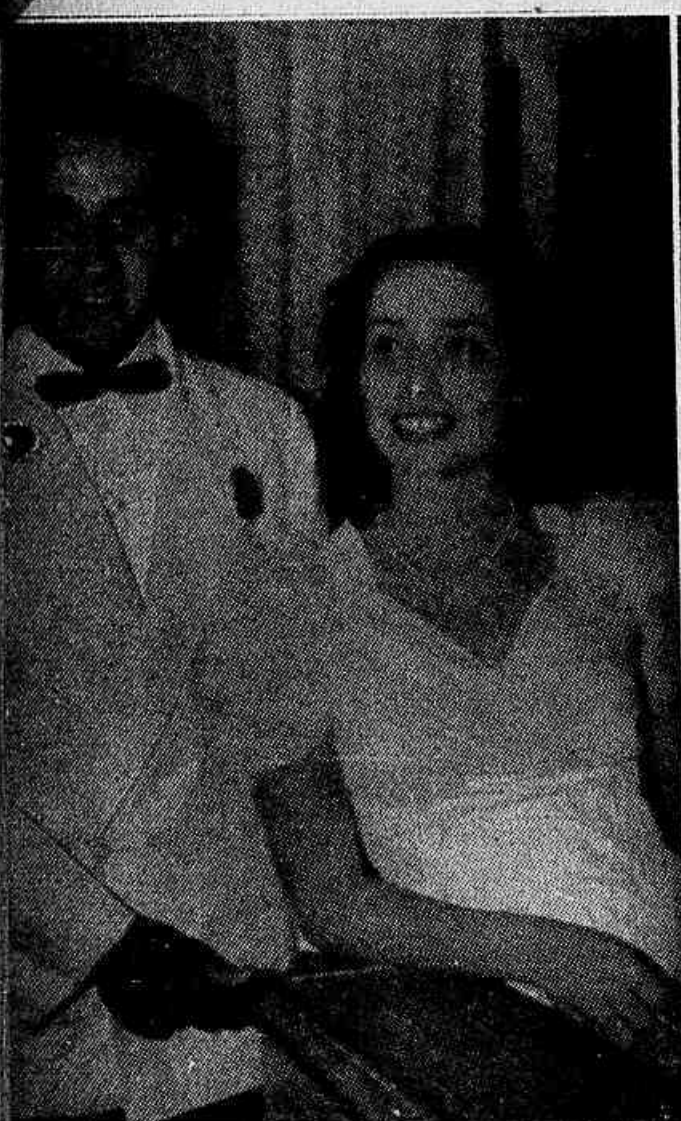
Foi, sem a menor duvida, a mais bonita festa de 1942 e a mais justificavel feira-de-vaidade a que o Rio já assistiu.

Foram as seguintes as « debutantes » e seus respectivos cavalheiros:

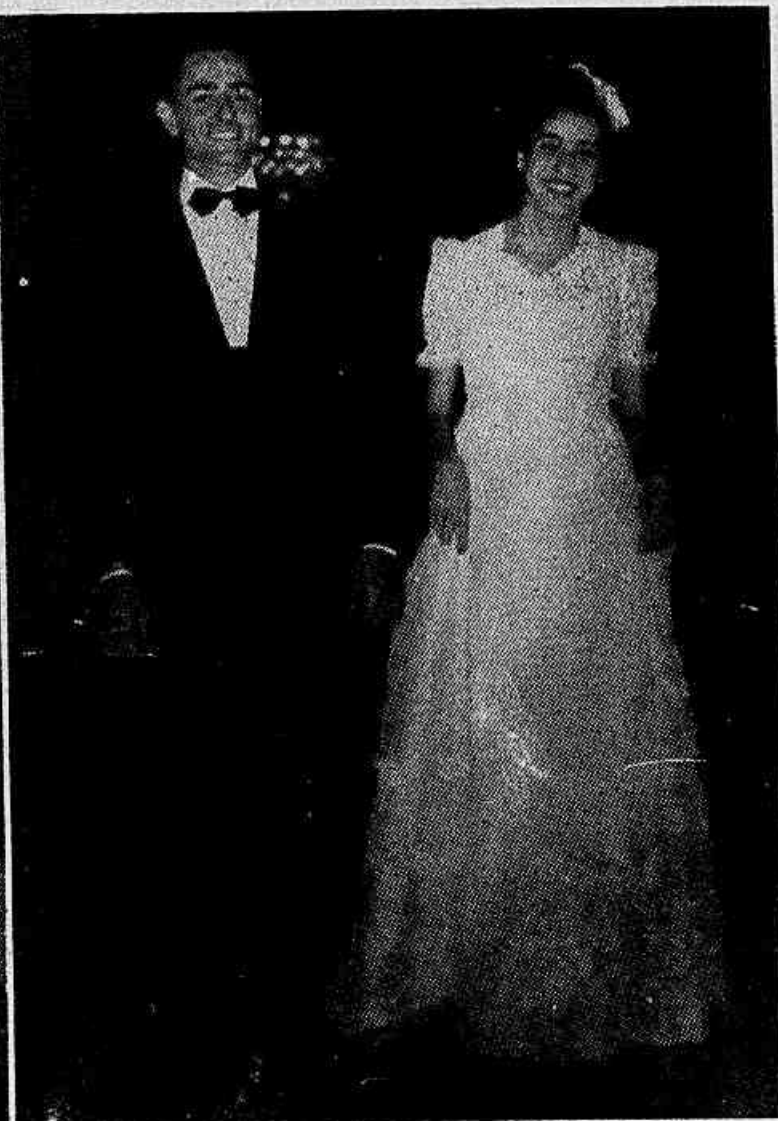
Martha Celedon e Sr. Fernando Portella; Teresinha Myriam Dolabella Portella e Sr. João Bulcão; Helena Maria de Brito e Cunha e Sr. Gustavo Engelke; Gilda Pessoa Raja Gabaglia e Sr. José Luiz Bulhões Pedreira; Maria Luiza Mendonça de Castro e Sr. Darcy Frôes da Cruz, Jr.; Ivette Vargas Thast e Sr. José Antonio Souza; Célia Medeiros e Sr. Orlando Vinagre de Almeida; Marta Berro e Sr. Hélio Apriano; Isabel Modesto Leal e Sr. José Roberto Brum; Eléh Agapito da Veiga e Sr. Lauro de Luca; Gilda Gama e Sr. João Saavedra; Maria de Lourdes Prazeres e Sr. Eugenio Raja Gabaglia; Nilza Magalhães Duarte e Sr. Luiz Mac Dowell da Costa; Margarida Azeredo da Silveira e Sr. Pedro Brito Pereira; Martha Camargo e Sr. Gastão Bracaiot; Sonia Camargo e Sr. Afonso A. Veiga; Luiza Maria Pontes e Sr. Eduardo Bandeira de Mello; Sofia Otelo e Sr. Leonardo A. Alberto; Vera Motta e Sr. João Luiz M. Fonseca; Margarida Machado e Sr. João Virgilio de Mello Franco; Maria Helena Shalders e Sr. José Mac Dowell da Costa; Lucia Braga e Sr. Raul Braga; Dinah Cardoso Martins e Sr. José G. Mattos; Sonia Machado Guimarães e Sr. José Berro; Celeste Continentino e Sr. João Gualberto Teixeira de Mello; Helena Tavares e Sr. Eltes P. Arrouxelas; Helena Crisostomo de Oliveira e Sr. Ramiro Tostes; Andréa Bordallo de Figueiredo e Sr. Larry Leite; Marília Tostes e Sr. Paulo Fontainha; Regina Martins de Almeida e Sr. José Buarque de Macêdo; Lucia Espina e Sr. Nelson Brum; Rosita Gonzalez Marckmann e Sr. George Guimarães; Silvia Gonzalez Marckmann e Sr. Hélio Vergara; Edna Mary Freitas de Almeida e Sr. Tancredo Guimarães Gomensoro.

Pódem as « debutantes » sentir orgulho de sua primeira noite de gala! Mas é preciso que não se esqueçam de que a elas caberá, em futuro agora bem proximo dar mais brilho aos salões cariocas; organizar tardes e noites de encantamento para a sociedade, essa sociedade que agora as recebeu carinhosamente, com flores e aplausos e na qual se tornarão grandes damas até que, um dia, organizem a recepção de outras « debutantes ».

E' uma grande responsabilidade que ora assumem. Uma responsabilidade muito amável, porém.



Sr. Darcy Froes da Cruz Jr. e « debutante » Maria Luiza Mendonça de Castro.

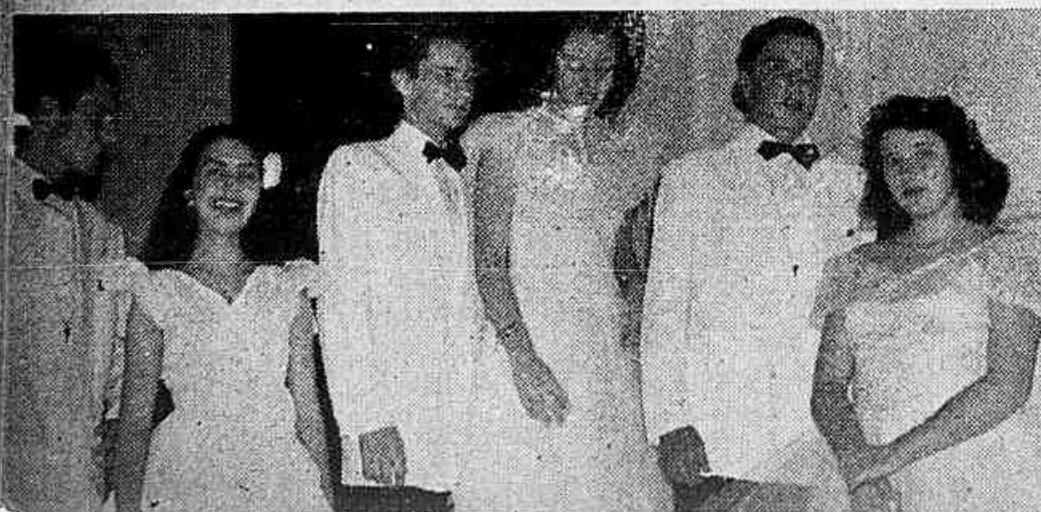


Sr. João Gualberto Teixeira de Mello e « debutante » Celeste Continentino.

Sr. João Luiz Moreira da Fonseca, « debutante » Vera Motta, Sr. Paulo Fontainha, « debutante » Marília Tostes, Sr. Ramiro Tostes e « debutante » Helena Machado de Oliveira.

« Debutante » Isabel Modesto Leal e Sr. José Rabelo Brum.

Sr. Larry Leite e « debutante » Audréa Bordallo de Figueiredo.

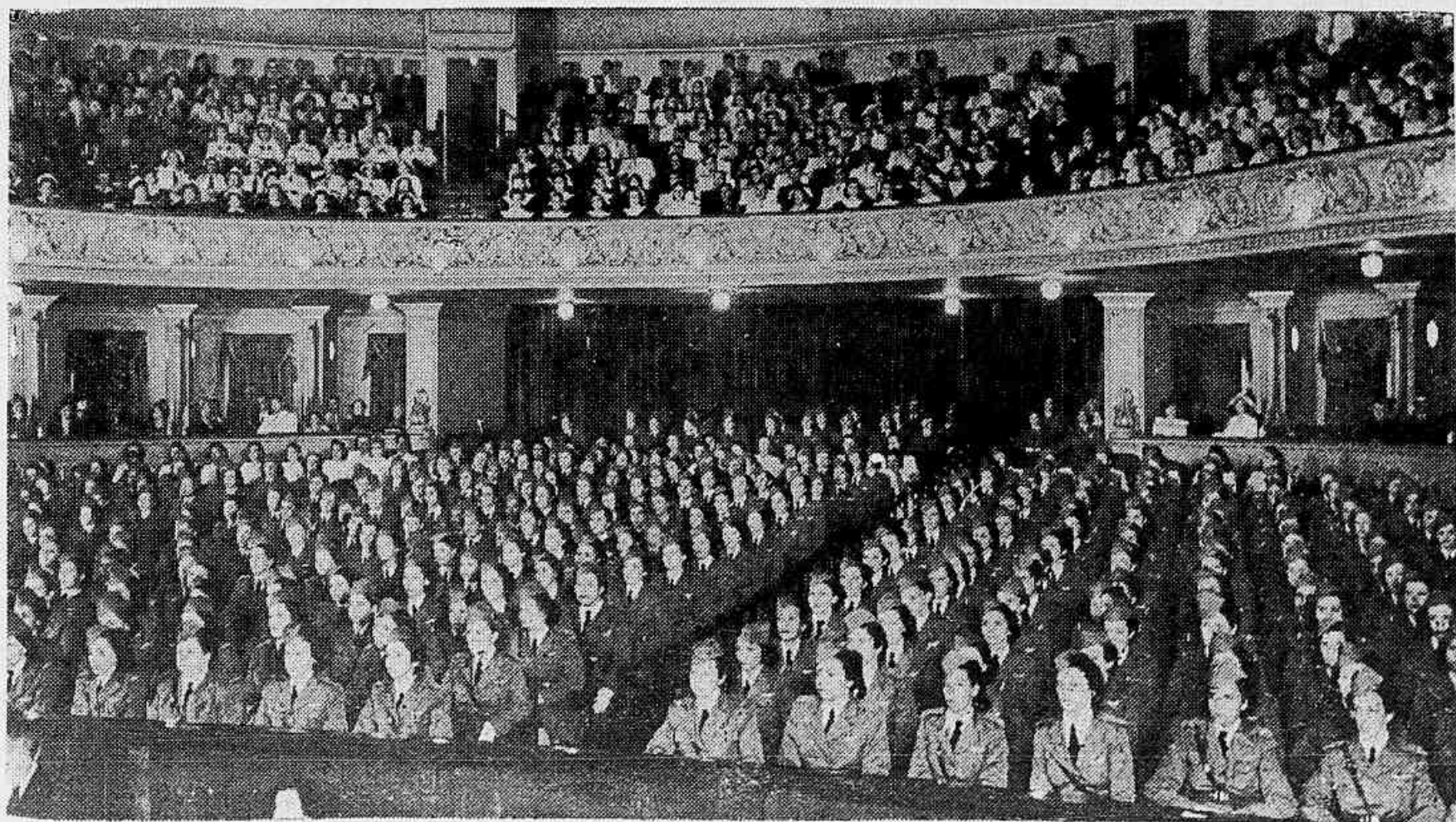


O ENLACE HERMES CÁRDOSO MACHADO -- MARIA THEREZA DE SOUZA LEITE

Realizou-se no dia 10 do mês ultimo o enlace matrimonial do dr. Hermes Cardoso Machado, advogado em nosso Fôro, com a senhorita Maria Thereza de Souza Leite, tendo a cerimonia religiosa se efetuado na Basilica de Santa Therezinha, á rua Mariz e Barros, sendo o ato oficiado por monsenhor Leovegildo Franca, testemunhando, por parte do noivo, o dr. José de Oliveira Machado e senhora, e por parte da noiva, o sr. Alexandrino Moscoso e senhora; a solenidade civil teve logar na residencia dos pais da nubente, á rua Barão de Itapagipe 27, e foi presidida pelo juiz Victorino Guimarães Chermont de Miranda, servindo de padrinhos, pelo noivo, o dr. Jorge Pinheiro Brisolla e senhora e o sr. Cecio Davis e senhora e pela noiva, o dr. Virgilio Alvim de Mello Franco e senhora.

A nubente, que descende pela linha paterna do barão de Aguas Claras, de quem é neta, é filha do ar. Domingos de Souza Leite e d. Lyvia Boavista de Souza Leite; o noivo é filho do sr. Joaquim Gabriel de Oliveira Machado e d. Proserpina Cardoso Machado.

O enlace Cardoso Machado — Souza Leite, de que damos os aspectos que ilustram este registo, constituiu acontecimento de realce em nossos meios sociais, sendo grande o numero de pessoas que emprestaram o brilho de sua presença aos esposais do jovem e estimado par.



As novas voluntárias da defesa passiva anti-aerea

Realizaram-se em dia deste mês, com solenidade, as cerimoniaes de entrega de diplomas ás novas voluntárias da Defesa Passiva anti-aérea. Em ação de graças foi rezada missa na igreja da Cruz dos Militares, tendo comparecido a Senhora Darcy Vargas, paraninfa da turma. No Teátro Municipal efetuou-se, na noite do mesmo dia, a cerimonia de entrega de diplomas ás novas voluntárias formadas em curso especial da Legião Brasileira de Assistencia. Estiveram presentes, além da paraninfa Sra. Cetulio Vargas os ministros Marcondes Filho, Eurico Gaspar Dutra, Gustavo Capanema e Mendonça Lima, o prefeito Henrique Dodsworth, o general Firmo Freire, representante do Presidente da Republica, outras pessoas gradas e numerosa assistencia. As fotos que damos acima são aspectos dessa bela festa.

Uma festa brasileira em Londres



Da direita para a esquerda: Pascoal Carlos Magno, da Legação da Colômbia, Don Victor Riosco, da Embaixada do Chile, e Alfredo Pessoa, diretor de Divulgação do DIP.

A 3 de Novembro ultimo, o Secretario da Embaixada do Brasil em Londres, Pascoal Carlos Magno ofereceu, no Claridge, uma recepção em homenagem á Delegação dos Jornalistas Brasileiros, chefiada pelo Dr. Alfredo Pessoa, dela fazendo parte os Senhores Mario Martins, Danton Jobin, Jorge Maia, Joaquim Ferreira, Joaquim Menezes e Miguel Arco e Flexa. A essa recepção compareceram cerca de 300 convidados, reunindo em torno dos jornalistas brasileiros nomes famosos na vida literaria, artistica, social de Londres, além de representantes diplomaticos, membros da Camara dos Comuns, Foreign Office, etc. Entre os convidados notavam-se: o Embaixador do Brasil e Senhora Moniz de Aragão, o Senhor Armindo Monteiro, Embaixador de Portugal, Senhor Manuel Bianchi, Embaixador do Chile, Senhor A. R. Diaz, Ministro do Mexico, Senhor A. Canevali, Ministro da Venezuela, Encarregado dos Negocios da Bolivia e senhora Penaranda, Senhor Bustamante Montero, Encarregado dos Negocios do Uruguai; escritores Salvador Madariaga, Hermon Ould, Irene Rathbone, Henrieta Leslie, Rosamond Lehmann, John Lehmann, diretor do New Writing; Lady Eleanor Smith, poetas Cecil Day Lewis, Louis MacNiece, Bar Beaumont; romancistas Phyllis Bentley, Diana Gardner- Stefan Shimanski, diretor de « Kingdom Come ». Robert Harring, diretor de « Life and Letters »; autora Aimée Stuart; escritores espanhóis Chaves Nogales, R. Nadal, professor da Universidade de Londres; atrizes Dame Irene Vanbrugh, Beatrix Lehmann, Constance Cummings, Ruth Grundy, Brenda de Brazier; atores Robert Speight, Frith Banbury; dramaturgo Benn Levy; dansarino Robert Helpmann, primeiro do « Sadlers Wells Ballet »; jornalista E. Hulton, diretor de « World Review »; A. Forbes, Peter Stuart, Conde Lasta, Douglas Woodruff e senhora, Sydney Carroll, diretor de Daily Sketch, pintoras Lady Queensbury, Ann Mayerson, escritores refugiados, de renome internacional, Manuel Antonio Braune e senhora, escultora Dolly Moor.



O ator Gray Blake, oficial da RAF, a jovem atriz Ruth Grundy e a grande atriz Dame Irene Vanbrugh.



Da esquerda para a direita, Lord Stamsgate e os três célebres irmãos Lehmann, Rosamond, a romancista de «Dusty Answer», John Lehmann o poeta diretor de «New Writing» e Beatrix Lehmann, a maior atriz da Inglaterra, conversando com Jorge Maia de «A Noite».



Senhoras Price, Everill, jornalista Mario Martins de «O Radical», Antonio Calado, do «Correio da Manhã», Darcy Ribeiro da «Folha da Tarde» de Porto Alegre, a senhora Jean Watson da BBC. Ao fundo o grande poeta Stephan Spender, que hoje é bombeiro em Londres.



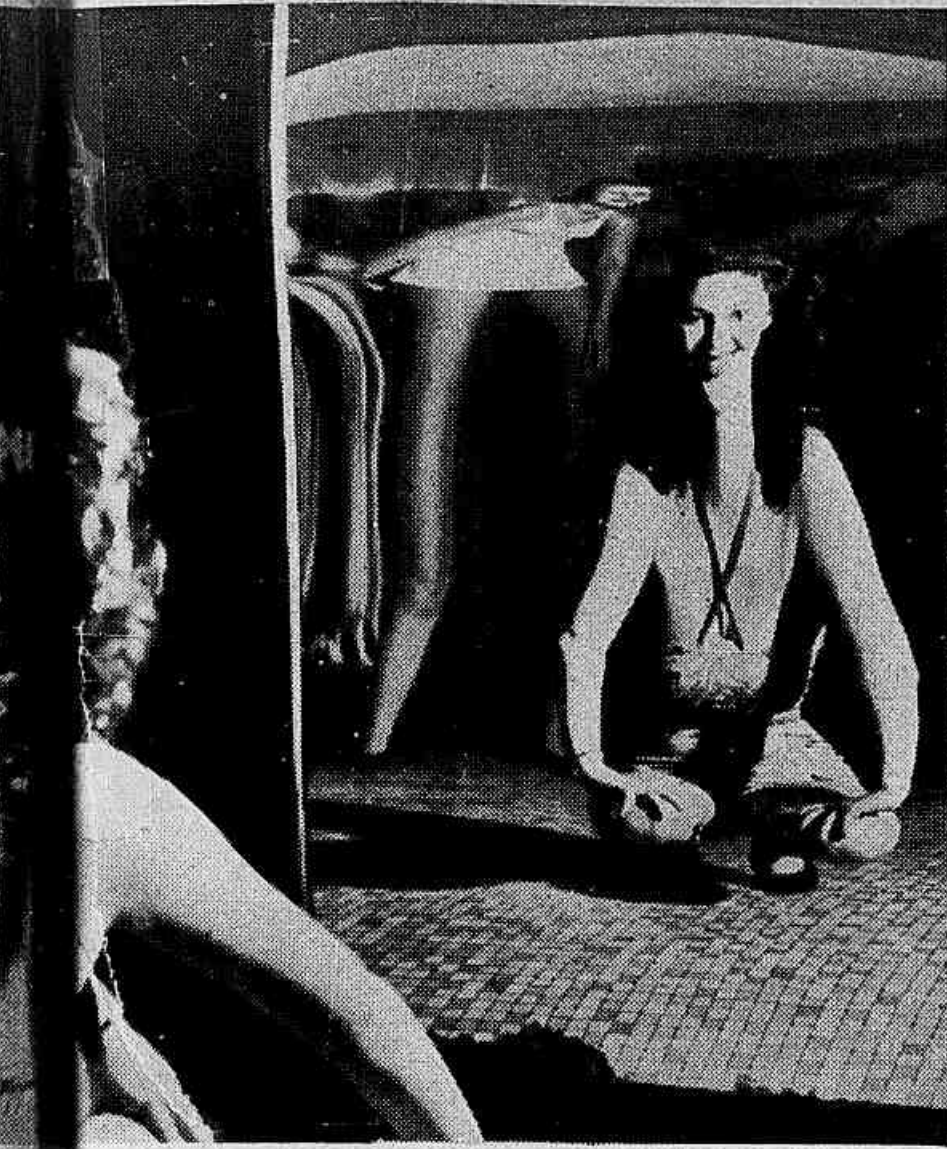
Sr. A. R. Diaz, ministro do Mexico e sr. Penaranda, encarregado dos negocios da Bolivia.



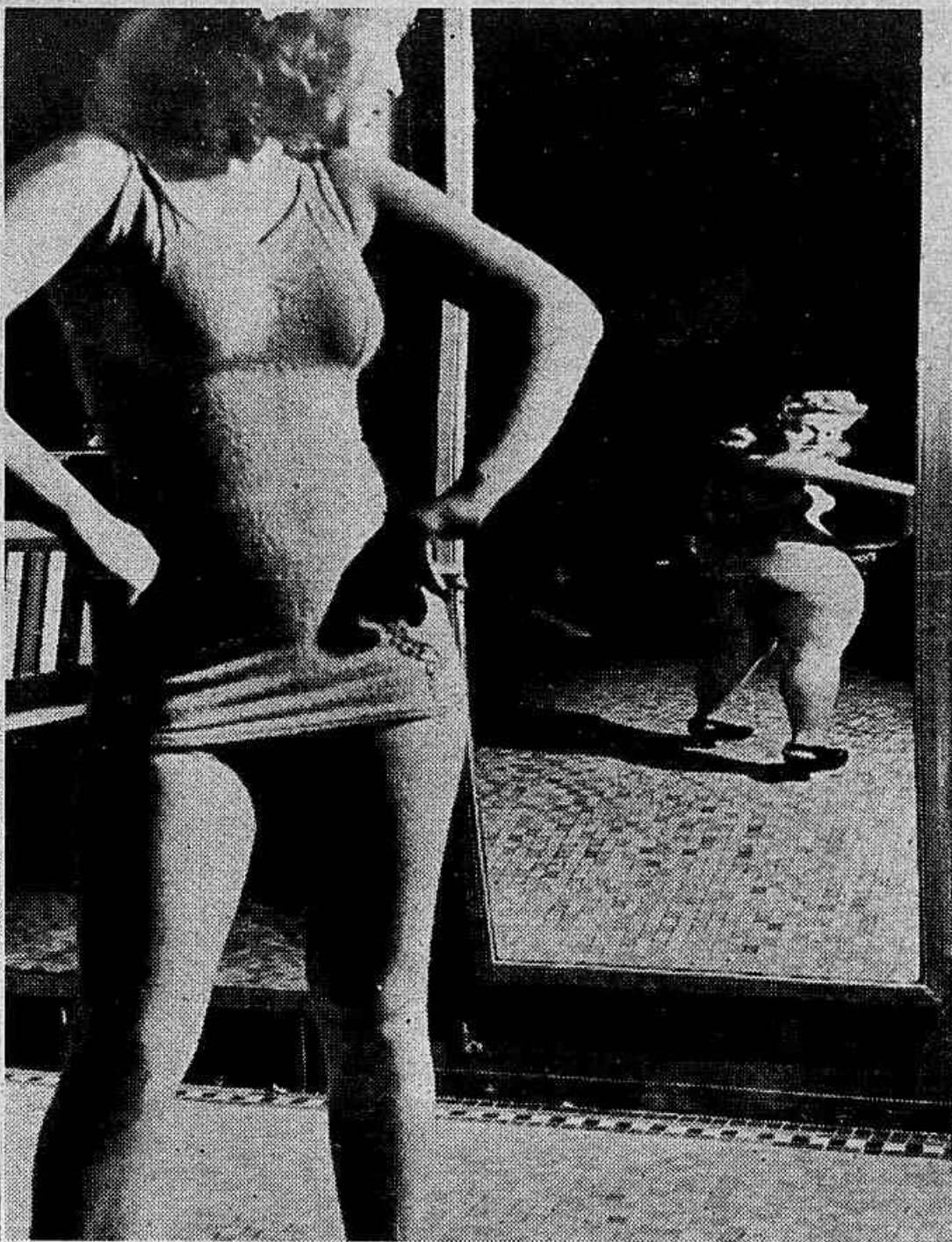
Da esquerda para a direita: o conde Lasta, o senhor Armindo Monteiro embaixador de Portugal e o dr. Alfredo Pessoa.



Da esquerda para a direita: senhor A. Canevali ministro da Venezuela, embaixador Moniz de Aragão e jornalista Joaquim Ferreira de «O Globo».



ANNIE LAURIE — « Sua testa é branca como a neve e seu pescoço igual ao de um cisne » — assim cantou poeta. Mas aqui vemos como seria sua musa, se tivesse mesmo o pescoço da linda ave.



ASSUSTOU-SE? — Não é para menos. A leitora faria o mesmo se de repente se visse passar de um metro e sessenta a oitenta centímetros de altura.



PUXA! — A' entrada da piscina de St. George, este espelho nos faz a apresentação de pequenas que vão nadar. Não é nada lisonjeiro, este espelho, como podem ver.

Espelhos

Caricaturistas

Nós temos atravessado a vida, na crença otimista de que os espelhos que temos encontrado são sempre malevolos, jamais nos mostrando como realmente pensamos ser. Algum dia esperamos no entanto encontrar o « espelho cristalino » da rainha da história de « Snow White », que nos dê nossa imagem real de Narciso.

Que dizer, por conseguinte, quando o cidadão se vê refletido no espelhos deformantes da piscina de St. George, em Broocklyn?

São verdadeiros espelhos caricaturistas, vindos da Grã Bretanha, quan-

do os ingleses tinham vagares para se ocupar de coisas diversas dos problema da guerra.

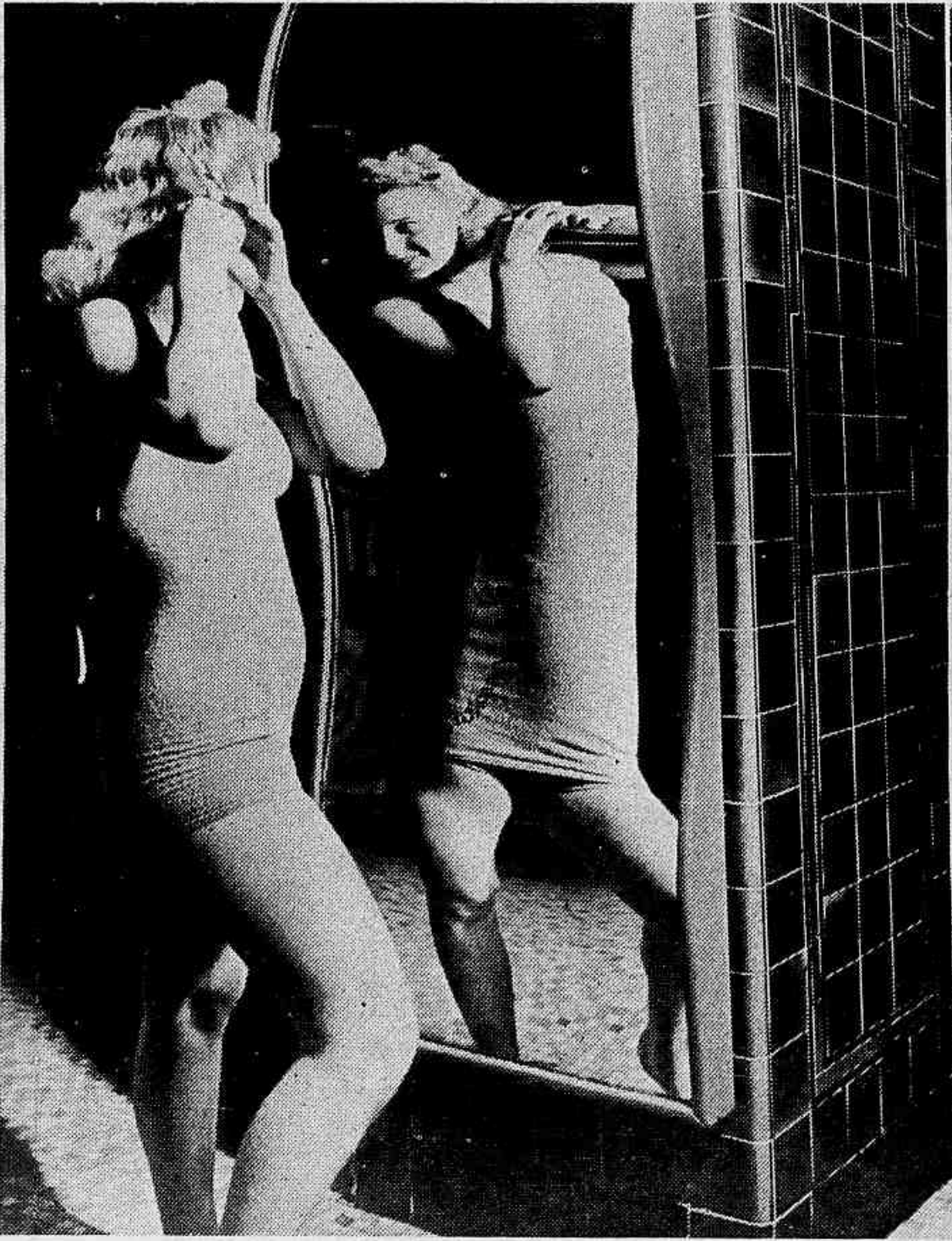
Se você não tiver uma dose regular de bom humor, leitor amigo, não deve procurar sua figura em tais espelhos. Rapaz, fique certo de que muita vez pensará que se transformou numa criação de Walt Disney, ou nalguma visagem de pesadelo depois duma ceia de lagosta ou de identico fabricante de sobressaltos noturnos.

Ninguém pode calcular a falta de respeito com que os vidros traiçoeiros tratam um cavalheiro. E se você for uma alma sensitiva, ha de acabar com vontade de se recolher a um convento.

Basta ver como aparece uma linda pequena. Desse jeito, é facil de avaliar como se verá um cavalheiro já meio torto de natural.



POBRE GAROTA!...Uma cabecinha de boneca e as pernas do Pequeno Polegar, boas para galgar montanhas e devorar leguas. O efeito se obtém, ondulando a superfície dos espelhos, quando fabricados.



MISERICORDIA! — Imagine também o susto desta pequena, que chega diante do espelho, para ajeitar um cacho e se defronta com semelhante bicharoco!



Vamos e venhamos! — E' bem facil de calcular o desgosto desta pequena que acorda certa manhã e se vê deste modo — coisa que ela nunca na vida julgou possível.

LÁBIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

**DECORAÇÕES
CORTINAS**

**STORES
TAPETES**
CASA BEIRIZ
RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente...

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.

 *Senhoras!*
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO
APR. PELA CENS. SAMIT. N. 56-J-L

Nesta época de raros chapéus a leitora pode obter os mais lindos efeitos, usando ora a rêde propriamente dita ora uma simples faixa de sêda ou de lã enrolada nos cabelos, como se acha hoje tão generalizado entre as senhoras e senhoritas.

A rêde tem muitas vantagens sobre os chapéus: primeiro, porque está mais na moda do que eles. Segundo, porque você estará sempre

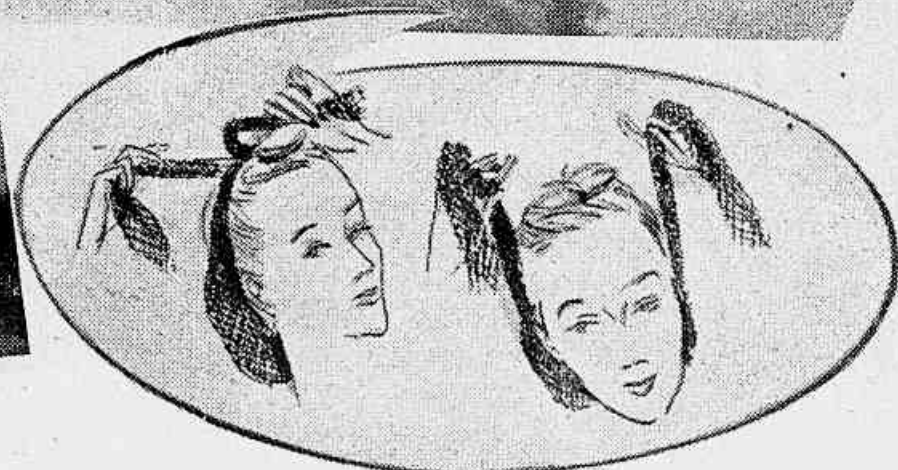
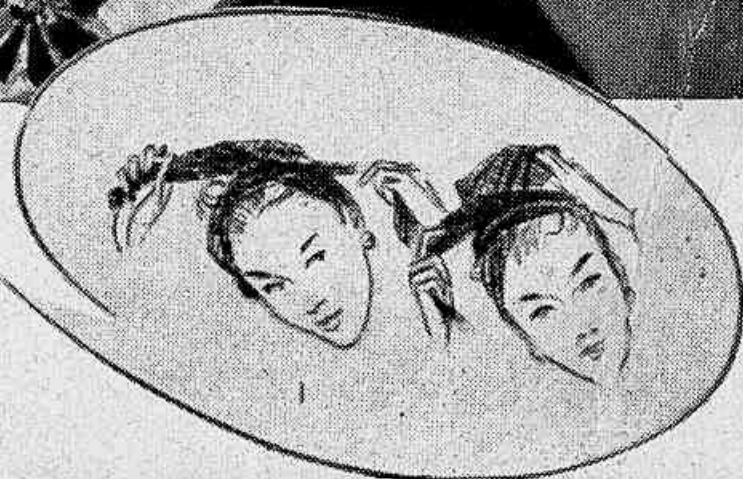
penteadada. Terceiro: cada dia é possível arranjar uma variação. Quarto: porque, afinal de contas, custa quase nada.

Outras vantagens: os cabelos bonitos continuam à vista, como se estivessem inteiramente soltos. A rêde é leve e fácil de adaptar ao tipo de cada mulher.

Diante de tudo isso, caso a leitora não a esteja ainda usando, não resta mais do que aderir à maioria.



Você não pode
fugir à rêde



O MUNDO NÃO VALE O SEU LAR

Deante da escuridão quasi inimiga da noite que cái, você abre as janelas. Está sozinha dentro do seu lar. Ha uma tristeza em seus olhos, que quasi querem chorar, em seus labios hesitantes.

Você casou sonhando para aquela noite uma poltrona, uma conversa amiga e afetuosa. E muitas vezes foi assim... Mas neste instante tudo falhou: a noite caiu, a poltrona está vazia, o abat-jour apagado, as crianças dormindo. E ele, o senhor desse lar, encontrou um amigo, uma conversa, uma mesa no bar da esquina.

Vamos... guarde essa vontade de chorar! Abra seus labios num sorriso. Você, a mulher mais bem acompanhada do mundo, pensa que está sozinha!

Olhe bem a noite que vai lá fora e as pessoas que se cruzam dentro dela. Deixe alerta seus sentidos e ouvirá os ruidos que chegam da noite e morrem na serenidade perfumada de seu jardim. Ouça-os...

Choro? choro, sim! Num bêrço qualquer, velho e gasto, ha uma criancinha chorando: talvez a fome, talvez uma doença que nem sabe descrever.

Soluços? soluços, sim! Uma mulher que dentro da noite tem um pedacinho de lua num quarto qualquer, muitos nomes de homem na sua historia e nenhum dentro da sua vida. E não pôde fechar uma janela, para as sombras da noite, porque as sombras estão ao seu lado, dentro do quarto pobre.

Gemidos? gemidos, sim! Alguem que sofre, dentro da noite, a dor de um açoite talvez no rosto, talvez na alma. O açoite, que não encontrou o anteparo de um teto, cái fatalmente sobre as criaturas.

...e os seus olhos têm quasi vontade de chorar! primeiro, peça licença ás vozes que chegam da noite. Você, que tem leite quente e pão fresco em sua cozinha, antes de chorar e se sentir infeliz, peça licença ás criancinhas que choram fome e desabrigo.

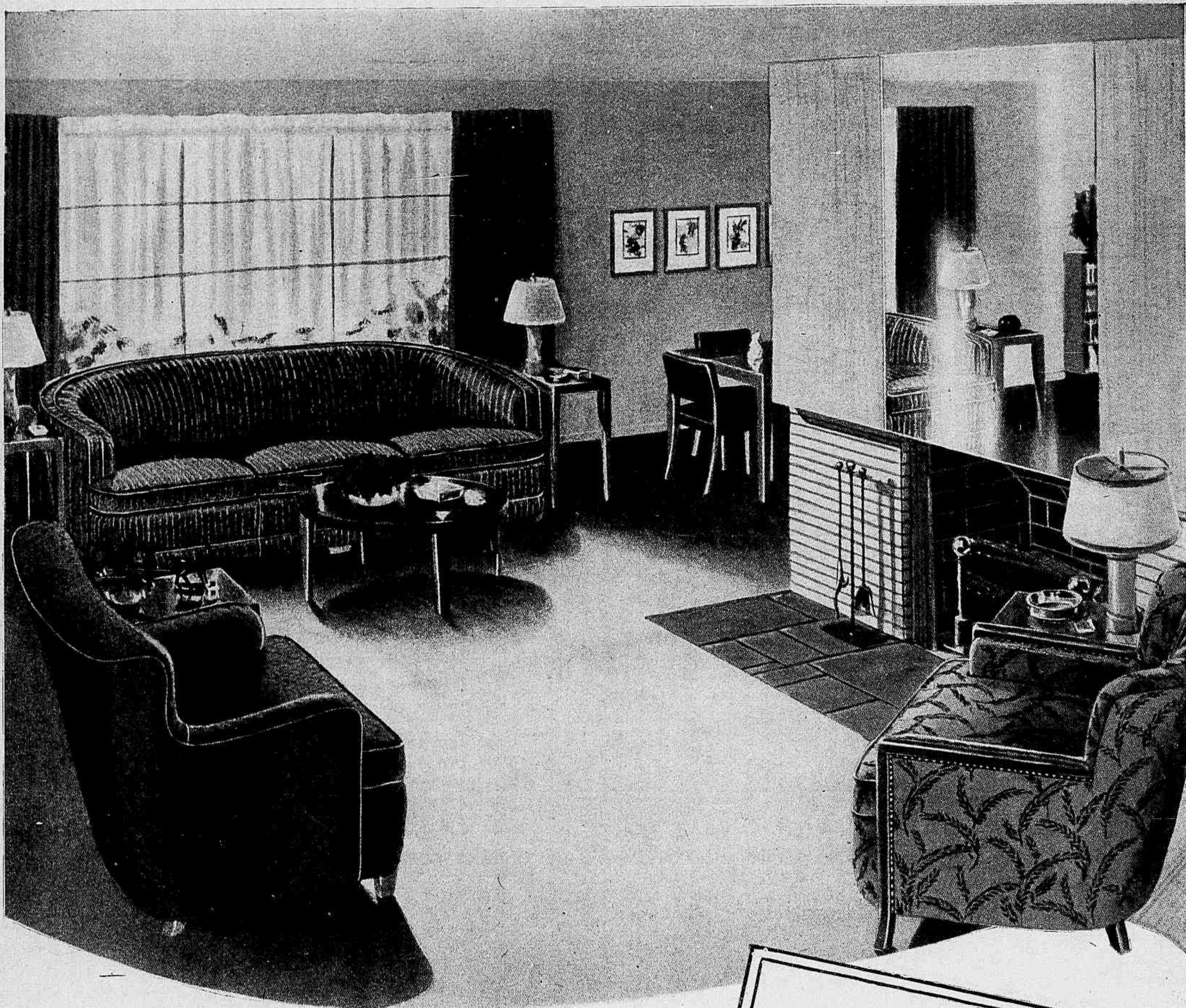
Você, que tem um homem forte por você, filhos, um lugar na agradável vida social de todos, um lar que fecha portas e janelas para o mundo mau, antes de soltar suas lagrimas peça desculpas á mulher que soluça...

...e, antes de lastimar a grande infelicidade de estar sozinha nesse começo de noite, peça licença áqueles que vivem e caminham sozinhos, tendo somente a companhia das tempestades, das lutas, das amarguras...

E' mais facil, mais doce e mais amigo guardar a vontade de chorar e mandar para os labios um sorriso bom. E se alguma coisa ficar de triste e amargo no seu coração que seja a piedade pelas vozes que não podem dizer como a sua — « O mundo não vale o meu lar ».

SAGRAMOR DE SCUVERO





CONTRASTE DE CORES

Os americanos do Norte parecem conhecer melhor do que qualquer outro povo do mundo o segredo do conforto e do bem-estar. De um nada eles fazem tudo, pelo contraste de cores, de estilos, pelo jeito especial de arranjar as coisas mais modestas.

Aqui vemos um salão muito espaçoso, aproveitado á moda yankee para sala-de-estar e sala-de-jantar, ao mesmo tempo (fundo, á direita). Ali todo o efeito decorativo é obtido pelo contraste das cores dos tecidos que recobrem as poltronas. Deixamos ao bom gosto de nossas leitoras o trabalho de escolher os diversos tons.

Para nós, aquele fogão de inverno servirá quando muito para efeito decorativo...

Um grande espelho empresta muita vida ao ambiente e maior amplitude ainda.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SÓMENTE

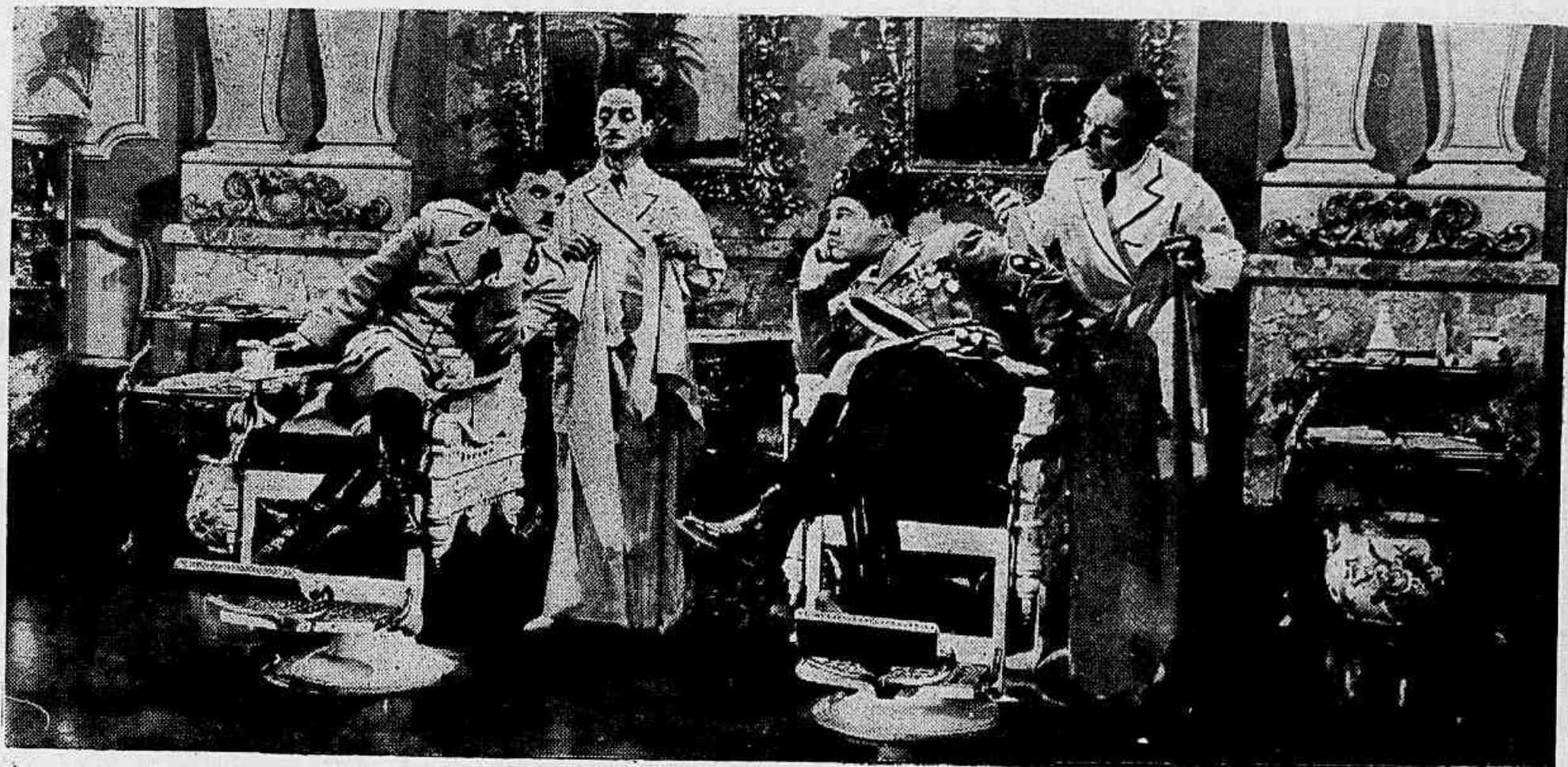
65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

DE CINEMA

O GRANDE DITADOR

Pery Jurema



Cena de "O Grande Ditador".

Chego atrasado de seis meses para vê-lo « Grande Ditador ». O próprio filme, porém, vem com um atraso de três anos, talvez atraso material, esse, apenas, porque, de respeito ao motivo central da película, teríamos que situá-la no mínimo há coisa de uma década, quando os regimes totalitários ainda permaneciam no significado de simples incógnitas.

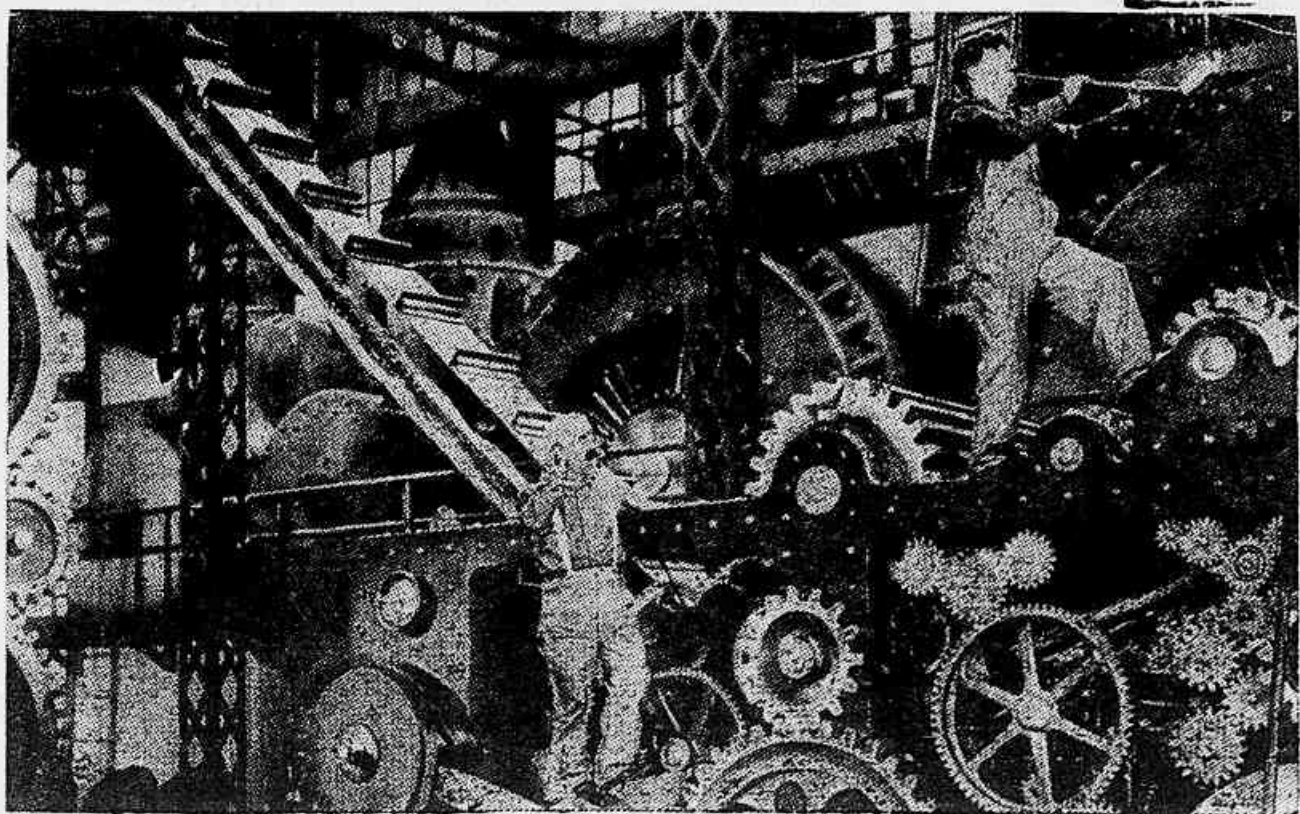
Cheguei tarde, portanto, mas nem por isso, diante de tamanhas faltas de oportunidade, me considero por demais fora de tempo neste cavaco.

O que ressalta de logo ao espectador é, na verdade, o anacronismo do filme. Anacronismo duplo, ainda mais, porquanto não é possível, nesta altura dos acontecimentos, tratar o nazismo como pilheria total. Anacronismo também, pois, apesar do detalhe sensacional do « talkie », da estreia de Carlito deitando o verbo — e bem que o aceita, por sinal, naquele « speech » ultra-deslocado em tais alturas — a impressão é de que estamos assistindo à ressurreição dum daqueles inesquecíveis relâmpagos de *humour* com que o gênio de Carlito tomou conta do mundo, ao tempo da cena muda.

Não me passa pela cabeça, é claro, a ideia de desconhecer o alto sentido que anima o filme. Mas Carlito, ao executá-lo, esqueceu um requisito essencial a todo satirista; procurando ser, acima de tudo, um ironista, o fabuloso patricio de Mr. Churchill aferrou-se demais à Bíblia, e em vez duma « charge » maravilhosa apresentou-nos com um sermão, como o de qualquer pastor de ofício dominical. Defeito ou qualidade que lhe terá vindo quem sabe, do próprio fundo racial, para estarmos de acordo com a observação de Oliveira Martins, quando lembra que « são subjetivos de mais, os ingleses, e isso é uma qualidade de que o próprio *humour* dá um documento eminente, porque essa forma intencional da ironia atesta a energia de caráter. O *humour* é a ironia do censor. Mas, não há nada tão avesso ao temperamento de artista, como a preocupação moral ».

Isso que o historiador português assinalava a propósito de Hogarth cabe à maravilha em face do último filme de Carlito, que o que tem de grande é justamente quando as preocupações moralistas não atanasam o prodigioso criador de « Luzes da Cidade », quando este se pode entregar de corpo e alma ao boneco que está representando. E' sedição com certeza reparar isto, mas o que « O Grande ditador » revela mais uma vez é o profundo teor caricatural das criações de Carlito, o homem que mais alto chegou na arte de reunir, num tipo, o grotesco e o trágico de todos os homens, reduzidos a manequins articulados pelo destino, nessa arte de « clown », que fustiga os ridículos da espécie, mordendo, embora, na própria carne.

Toda a arte de Carlito é uma arte de pantomima, no que essa tenha de mais puro, a arte do gesto revelador, a expressão mecânica dum estado da alma a que é quase de todo alheia a palavra.



« Tempos Modernos ».

Pura mimica, de que Carlito não se pode libertar, e a que volta, numa hora e outra, magistralmente, mesmo nas cenas de mais vivo diálogo ou de obrigatória locução. Vemos como ele se serve maravilhosamente desse truque, com o maior êxito sempre, naquelas cenas dos discursos de Hinkel, quando a voz vai subindo num crescendo de emoção fanática e de repente não é mais do que uivos, guinchos, engasgos frenéticos, duma comicidade que chega ao auge na hora do ditador virar dentro da blusa a contensora frialdade do copo dagua.

Toda vez que pode retornar ao seu querido meio expressional do cinema mudo, Carlito volta a ser imenso, como naquelas entradas e saídas intempestivas, para posar por três segundos, diante do pintor e do escultor, naquela barba ao compasso da dança húngara nº 5 de Brahms, e acima de tudo no estapendo bailado com a bola do mundo que é no fim de contas uma simples bolha de borracha a lhe estourar na cara.

Não vou, em tudo, com o meu caro Vinicius de Moraes, quando lança o seu credo rigorista do cinema mudo. Entretanto, não há como lhe negar toda a razão diante de momentos como esses, em que o máximo da intenção da obra artística se alcança com o mínimo de efeitos. O Carlito que volta desmemoriado do hospício, onde sonhou vinte anos, com um recomeço de vida, e toca o botão da máquina registradora, para meter o níquel no bolso e guardar na gaveta do dinheiro o pincel de barba, aqueles salamaleques do eterno figurante dos sapatos de bicos divorciados, com a bacorinha que sobe, e desce, em rigorosa isocronia, a correria trágica diante da barbearia, quando para cada lado se esbarra com um novo contingente de policiais brutais, como se fosse balão de borracha de treino de « boxeur », todo esse mecanismo de titere, mostra como é profundo o conceito de Bergson, ao afirmar em « Le rire » que « o comico está no aspecto pelo qual a pessoa se assemelha a uma coisa, esse aspecto dos atos humanos que se parecem, pela sua singular rigidez, com o mecanismo puro e simples, com o automatismo, com o movimento privado de vida ».

Ninguém como Carlito soube usar desse recurso estético. Houve, é certo, o caso de Buster Keaton, com a sua impassibilidade de cara de pau. Mas, o verdadeiro boneco de engonço, o fantoche de alma sofredora e gestos esquemáticos — esse foi sempre o maravilhoso vagabundo da bengalinha girante, da jaquetinha sungada, dos velhos sapatos rotos que são o seu pedestal de glórias.

Até hoje, Charlot se limitara a caricaturar-se a si mesmo, nesse alucinante contrasenso genial de viver na tela uma vida mais verdadeira do que a dos outros dias restantes da vida real. Anjo com todas as letras, dono dum coração maior do que o mundo, derramando a ternura como um rio, eternamente errado nos seus golpes, batido por todas as chufas e mordido por todos os dentes da ingratidão e da mais perversa das incompreensões, o Carlito que trazíamos conosco desde a adolescência não tem nada a ver com o homem de uniforme que vai ao cimo da plataforma de Osterlitch, para aquela falação de igreja presbiteriana. Esse o erro capital do filme, erro de origem, tão grande que só mesmo os puros momentos de genialidade caricatural dos velhos moldes poderiam absolver. Porque, seja como for, e por mais descabida a sátira ao nazismo, nesta hora em que os seus crimes têm enchido de horror e de espanto o mundo, « O Grande Ditador » ficará como a caricatura mais colossal que já se fez, caricatura capaz com certeza de alterar o próprio conceito de Aristoteles, de Kant, de Goethe, do moderno Allain, e doutros adoradores da beleza perfeita, quando estigmatizam a arte da deformação intencional — a ponto de considerá-la, apenas, como esse último, « a vingança dum mau pintor ».

Não fosse a guerra, permitindo ao regime nazista assolar o mundo, e a « charge » de Carlito ficaria valendo como a obra prima do gênero. Lastima que o homem visado por essa « charge » fabulosa tenha adotado outra máscara, capaz apenas de fazer chorar, quando a do criador do « Kid » é a sublimação justamente do riso intencional, do riso da decadência que ele sabe moldar com o mesmo vigor dum Cervantes ou dum Juvenal da fotografia animada.

O verão vai cobri-la de flores





Um sorriso
FASCINANTE

SE OBTEM COM
O USO DA
MAGNIFICA
PASTA
DENTIFRÍCIA
S. S. WHITE

PASTA DE
WHITE
S. S. WHITE

lapajol

E' a arte do detalhe que dá graça e beleza a uma toilette. E haverá minucia mais encantadora que um ramo de flores silvestres, uma rosa quase botão, um irradiante crisantemo, a simplicidade de um galho de rosa chorão ou um grupo de violeta? Traga flores para os seus vestidos e chapéus de verão. Ficará mais moça, mais alegre, mais bonita.

- a) O tailleur de sêda tão em moda neste verão: um grupo de margaridas em cada lapela.
- b) No seu bracelete de cadeias, flores artificiais de gorgurão artisticamente confeccionadas.
- c) Um vestido de crepe: no lugar dos dois bolsos grupos de flores mimosas.
- d) Um turbante para a tarde adornado com tulipas.
- e) Um tailleur toilette, discreto. Como unica nota viva na toilette: um bouquet de flores, cores vivas, sobre um dos bolsos.
- f) Pequenas flores silvestres, em bouquets delicados, ao redor da saia de um vestido toilette.
- g) Canotier de palha com três grupos de flores desde a copa até o fim da aba.

Primeira Emoção



Setim ou tafetá: preguinhas formando lozangos rodeados por delicadas « rouches ».

Dois modelos em organdy com finíssimas prégas.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

GAROTA ainda, acostumada á simplicidade de duas trancinhas atadas em fitas, aos vestidos de algodão, encontra uma emoção profunda, marcante em sua infancia, no longo vestido branco, no véu como nuvem, nas fitas, nas flores, nas rendas. E' a primeira comunhão que vem trazer para a ingenuidade infantil um mundo inédito — o mundo em que as criaturas erram, pecam, e precisam contar ao Senhor os tropeços que deram para receber, num milagre magnifico, a purificação, o perdão. E depois trazer sempre no coração uma sêde de perfeição, de bondade, de piedade.



Organdy com incrustações de setim.

A MAIS BELA MOLDURA PARA UM ROSTO DE MULHER



De fato, além de ser o mais natural, o penteado é o adorno mais agradável que a mulher pode ostentar. Mas para mantê-lo sem empastar os cabelos, protegendo-os desde a raiz e tornando-os sodosos e macios, é necessário usar um óleo puro e cientificamente preparado como o Óleo de Lima, isento de goma e gordura.



L-1A-127

OLEO DE LIMA

FIXA O CABELO SEM EMPASTAR



Organza lisa e organdy trabalhado na mesma cor, em ondas. Véu de tulle.

A esquerda, ao alto — Organdy com flores e debruns de setim. Véu de tulle.

Do centro — Organza lisa com aplicações de organza plissada. Véu de tulle, meia coroa de organza plissada.

Ao lado, no canto — Blusa e saia com « rouches » : tafetá ou setim.

Ao lado — Pregas finissimas encontrando-se graciosamente, mangas amplas, botões forrados. Caze ou organza.



MADAME DU BARRY ERA LOURA?

EDMOND GONCOURT escreveu, com um entusiasmo que revela paixão póstuma indisfarçável, a proposito da favorita de Luiz XV, estes exagerados conceitos laudatórios: "as mais encantadoras seduções da forma, as feições mais delicadas, o porte mais airoso que parecem integrar o tipo ideal da mulher bela do século XVIII" Decerto, Edmond, um grande esteta a que uma refinada cultura artística tornou um dos mais argutos espíritos da França, se deixou impressionar pela fulgurante passagem da grande dama pela corte mais sibarita da Europa, onde pontificava, excelso, o monarca da Casa dos Bourbons.

Goncourt devia ter razão, pois só tais predicados poderiam ter o condão de catequizar o *éternel ennuyé* e dissipar-lhe a crassa hipocondria. Que era bela a outrora demoiselle Beauvartier é fóra de duvida, pois a dar-se credito a uma contemporânea, mme. de Genlis, tinha "um belo rosto, lindos cabelos louros, dentes perfeitos, era encantadora, enfim."

Dotes espirituais sobravam-lhe, tanto que ao ser apresentada à Corte oficialmente, agiu como se estivesse habituada às etiquetas palacianas, aponta um cronista do tempo, cuja perfidia fizera pôr em toda a companhia de aulicos o antegoso de um fracasso... que se não realizou.

De fato, a condessa desapontou a todos com a "nobreza de seu porte e a naturalidade de suas atitudes."

Mas voltemos ao prodigioso estilista Goncourt e recolhamos as gemas coruscantes do seu entusiasmo ante as graças sutis da du Barry: "seus cabelos eram os mais belos, os mais longos, os mais sedosos, os mais louros do mundo e dum louro celestial, como os de um anjo. Em contraste ameno, os seus cílios, longos e recurvados eram castanhos e deitavam uma sombra mística sobre os admiráveis olhos azues..."

AVISO AOS CATOLICOS

Encontram-se nas trezentas páginas da preciosa edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 além de utilíssimos calendários, assuntos de interesse dos católicos, como: « Os animais na vida dos Santos e os Santos na vida dos animais » — « São Francisco de Assis, segundo um quadro pouco conhecido » — « A virgem da árvore » — « A cerimonia do fogo no sepulcro de Cristo » — « A Trappa e os trapistas » — « As festas religiosas do ano » — « Os dias santificados » etc. — e muitas outras informações oferecem ao mundo católico leitura útil e divertida.

O ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 está á venda em toda parte, ao preço de oito cruzeiros. Pedidos á Redação: Maranguape, 15 — RIO, pelo Correio, mediante vale postal ou pelo sistema de reembolso.

A. CASEMIRO DA SILVA

Contudo, ha documentos que afirmam ter a condessa possuido cabelos castanhos, tão claros que pareciam louros. Mas, seu biografo mais autorizado, Vatél, opina pela primeira hipotese. Ouçamo-lo:

"A Madame du Barry era loura, não desse tom esmaecido das nórdicas, mas dessa



MADAME DU BARRY

nuance quente e quasi dourada, que refule ao sól, como têm as filhas do Meio-Dia de França. A superabundancia luxuriante da sua cabeleira realçava de muito a sua beleza, quer a arranjasse à moda espetacular de 1769, quer a deixasse solta, em revolta profusão às costas, como em 1789"

Madame Vigée Le Brun, que se avisitou com a favorita de Luiz XIV quando já entrava pelos quarenta anos, declara, nos

seus *Souvenirs* que "era alta e forte, mas ainda muito bela, de braços regulares e de cabelos castanhos claros, anelados como os de uma criança". E como esta testemunha, que lhe foi contemporânea, outras ainda, ha que opinam pelos cabelos castanhos.

Antagonizam-se, assim, as opiniões dos coévos quanto à verdadeira cor dos famosos cabelos e seus biografos mais conceituados jamais chegaram a um acordo nesse ponto.

No entanto, o irreverente Cabanés, cuja inclinação para a "roupa suja" da Historia é bem conhecida, garante o tom louro a tão excelsas capilaridades... E invoca, como prova inconcussa de sua crença, o passaporte da du Barry que ele foi desencavar Deus sabe onde.

O curioso documento é da Republica e reza o seguinte: *Laissez passer la citoyenne Devauberghier Dubarri, Française, domiciliée à Louveciennes, etc.*

Agé de quarante ans.

Taille de cinq pieds un pouce

Cheveux blond (sic)

Sourcil chatain

Yeux bleux (sic)

etc., etc.

Aqui está a prova irretorquível de que a amante do rei de França era loura, diz Cabanés. E aqui está também a prova irretorquível de que o sentimentalismo humano pode induzir espíritos de estetas e pesquisadores historicos a bisantinismos inócuos como este.

Um sentimentalismo tão intensamente entranhado no subconsciente das massas intelectuais fez com que um grande poeta da Inglaterra, ao lhe ser apresentado um anél dos famosos cabelos preservado por um emérito colecionador, derramasse, genufléxo, ante a preciosa reliquia, copiosas lágrimas de emoção...

ASSUNTOS DO CAMPO

Como mungir as vacas: a ordenha deve ser precedida de minuciosos cuidados; é preciso tirar o leite como os bezerros mamam; o melhor método para conseguir a maior quantidade de leite, com o máximo de qualidade.

O que é preciso saber para criar novas rosas; resultados aleatórios para os cruzamentos naturais; a ação racional do homem, contra a inconciente dos ventos e dos insetos; escolher exemplares determinados.

Insetos que curam; o milagre das abelhas; o tratamento pelas picadas das abelhas; curativos de larvas

Estes e outros assuntos de interesse geral no ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943. 300 páginas de leitura útil e agradável, por Cr. \$ 8,00.

A' venda em toda parte. Atende-se pelo Correio, mediante vale postal ou pelo sistema de reembolso. Redação: Maranguape, 15 — RIO.

Coragem!

FORÇA-VIGOR-ENERGIA
ALEGRIA DE VIVER!
É O TONICO DE TODOS
DYNAMOGENOL
É um produto do Laboratório Sian



C

R

I

A

N

Ç

A

S



O MOINHO MALDITO

CONTO DE CLAUDIE JÉROME

EM certa aldeia existiam vários moinhos, mas o mais bonito e o melhor construído era o do tio Pascoal. De asas nem muito grandes nem muito pequenas, tinha excelentes mós.

O tio Pascoal era um belíssimo moleiro que trabalhava afincadamente; não perdia a mais leve brisa que se levantasse para a aproveitar bem aproveitadinha. Assim, do moinho aos mais afastados casais, os burros só tinham uma caminhada a fazer.

O moleiro tinha uma filha, esperta e bonita, mas que lhe dava grande cuidado pelo caráter duro e mau. Chamava-se Manuela.

A pequena sofria o desgosto de não ter amigos, e isso devido ao seu instinto de ferir e trocar sem dó de todos os que dela se aproximavam.

Assim, isolado na sua má índole, o coração de Manuela nunca podia experimentar sentimento algum de bondade.

O tio Pascoal apouquentava-se, tentanto por várias vezes e baldadamente enternecer a filha; depois, renunciando a metê-la a bom caminho, voltava aos seus negócios de farinha mais penalizado do que nunca.

Ora, um dia, enquanto Manuela confeccionava um cesto, avistou um homem que, vagarosamente, trepava a encosta cheia de sol.

Estava calor, e foi cansado e transpirando que o viajante chegou junto de Manuela, a quem disse:

— Fiz uma longa caminhada e suplico-lhe que me dê uma sêde de água.

— Não tenho água para vagabundos — respondeu Manuela com aspereza.

— Máu coração merece mau destino! — murmurou o caminheiro, continuando o seu rumo.

Quando ele se afastou, Manuela notou que tinham acorrido corvos em massa que giravam em volta dele e, nesse momento, levantou-se um grande pé de vento, tão brusco, que uma das asas do moinho se rasgou de alto a baixo.

Este desastre indispsôs bastante o tio Pascoal que, à tarde, quando a filha lhe pediu um escudo para ir comprar um laço azul, lhe respondeu não ter dinheiro para lhe dar e que se contentasse com o que tinha.

Manuela, toda desgostosa, viu as outras aldeãs trazem cousas novas e ela ter ficado com as mãos a abanar. Sete dias decorridos, Manuela estava à janela, a regar as flores, quando viu passar um velho pobre e arrastando os pés.

— Pode dar-me uma mão-cheia de farinha? — perguntou.

— A farinha não é para mendigos! — replicou a pequena.

— Máu coração merece mau castigo! — murmurou o velho afastando-se.

Quando desapareceu no horizonte, Manuela avistou um enorme bando de gralhas que volitavam por cima dele, ao mesmo tempo que uma negra e ameaçadora nuvem surgia de oeste. Daí a pouco, uma verdadeira rajada de granizo caiu sobre o moinho, fazendo estremecer as paredes e abalando o telhado.

A infeliz Manuela, desfeita em lágrimas, meteu-se no quarto, com o coração oprimido à idéia das privações que dora em diante haveria de passar.

Decorridos outros sete dias, ao anoitecer, quando Manuela acabava de pôr a secar o feno, foi chamada por um rapaz que parecia exausto e que pedia abrigo por uma noite, no moinho.

— O nosso teto não foi construído para abrigar os que não o têm! — indignou-se a rapariguinha.

— Máu coração merece mau destino! — respondeu o adolescente, desaparecendo na sombra, enquanto xofrangos sulcavam o ar por cima dele.

Não ia ainda muito longe quando, num trovão terrível, uma farsca derrubou a terceira asa do moinho.

Consternada, Manuela correu para a cozinha, onde encontrou o pai todo desesperado.

— Minha pobre Manuela, que vai ser de nós, pois a sorte nos é adversa? Temos forçosamente que abandonar os restos do moinho e sair da aldeia. Vamos procurar viver noutra parte.

Manuela, com a morte na alma, viu-se calcuriando a estrada e com sêde; e teve enorme pesar por haver recusado o púcaro de água ao caminheiro.

Então, quando se deixava levar pelo remorso, ouviu fóra pequenas e repetidas pancadas; assomou à janela e distinguiu três sombras que andavam de um lado para o outro, às escuras, trepando do chão ao moinho.

Pareceu-lhe também que, nas trevas, uma segunda asa se levantava ao lado da única asa que restava havia alguns horas.

De fato, misteriosos e hábeis operários reparavam em segredo o moinho.

Toda a noite, ansiosa, Manuela lhes vigiou os esforços. Ao alvorecer não pôde duvidar da realidade: os primeiros raios da manhã azulavam as quatro asas substituídas e, às primeiras luzes, principiavam a mover-se suavemente.

Contentíssima, Manuela preparava-se para anunciar o prodígio ao pai, quando viu, muito ao longe, na estrada, as três sombras, que logo reconheceu como sendo as do caminheiro, do velho e do rapaz, que partiam, cumpridas a tarefa.

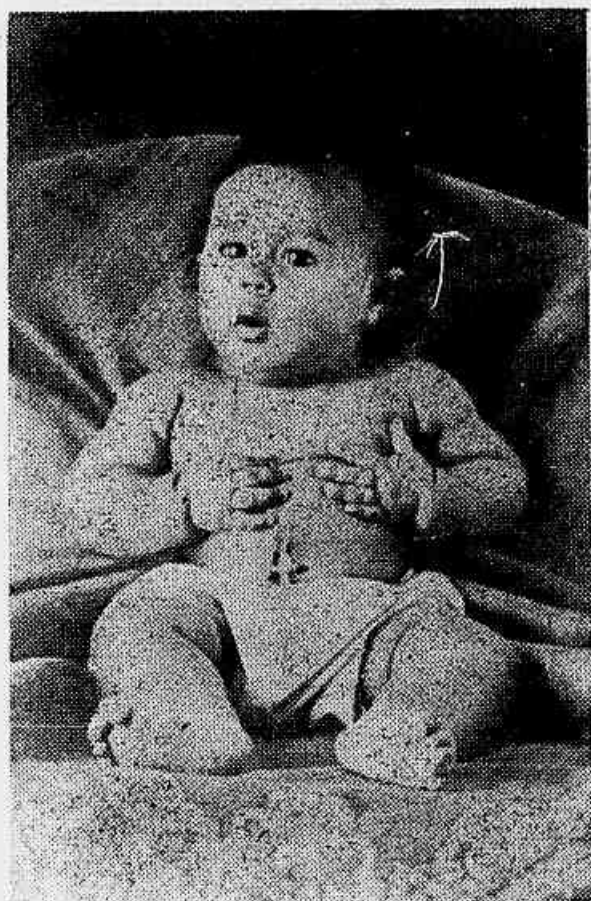
Antes de desaparecerem, voltavam-se. Então Manuela, estendendo-lhes os braços, desatou a gritar com toda a força dos seus pulmões.

— Bom destino, bom coração!

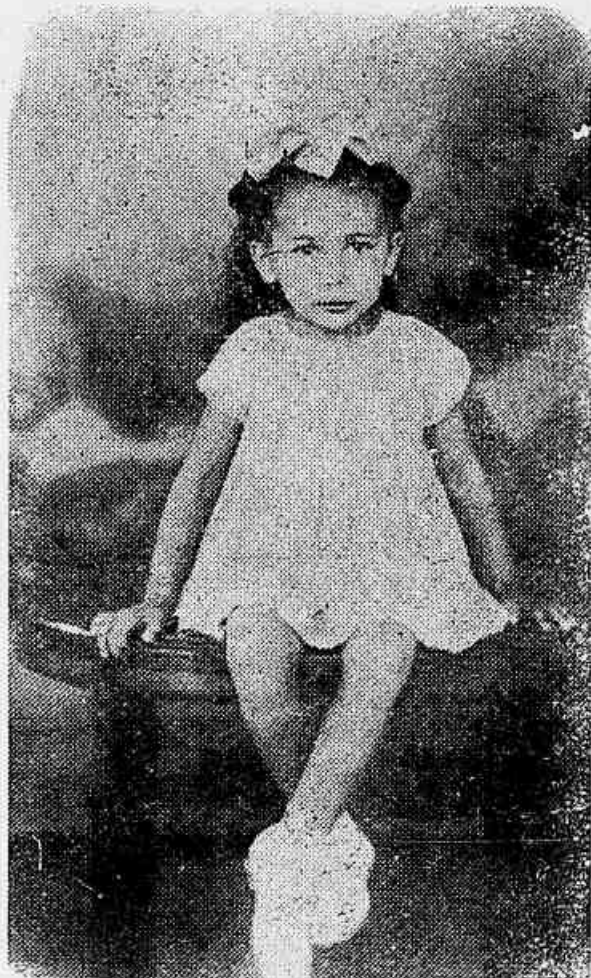
E, efetivamente, desde esse dia, Manuela, antes tão má, passou a ser a caridade personificada, com grande admiração de todos.



MARILIA, filha do casal Mario de Aguiar Schiavo - Almerinda de Oliveira Schiavo.



JOSE' ANTONIO, robusto filhinho do sub-oficial da armada José Antonio Bandeira e d. Irene Bandeira.



DEBORA, com 3 anos, graciosa filhinha do sr. Joaquim André Rodrigues e d. Narcisa da Silva Rodrigues.



EUNICE, com 1 ano, interessante filhinha do sr. Joaquim André Rodrigues e d. Narcisa da Silva Rodrigues.



DIVA, filha do sr. Israel Cunha e d. Noemia Cunha. (D. Federal).



ARTHUR, filho do sr. Arthur Fernandes e d. Amelia Fernandes, no dia de seu aniversário.



MARIA THERZINHA, filha do sr. Isauo Luz e d. Nemesia Queiroz Luz, com 11 meses de idade.



FERREIRINHA, filho do sr. João Ferreira e d. Vitoria Ferreira. (Distrito Federal).

SORVETES E SUNDAES

SORVETE DE LIMÃO — 5 limões sicilianos e uma laranja, 650 grs. de açúcar. Faça uma calda com o açúcar, 1 litro de água, deixando-a ferver com a casca dos limões e da laranja. Deixe esfriar, misture o caldo da laranja e dos limões, cõe e despeje no cilindro da geladeira, feche com a tampa e movimente a manivela em sentido giratório até que o líquido se transforme numa massa e alcance o ponto de sorvete.

SORVETE DE CAJÚ — Esprema uma boa porção de cajús maduros e misture o líquido obtido na seguinte proporção: 1 copo de caldo para 3 de água e o caldo de 1 limão maduro. Açúcar á vontade. Cõe num pano fino e leve a congelar imediatamente. Se demorar muito a calda escurece.

SORVETE DE ABACATES — Faça um creme com 6 ou mais abacates. Ferva 1 litro de leite com bastante açúcar e 1 fava de baunilha; se preferir o perfume de marrasquino misture 1 calice dêsse licor ao creme. Deixe esfriar, passe por 1 passador, junte o creme de abacates e congele.

SORVETE DE MANGAS — Escolha algumas mangas bem maduras e perfeitas, descasque-as, tire os caroços e esmigalhe misturando á massa uma boa porção de açúcar refinado de 1.ª; cõe por 1 pano fino e para cada copo de água junte 2 de caldo. Experimente se está bem doce, junte mais açúcar e leve a congelar.

SORVETE DE LARANJAS — 1 litro de caldo de laranjas, ½ litro de água e açúcar á vontade (umas 500 grs.), faça a calda e quando fria misture o caldo das laranjas, cõe através de 1 pano fino e congele.

SORVETE DE CREME — 8 gemas, 2 claras, 650 grs. de açúcar, leite o que bastar. Bata as claras em neve, junte as gemas e continue a bater e a misturar o açúcar; depois vá juntando o leite devagar, o bastante para dar 2 litros. Leve ao fogo e deixe engrossar, sempre mexendo. Retire do fogo, passe por 1 peneira fina, perfume com o aroma que preferir e estando frio leve a congelar.

CREME RUSSO — Faça o creme comum, seguindo uma receita comum de creme e depois de passá-lo na peneira misture castanhas e nozes bem trituradas. No mais proceda como indicam as receitas de sorvetes de creme.

SORVETE DE CASTANHAS — Leite para 2 litros, 650 grs. de açúcar refinado, 12 gemas, 2 claras, casca de ½ limão, 250 grs. de castanhas assadas na brasa. Faça o creme na forma já indicada na receita de sorvete de creme, juntandolhe no fogo a casca de limão. Asse as castanhas, descasque, amasse e misture ao creme ainda quente. Passe por uma peneira fina e no mais proceda como nas receitas anteriores.

SORVETE DE CHOCOLATE — Faz-se da mesma forma que o sorvete de creme, adicionando-se 5 colheres bem cheias de chocolate em pó.

SUNDAE COPACABANA — 3 copos de

PARA AS TARDES QUENTES, QUANDO AS CHAVE-

NAS DE CHÁ DESAPARECEM DANDO LUGAR AOS

COPOS ALTOS DE REFRESCOS E ÀS TAÇAS DE SOR-

VETES, FRAPPÉS, SUNDAES. AS SUGESTÕES QUE APRE-

SENTAMOS NESTA PÁGINA SÃO UTILÍSSIMAS. USE

MAIS SUA GELADEIRA TOMANDO, EM CASA, SEU

SORVETE PREFERIDO.

leite, 9 colheres de sopa de açúcar, 1 colher de sopa de farinha de trigo, 3 ovos, 1 colher de chá de baunilha. Bate-se as gemas com a metade do açúcar e a farinha até fazer uma pasta. Junta-se o leite e leva-se ao fogo mexendo sempre até engrossar. Tira-se do fogo e deixa-se esfriar. Bate-se as claras em neve, junta-se o resto do açúcar e a baunilha, botando por último o creme que já deve estar frio. Serve-se este sorvete com a seguinte calda:

150 grs. de nozes picadas, 1 chicara de água, 2 chicharas de açúcar, ½ chicara de chocolate em pó, 2 colheres de baunilha, 1 pitada de sal. Leva-se o chocolate ao fogo, com a água, até engrossar, deixa-se esfriar, põe-se o açúcar, a baunilha e o sal. Deixa-se ferver 5 minutos. Retirado do fogo, junta-se as nozes.

SORVETE NEW-YORK — 2 copos de leite, 3 ovos, 200 grs. de creme fresco, 1 colher de sopa de farinha de trigo;

6 colheres de sopa de açúcar, 1 colher de café de essência de baunilha. Bate-se as gemas com a metade do açúcar e a farinha de trigo. Adiciona-se aos poucos o leite e leva-se ao fogo mexendo sempre até engrossar. Retira-se do fogo, e deixa-se esfriar. Bate-se as claras em neve, junta-se o restante do açúcar, em seguida o creme que já deve estar frio e o creme fresco. Mexe-se bem e leva-se ao refrigerador.

CALDA DE ABACAXI PARA SERVIR COM ESTE SORVETE — 1 chicara de água, 2 chicharas de açúcar, 1 abacaxi picado. Leva-se a água, o açúcar e o abacaxi ao fogo, deixa-se ferver até engrossar, retira-se do fogo e deixa-se esfriar. Depois vai ao refrigerador.

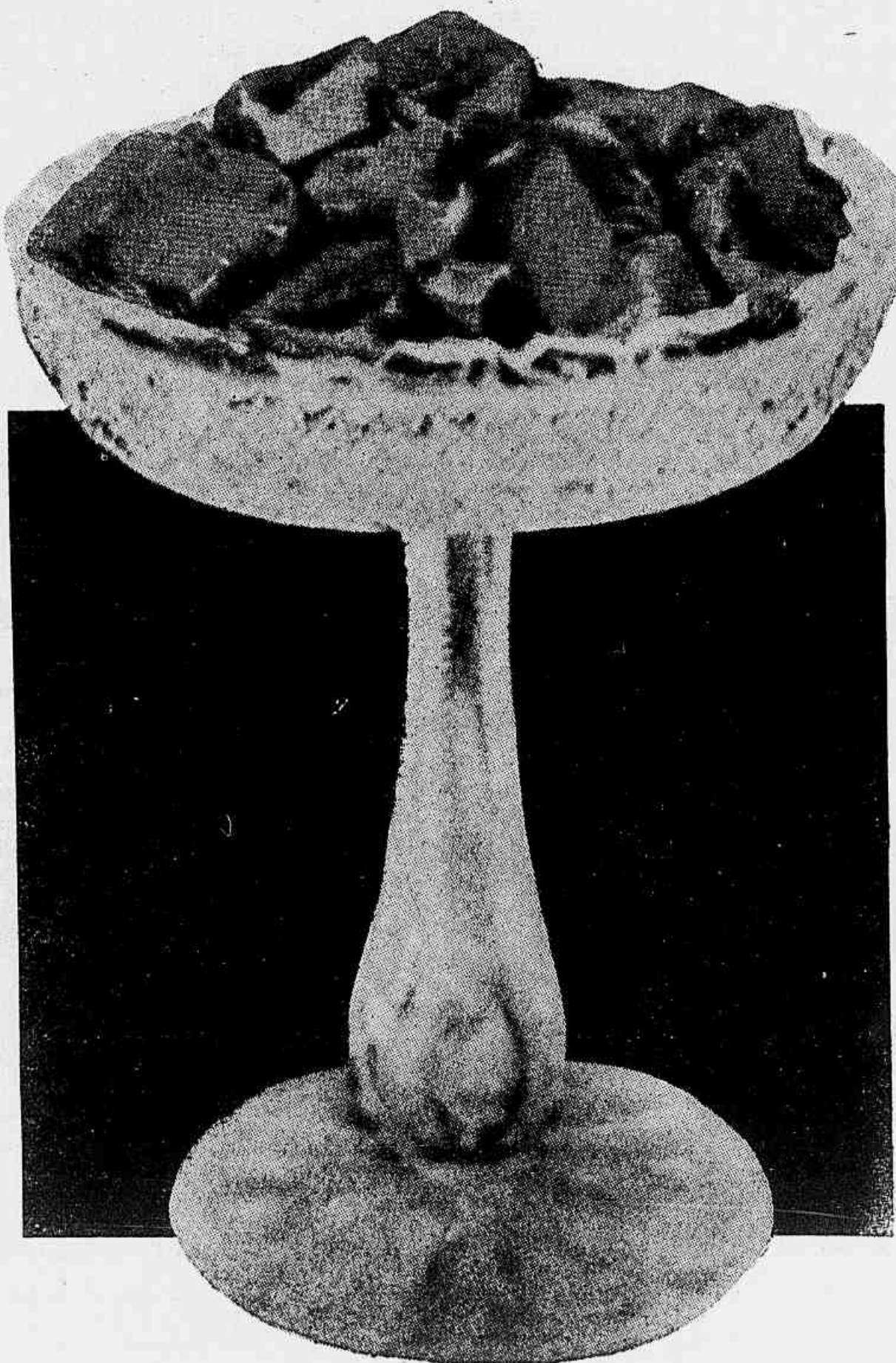
SORVETE DE QUEIJO — 3 ovos, 3 copos de leite, 9 colheres de sopa de açúcar, 1 colher de sopa de farinha de trigo, 1 colher de café de essência de baunilha, 150 grs. de queijo de Minas ralado. Bate-se as gemas com a metade do açúcar e a farinha de trigo até fazer uma pasta, adiciona-se leite aos poucos, leva-se ao fogo mexendo sempre até engrossar, retira-se do fogo e deixa-se esfriar; bate-se as claras em neve, junta-se o restante do açúcar, adiciona-se o queijo ralado, junta-se por último ao creme e leva-se ao refrigerador.

CALDA PARA O SORVETE DE QUEIJO — 2 chicharas (chá) de açúcar, 1 chicara (chá) de água; 1 folha de gelatina vermelha. Leva-se o açúcar ao fogo, mexendo-se sempre até ficar moreno. Junta-se a água e deixa-se ferver até desmanchar o açúcar; em seguida a gelatina, dissolvida em meia chicara de água, deixa-se ferver mais um pouco até engrossar, retira-se do fogo e deixa-se esfriar.

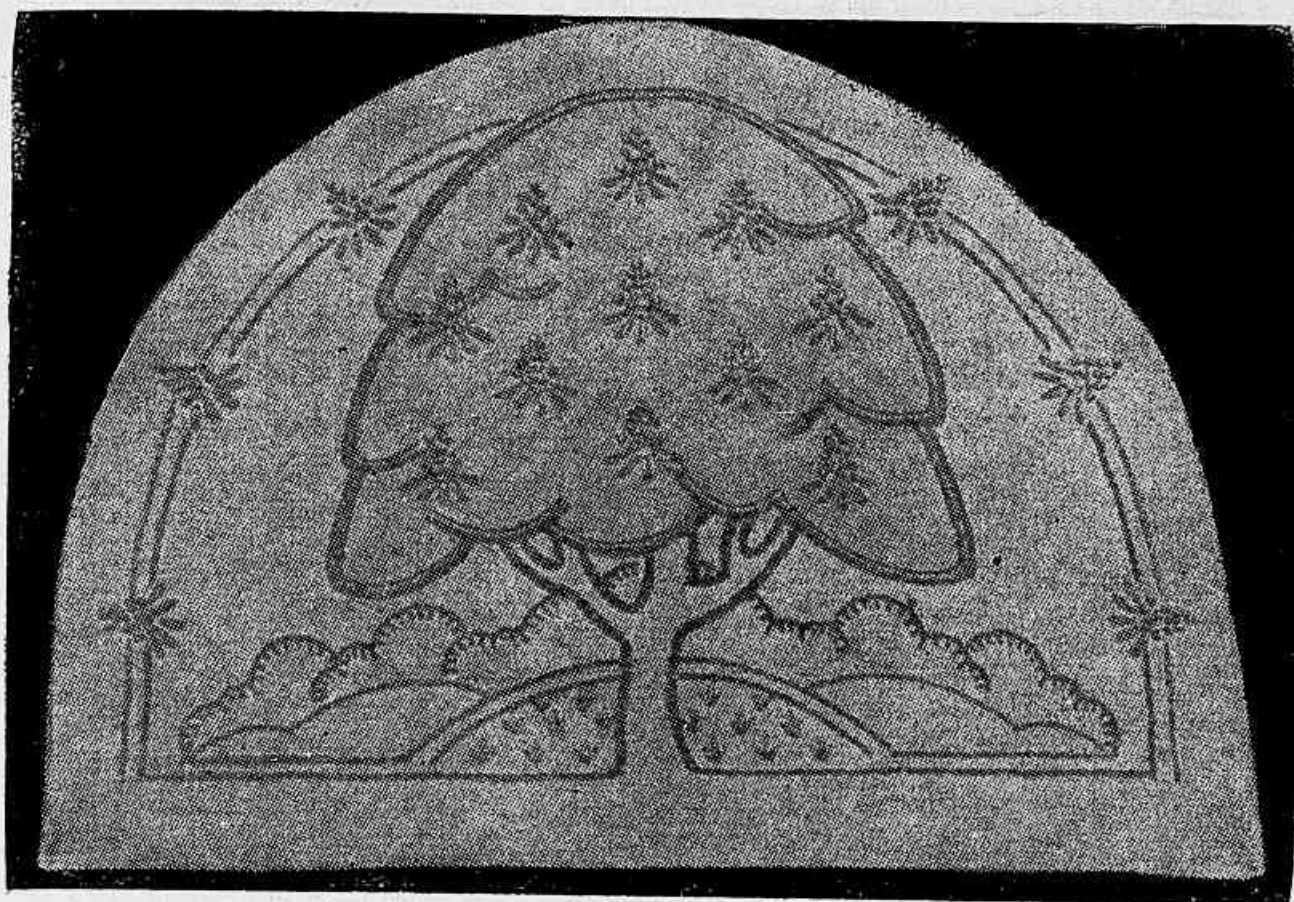
SORVETE GRAN-FINO — 1 lata de leite condensado (250 gramas), 1 chicara de água, 250 gramas de creme fresco, 1 colher de essência de baunilha. Leva-se o leite com a água ao fogo durante 5 minutos para desmanchar. Tira-se do fogo e deixa-se esfriar, bate-se o creme ligeiramente e junta-se à primeira mistura, coloca-se na fôrma e leva-se ao refrigerador. Servir o sorvete com a calda de chocolate: 1 chicara de chocolate, 1 chicara de água, 1 e ½ chicharas de açúcar, 1 colher de baunilha. Leva-se o chocolate ao fogo com água até engrossar, junta-se o açúcar e a baunilha-deixa-se ferver mais 5 minutos. Retira-se do fogo e deixa-se esfriar.

SORVETE DE LARANJA COM CALDA — 1 chicara de água, 2 chicharas de açúcar, 2 chicharas e ½ de caldo de laranja, 1 folha de gelatina branca. Leva-se a água ao fogo, junta-se o açúcar até ficar uma calda grossa; junta-se o caldo de laranja com a gelatina e deixa-se esfriar.

SORVETE PISTACHE — Como o sorvete de creme apenas juntando umas gotas de essência de amendoa e 100 grs. de pistache. Se quizer o sorvete verde ponha anilina breton verde (½ colher de chá).



A HORA DO CHÁ

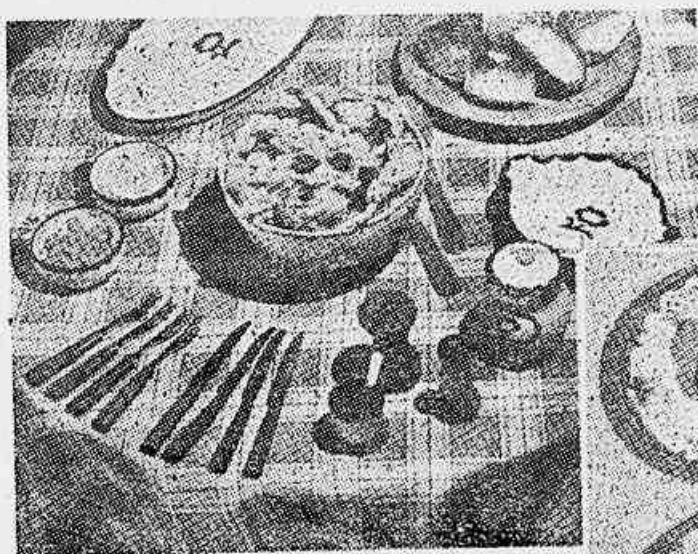
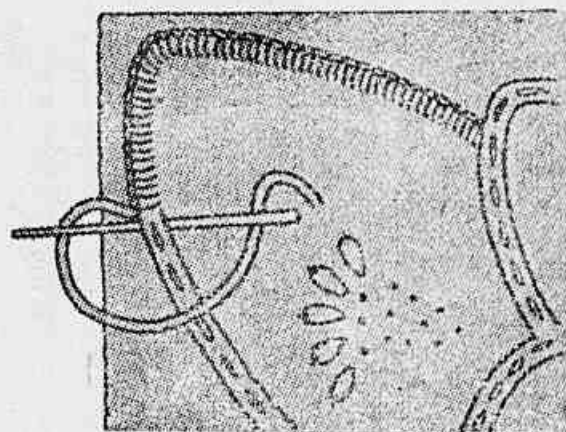
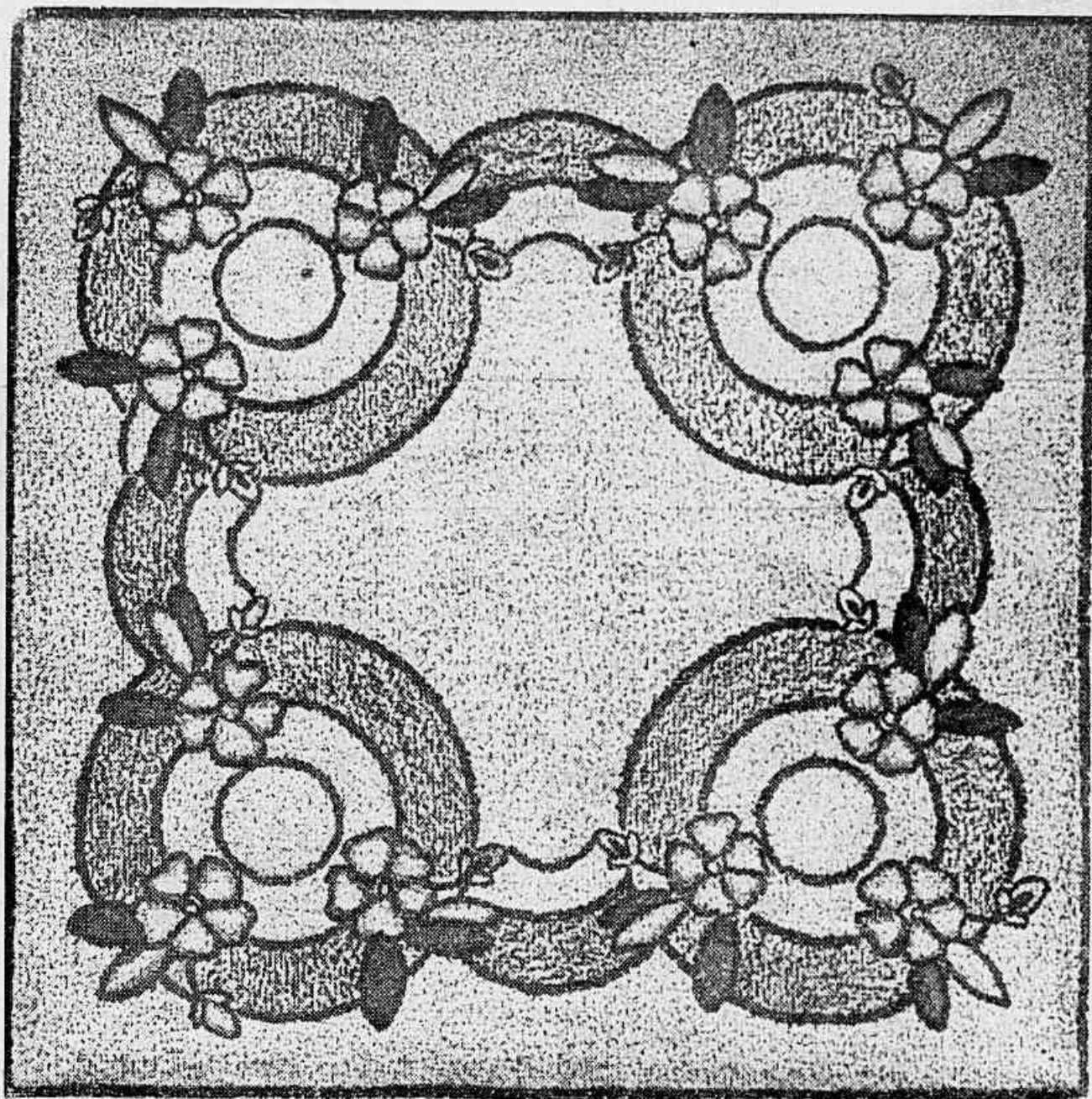


Um dos instantes mais agradáveis de toda a semana.

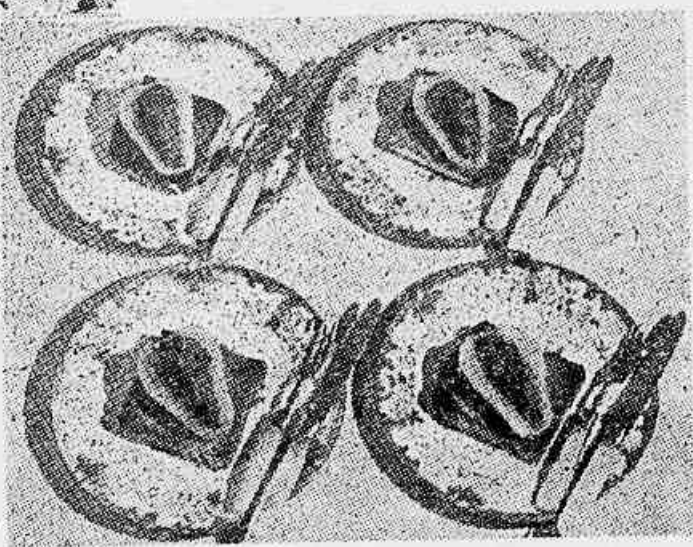
A dona de casa feliz tem ocasião de reunir as amigas e enquanto se saboreia uma taça de chá, um salgadinho, quantos assuntos, quantas novidades!

Você, no lugar da dona de casa, procuraria ter sua mesa bem cuidada. É a hora de mostrar os encantos de sua casa, dos seus trabalhos. Por isso mesmo, duas sugestões: uma capa para o bule de chá. Feita em linho bege para marron. O desenho, recortado em linho colorido de acordo, é aplicado com delicado caseado conforme mostra a ampliação. O bordado da árvore e da moldura são feitos a mão.

A outra: uma toalha de chá em linho bege. Os círculos são recortados em linho marron, enviezado, e aplicados com caseado a mão. Os bordados em cores bem vivas, feitos a mão.



PRATOS E SOBREMESAS DE CERIMONIA



ALCACHOFRAS RECHEADAS — Seis alcachofras graúdas. Cortam-se-lhes os cabos e as pontinhas, deixando as alcachofras dentro da água para tirar-lhes o amargo.

Recheio: — Com os cabinhos que foram tirados das alcachofras faça o seguinte: descasque esses cabos, corte-os em rodelinhas finas e junte-os ao pão ralado que já foi passado na máquina de moer carnes.

Junta-se queijo parmeão, o pão ralado, cheiro verde (salsa, mangerico, cebolinha, tudo picadinho, alho esmagado, pimenta do reino e salsa).

Com esse recheio prepara-se as alcachofras, pondo o recheio entre as folhas que já foram polvilhadas com sal.

Coloca-se as alcachofras já preparadas numa panela, bem arrumadinhas, regando-se com bastante azeite português ou outro qualquer de oliva.

Deixa-se ficar no fogo tendo o cuidado de não queimar. Quando estiverem bem fritas, junta-se água até um dedo de altura. Se cobrir até em cima o recheio sairá. Não deixar secar, juntando-se aos poucos a água. Experimentar uma folha para saber se está cozida.

—)(—

FRICASSÉ DE GALINHA — Toma-se uma galinha limpa e cortada em pedaços. Prepara-se o seguinte molho: deitam-se numa panela

2 colheres de manteiga, depois de derretida, juntam-se 2 colheres de farinha de trigo, mexe-se bem e juntam-se 2 a 4 copos de água quente e sal á vontade. Mexe-se até que esse molho fique bem ligado. Deixa-se então cozinhar a galinha nesse molho em fogo brando, acrescentando-se cebolinhas inteiras e pikles. Quando a galinha estiver cozida tira-se do fogo e coloca-se numa travessa sem o molho. Desmancha-se 2 gemas de ovos n'uma tigela com um pouco de mólho e liga-se este ao resto que está na panela e põe-se um pouco no fogo, sem deixar ferver. Deita-se esse mólho sobre a galinha e fatias de pão torrado.

—)(—

ARROZ Á VALENCIANA — Levar ao fogo uma panela com bastante azeite e ir fritando nesse azeite, pedaços de porco, uma xícara mal cheia de ervilhas, ½ xícara de feijão verde, 2 xícaras de marisco; lavar os mariscos, pô-los a ferver, depois de 10 minutos de fervura, eles se abrem e aí retirar com uma faca os mariscos da casca, (coar esta água e guardá-la), 2 pimentões em pedaços, cebolas em rodelas, mexer, deixando que todos os ingredientes se frite e só colocar um quando o outro já estiver dourado. Juntar 2 xícaras de arroz, refogar bem e colocar a água dos mariscos até o ponto necessário e o sal.

Quando estiver quasi pronto, juntar uma colher de café, de açafrão e duas colheres de sopa de pimentão em pó.

Não mexer o arroz. Sacudir a panela às vezes.

—)(—

OMELETE FLAMEJANTE — Bata os ovos com açúcar: 1 colher de sobremesa rasa, para cada ovo. Junte frutas picadas: peras e maçãs ou fruta cristalizadas com amendoa e nozes. Frite como se fosse omelete, em manteiga. Coloque em pratinhos individuais — derrame um pouco de rum, risque um fosforo e sirva flamejante.

—)(—

FATIAS DE LARANJA — De cada laranja, bem descascada sem a pele, aproveite uma unica fatia de 1 cm. e meio de altura, cortada no centro da laranja. Faça ao redor uma moldura de côco ralado, bem fino. Ao redor do côco, nozes, amendoas e avelãs, em pedacinhos. Sobre a fatia de laranja um figo seco, cortado ao meio, com passas dentro. Ao lado do figo, uma colher de creme de chantilly.



Vestidos para Verão

A) — Cambraia ligeira, blusa em *raglan* saia em pregas. Na gola e mangas grupo de pregas.

B) — *Dobraline* lisa com aplicações de *laisé* no bolso e na saia em falsas pregas.

C) — *Quadrillé* americano e fustão liso nas mangas, gola e nas abas da saia.

D) — Interessante modelo em linho: saia traspassada no pano da frente; adornando o decote abas de linho engomado.

E) — Vestido juvenil para a tarde em seda leve estampada, com *plissés* delicados.

VEIAS
DAS
PERNAS

As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegância das pernas e predispoem a infecções (erisipela), úlcera, eczemas, edemas (inchaço) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo próprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26 - 1.º — De 10 às 12 e 15 às 19 horas



A) Setim lingerie. O corpinho bordado e unido á combinação com ponto Paris.

B) Setim lingerie. O soutien e o babado da barra são feitos em gaze. Os bicos com ponto de sombra.

C) Crepe lingerie com entremeios de renda valencienne.

D) Setim em crepe lingerie. Ponto turco acompanhando o corte especial da combinação.

E) Crepe lingerie. O corpinho em gaze ou tulle, pregado com delicadissimo caseado feito com agulha finissima e linha de seda. Crepe preto e tulle azul em rosa pastel.

Consolidação das Leis do Trabalho e da Previdencia Social

Obra de extraordinario valor, de grande oportunidade, a "Consolidação" veio prestar serviço inestimavel a quantos lidam com a legislação trabalhista em nosso país.

Em dois volumes estão condensadas todas as leis do trabalho, no Brasil; é realmente um plano sistemático perfeito.

Notas e observações de M. Cavalcanti de Carvalho, autor de "Direito, Justiça e Processo do Trabalho", "Direito Sindical e Corporativo", "Evolução do Estado Brasileiro" etc.

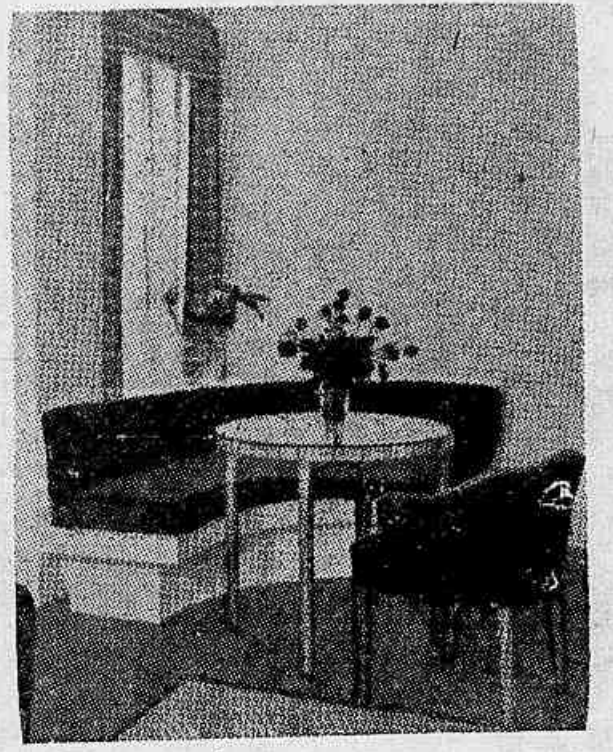
Preço dos dois volumes, 70\$000.

À venda em todas as livrarias do Brasil.

Pedidos à **Cia. Editora Americana S/A.**
Rua Maranguape, 15 — Rio, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio.

LINGERIE

Apresentamos nestas páginas algumas sugestões para trabalhos em lingerie. A simplicidade de linhas é a nota predominante nestes modelos, que oferecemos às nossas leitoras na certeza de que serão aproveitados com vantagem.



Um jardim arranjado no terraço ou mesmo numa varanda coberta.

Um lindo dormitório para moinha.

Um canto difícil de apresentar e que se transforma de repente numa agradável saleta.

Uma decoração original para uma sala de estar.

Tudo isso é fácil de adquirir aspecto alegre e confortável, com móveis claros, jarros vistosos, flores, alguns quadros.

A imaginação e o bom gosto podem conseguir maravilhas no arranjo da casa, como é fácil de ver do conjunto desta página.

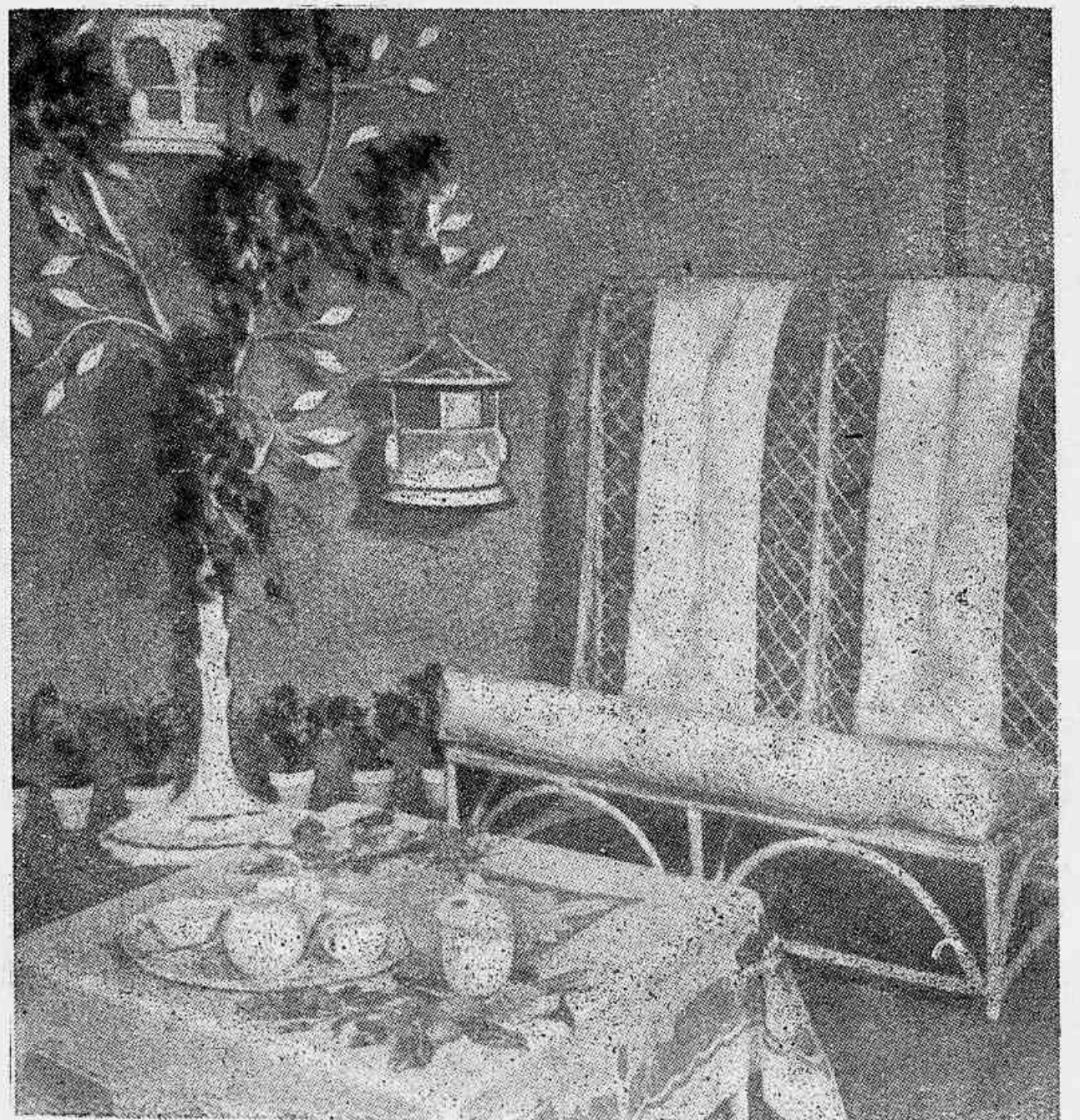
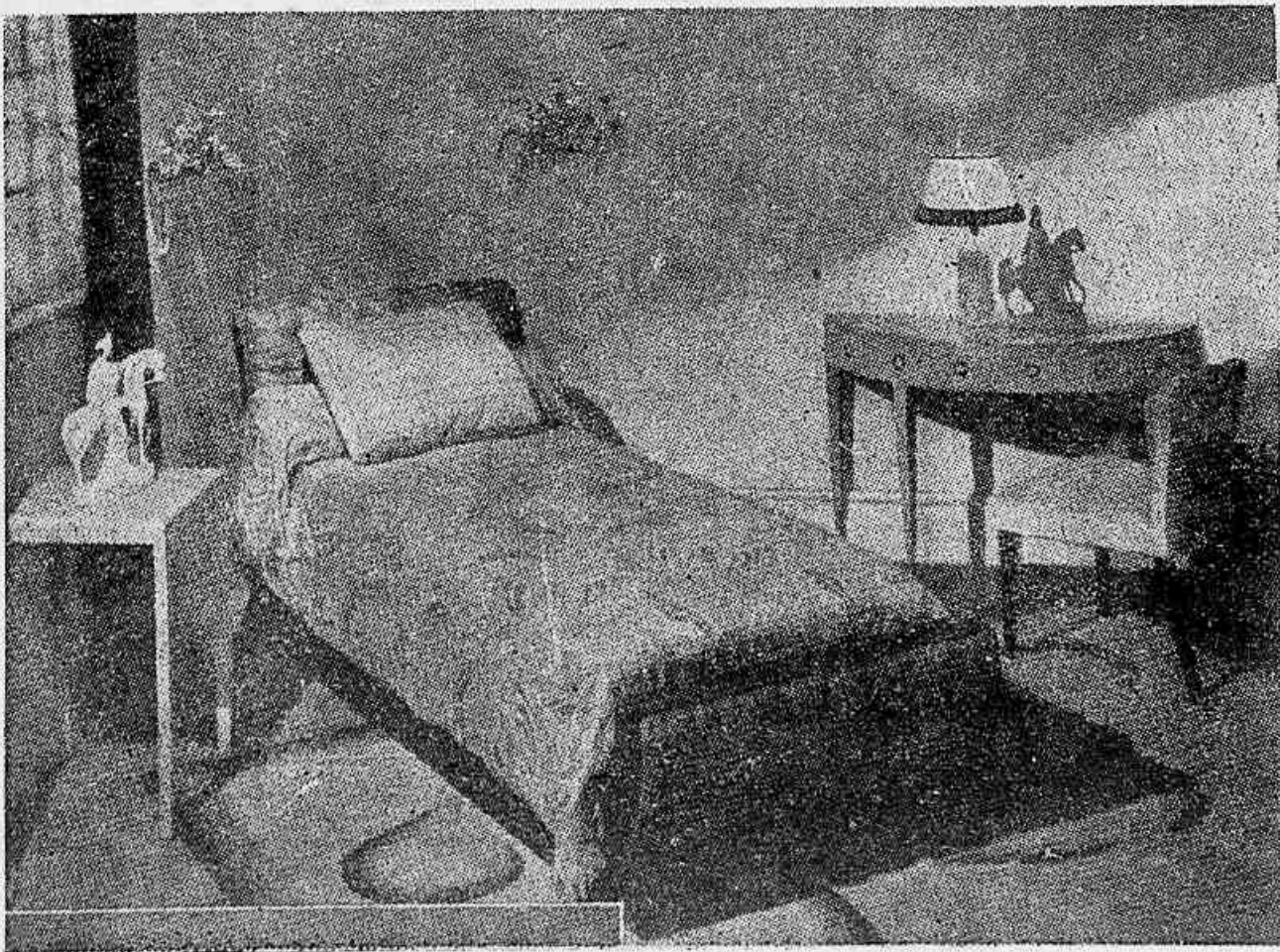
MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Móveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente seção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

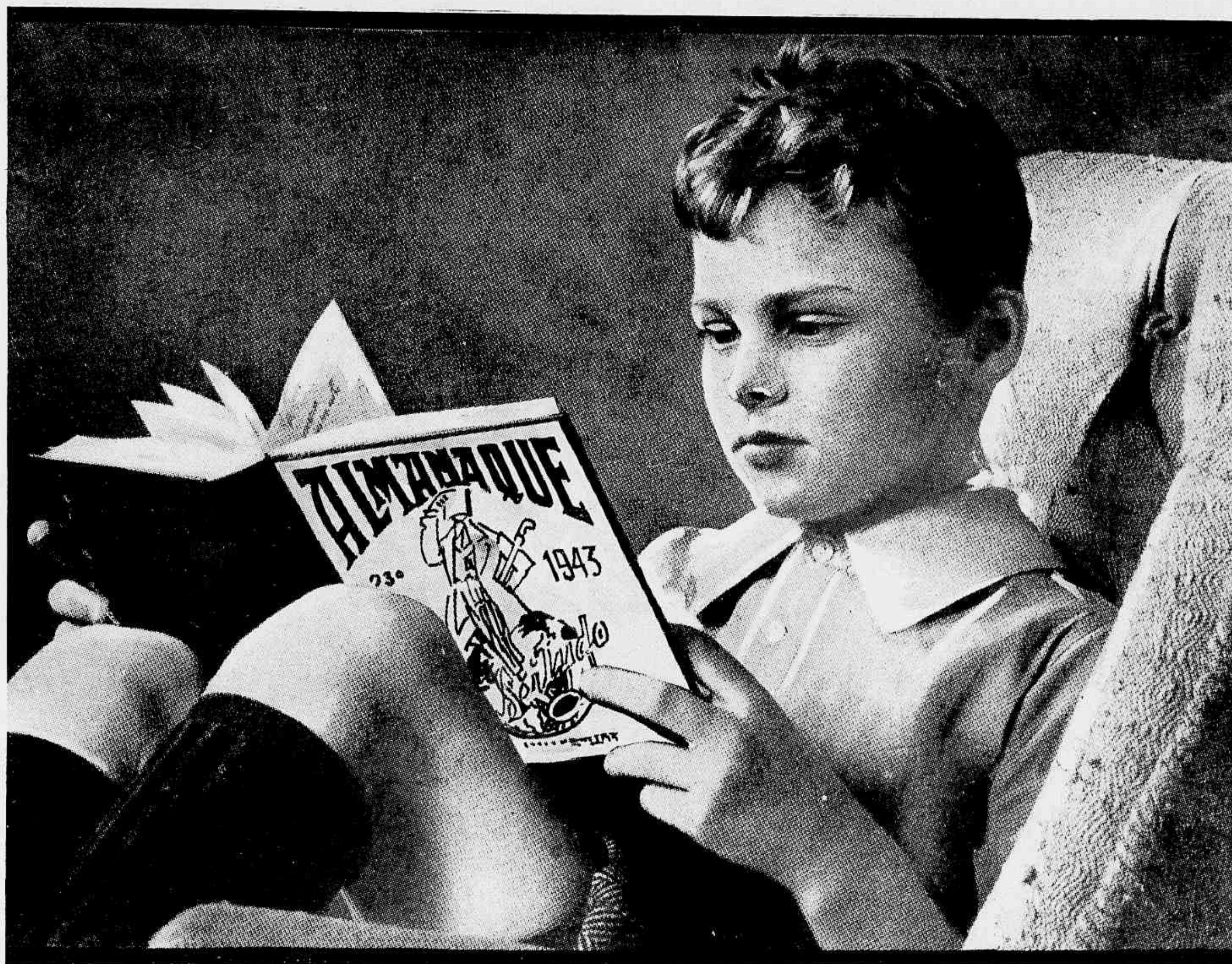
Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

O Lar



ALMANAQUE EU SEI TUDO

O livro dos Mil Assuntos



Para adultos e crianças, o ALMANAQUE apresenta varias sortes de cartas, jogos de paciência, sombrinhas chinesas, passatempos vários e interessantíssimos.

Entre outros assuntos, merecem citação os seguintes: *A falsificação dos selos postais, Proverbios de todos os povos, Palavras estrangeiras de emprego frequente, As mulheres na vida de Balzac, Quando os soberanos abdicam, Creações artisticas de ha 3.000 anos, Começos dificeis de homens célebres, Quadro comparativo dos termometros, Os rémedios caseiros, "Carlos Magno e o abade de St. Gall, e inumeráveis outros.*

Os assuntos brasileiros são tratados amplamente. Rodovias, veículos, diversões, bibliotecas, telegrafos, correios, produção vegetal — com dados comparativos — surgem de par com artigos sobre *Os Símbolos Nacionais, A nobiliarquia brasileira nos logradouros cariocas, Cruzeiro, — a nova moeda; etc. etc.*

Eis por que se pode dizer, com acerto, que o
ALMANAQUE EU SEI TUDO é
O livro dos Mil Assuntos

PREÇO: 8 CRUZEIROS. Pedidos mediante vale do Correio ou pelo reembolso postal á redação: Maranguape, 15, Rio. A' venda nas livrarias e pontos de jornais.

